REVISTA TRIMENSAL

DO

INSTITUTO HISTORICO

GEOGRAPHICO E ETHNOGRAPHICO DO BRAZIL

FUNDADO NO RIO DE JANEIRO

DEBAIXO DA IMMEDIATA PROTECÇÃO DE S. M. I.

O Sr. D. Pedro II

TOMO XLVIII

PARTE II

Hoc facit, ut longos durent bene gesta per annos
Et possint serâ posteritate frui.

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA UNIVERSAL DE LAEMMERT & C.

71, Rua dos Invalidos, 71

1885

FORTIFICAÇÕES NO BRAZIL

Época da respectiva fundação, motivo determinativo della, sua importancia defensiva, e valor actual.

Memoria escripta por convite da commissão directora das Conferencias sobre historia e geographia do Brazil em 1881

POR

AUGUSTO FAUSTO DE SOUZA

Bacharel em Mathematicas e Sciencias Physicas, Tenente-Coronel do Corpo de Estado Maior de Artilharia e Membro do Instituto Historico e Geographico do Brazil

> Temos para nós que, quando o inimigo nos ameaça, ha que prepararmo-nos para o receber à porta da casa e não dentro della depois de nol-a haver saqueado, para nos matar com as nossas armas, si não lhe pagamos os tributos, que nos impõe.
>
> *H. Ger. do Braz.* Varnhagen, 1ª secç. XXVI.

PREFACIO

Varião as opiniões, sempre que se trata de apreciar o dominio da metropole portugueza sobre a sua colonia americana, durante os trez seculos decorridos de 1500 a 1808. Querem uns, que, em todas as relações se descubra

o amor daquella por esta; amor comparavel ao de pai para filho, que concede tudo o que póde concorrer para felicidade deste, mas recusa (ainda que contra os impulsos do coração) aquillo que julga ser nocivo á sua inexperiencia. Outros, enxergando em todos os actos da metropole sómente o espirito de ganancia, compárão antes essas relações mutuas com as do senhor para o escravo, do qual procura tirar o maximo proveito, castigando e suffocando nelle qualquer idéa de liberdade; e se o trata em suas enfermidades, não é movido pela humanidade, porém sim pelo receio de perder a fazenda, a sua gallinha de ovos de ouro. Outros ainda, collocando-se em um plano intermedio (que é onde quasi sempre reside a verdade), admittem que o interesse era em grande parte o movel das acções do governo portuguez para com o Brazil, mas entendem que ha injustiça em desconhecer a benevolencia e bôa vontade que transparece em muitas das disposições administrativas dessa época; ao passo que algumas medidas vexatorias erão devidas antes á ignorancia e informações infieis, do que á má vontade desse governo.

No que, porém, todos concordão é que, qualquer que fôsse o sentimento a que elle obedecia, merece louvores e a nossa admiração a solicitude, com que durante o periodo colonial se cuidou dos meios de defeza das vastissimas costas e fronteiras brasilicas, sem recuar diante das difficuldades suscitadas pelos ataques dos adversarios ou pelas enormes distancias, em terrenos invios e infestados por tribus ferozes. Alleguem embora para diminuir o merito da metropole, que, assim obrando, ella só visava a guarda do seu thesouro, e que isso era ditado pelo proprio interesse. Admittimos, mas interesse igual, senão maior, devia nos animar tambem nesse particular, de defender a integridade do nosso territorio, entretanto, longe de imitar a previdencia de que nos derão exemplos, por muito tempo abandonámos completamente as fortalezas que nos legárão, deixando-as cahir em ruinas; só nos lembrando de reparar uma ou outra, depois que dolorosas offensas ou perigo imminente nos veio mostrar a necessidade de obras dessa natureza; ensinando-nos que a economia, virtude tão aconselhada geralmente, não oc-

cupa o logar predominante no que se refere á segurança e dignidade de uma nação, que presa o seu nome e quer fazer respeitar os seus direitos.

E' assim que, em todos os tratados de limites que celebramos com os nossos vizinhos, tivemos de ceder ricos territorios, que não soubemos aproveitar nem defender. E' assim que fomos desprezando fortalezas de grande importancia como as do morro de São-Paulo na Bahia, do Cabedello na Parahiba, algumas nos portos de Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e Santa-Catharina. E' assim que chegámos quasi a esquecer, que existirão fortificações em pontos notaveis das fronteiras, como as do Principe da Beira na margem do Guaporé, a dos Prazeres sobre o Iguatemy e outras, erigidas com mil sacrificios e a despeito da viva opposição dos Hespanhóes e dos selvagens. E' assim finalmente, que parecerá fóra de proposito e do bom senso, haver hoje em dia quem trate de tal assumpto, e que queira perder tempo aconselhando a restauração de algumas dessas obras e construcções de outras que nos podem prestar valioso auxilio, em um futuro que está fóra de todas as previsões humanas.

Diz-se, e é em parte verdade, que a importancia das fortalezas está muito reduzida com a rapidez dos meios de locomoção; mas isso não se entende por emquanto com o nosso paiz, no qual a direcção de nossas linhas ferreas é toda segundo vistas commerciaes e economicas e não estrategicas.

A consideração da inopportunidade desanimaria o autor de occupar-se de tal assumpto, si este não constituisse um ponto do *Questionario* que lhe foi enviado, acompanhado de gracioso convite, despertando-lhe o desejo de concorrer com um trabalho na altura de suas debeis forças, para o festim literario de Dezembro deste anno.

Sirva a prompta obediencia a esse convite, bem como a sincera confissão da propria fraqueza, de desculpa á pobreza e insignificancia da offerta; mas, si só compete aos reis e aos magos a offerenda do ouro, do incenso e da myrrha, não deve merecer desprezo o agreste fructo ou a flôr do mato, desde que são apresentados com effusão

d'alma, pelo campenio que não dispõe de outro objecto de maior valia.

Campinho, Agosto de 1881.

O presente trabalho é o desenvolvimento do 2° ponto da secção de *historia militar* do Questionario.

Procurando dar-lhe o melhor methodo e clareza, é elle dividido em tres capitulos, a saber:

1.° *Digressão através da historia*— no qual, segundo a ordem chronologica, se trata do que tem relação com o assumpto, desde a descoberta do Brazil até o presente.

2.° *Digressão através das costas e fronteiras*—onde se passa ligeira revista em toda a peripheria do paiz, designando os limites determinados por convenções diplomaticas.

3.° *Noticia das fortificações nas provincias*— no qual se diz alguma cousa do que existe em cada uma dellas, bem como uma rapida idéa do que existio.

Termina com as notas, que indicão a fonte historica e os documentos justificativos na fórma exigida pela illustrada commissão organizadora do mesmo *Questionario.*

I

Digressão atravez da historia do Brazil

São innatas no coração do homem as idéas de procurar meios de augmentar as suas forças e diminuir os pontos vulneraveis de sua propriedade, com auxilio de obstaculos naturaes ou artificiaes que lhe permittão lutar com vantagem contra o esforço de outros homens ou animaes ferozes. E' por isso que, pela historia dos povos os mais antigos, sabemos que, desde que elles começárão a constituir nações separadas, forão-se considerando como adversarias umas das outras, e tratárão de pôr em pratica, para sua defeza, idéas quasi identicas, consistindo em encerrar os povoados dentro de fortes estacadas com o fim de subtrahir o recinto das vistas e ataques dos inimigos exteriores, em comtudo obstar a que de dentro se pudesse offender os

contrarios com o arremêsso de projectis, ou facilitando as sortidas no momento opportuno.

Taes disposições, descriptas por Polybio nas suas obras, já fôrão encontradas por Alexandre entre os Hyrcanios; era assim entrincheirado o campo dos Gregos diante de Troia, segundo nos conta Homero; Xenephonte vio o emprego de meios semelhantas no paiz dos Drillios, assim como os virão o conquistador Pizarro, o navegante Cook e outros exploradores entre as regiões selvagens da America, da Africa e das ilhas do Oceano Pacifico; e quanto aos indigenas do Brazil, affirmão-nos os escriptores do seculo XVI que, quando os Portuguezes aqui aportárão, já encontrárão entre muitas tribus o uso de *cahiçaras* ou trincheiras, cobrindo seus aldeamentos e tabas, construidas com fortes estacas, tostadas ao fogo, e fincadas solidamente, deixando a espaços aberturas ou seteiras, atravez das quaes frechavão os atacantes, e com tranqueiras servindo de portas, por onde sahião para aprisionar e matar os contrarios logo que os vião dispor a retirada.

Para augmentar a energia da resistencia, muitos empregavão estacas de *juçara* eriçadas de grandes e agudos espinhos; outros semeavão desses espinhos e abatises na frente das palissadas; ou ainda, com o fim de aterrar o moral dos assaltantes, espetavão no alto das estacas os craneos dos inimigos que havião vencido nas guerras anteriores.[1]

Pelo seu lado, os atacantes empregavão no assalto varias traças mais ou menos engenhosas, taes como: atirarem para o interior flechas com algodão inflammado e outros meios para atear o incendio na taba ou na estacada; approximarem-se escudados por anteparos moveis de madeira, á semelhança das torres ambulantes dos cruzados, afim de, chegando á trincheira, abalar as estacas com repetidos golpes de pesados troncos, etc.[2].

---

[1] *Hist. da Prov. de Santa Cruz*, por Gandavo. 1576, cap. 11.— *Descripção da America Portugueza* 1587. por Gabriel Soares. *Revista. Trim. do Inst.* 1839.— *Thesouro do maximo rio Amazonas*, pelo padre João Daniel, parte 2a, cap. 2º, e ainda *Historia Geral do Brazil* por Varnhagen, 1º secção IX, onde se vê o desenho de uma aldêa indigena fortificada.

[2] Idem, e *Hist. do Brazil* de J. I. Abreu Lima, 1º, cap, 1º § 5º.

Na época da descoberta do Brazil, datando ainda de pouco tempo o emprego de artilharia e esse mesmo muito imperfeito, a sciencia da fortificação das praças se achava muito atrasada, consistindo apenas na construcção de muralhas de madeira, taipa, adobes ou pedra, formando extensas cortinas, com muros de guarda com arteiras pela parte superior, e tendo de distancia em distancia torres quadradas ou circulares, sem flanqueamento nem obras exteriores; donde é razoavel conjecturar que, as palissadas, entrincheiramentos, reductos e fortins elevados pelos exploradores portuguezes Christovão Jaques e Martim Affonso, pelos donatarios e primeiros governadores Thomé de Souza e Mem de Sá, para cobrirem e defenderem as nascentes cidades das invasões estrangeiras e ataques dos selvagens, não devião ser muito superiores às trincheiras destes, nem podião offerecer prolongada resistencia; e isso explica a facilidade com que forão tomadas, logo aos primeiros assaltos, os trincheiramentos de Iguarassú e Itamaracá por Duarte Coelho e Pero Lopes em 1530 e 1532,[3] o forte de Coligny e aldeias fortificadas de Uruçumirim e Paranapucuy por Mem de Sá e Estacio de Sá em 1560 e 1567,[4] e as do Recife rendidas pelo aventureiro Lancaster em 1593.[5]

Não já assim a fortaleza do Cabedello na foz do Parahiba do Norte, a qual tendo sido edificada com esmerada attenção pelo *mestre d'obras d'El Rey* Manoel Fernandes e pelo allemão Christovão Lins, artilhada com cinco canhões guarnecidos por 20 defensores, repellio galhardamente em 1597 o ataque de 350 Francezes desembarcados de 13 náos de guerra,[6] sendo justo accrescentar que, na construcção e ormamento dessa fortaleza, teve tambem parte o almirante D. Diogo Baldez, que com sua esquadra cruzava os

---

[3] *Mem. hist. de Pernambuco*, por J. B. Fernandes Gama, 1°. *Hist. Geral do Brazil*, 1°.

[4] *Annaes do Rio de Janeiro* por Balthazar Lisboa— *Mem. hist. do Rio de Janeiro*, por Pizarro.

[5] *Mem. hist. de Pernambuco— Hist. Geral do Brazil* tomo 1°— *Hist. do Brazil* por Abreo Lima, 1°, cap. 3° § 1°.

[6] *Historia Geral do Brazil*, tomo 1°, secção XXIV.

mares do Brazil, no intuito de varrel-os dos piratas e ir auxiliando a construcção de varios fortes na costa, como o da Barra-Grande em Santos, atacada pouco antes por Cavendish e Fenton.[7]

Com o despontar do seculo XVII surgio tambem o progresso da arte de fortificar, com o emprego do traçado abaluartado, em que os bastiões ou salientes são afeiçoados para a defeza obliqua, idéa apresentada nos ultimos annos anteriores pelo italiano San Miguel, pelo francez Errard, seguida de perto pelas modificações do allemão Speckle, dos hollandezes Marollois e Freitag, dos francezes Deville e Pagan, e ainda posteriormente aperfeiçoada pelo immortal Vauban; que todos concorrêrão para engrandecer o valor das praças fortes; pois que além do fecundo principio do flanqueamento das linhas e cruzamento dos fogos, erão ellas singularmente reforçadas pela addição dos flancos duplos e triplos, orelhões, tenalhas, revelins ou meias luas, falsas bragas, reductos e outras obras de traçado e construcção engenhosas e difficeis, mas que derão á defeza superioridade decidida sobre o ataque, até que o mesmo Vauban, passando de fortificador a atacante, inventou tiro de recochete, especie de *ovo de Colombo*, que fez mudar de face as relações entre essas duas partes antagonicas da sciencia da guerra.

Algumas dessas idéas mais adiantadas de fortificação, fôrão introduzidas no nosso paiz pelos Francezes e pelos Hollandezes.

Os primeiros que, sob o commando de Riffault havião occupado a ilha do Maranhão em 1594, fôrão reforçados em 1612 por La Ravardière, que construio os fortes de São-Luiz e de São-José de Itapary, nos quaes resistirão aos esforços do intrepido Jeronymo de Albuquerque, que para oppôr-se a aquelles teve tambem de construir os de Nossa Senhora do Rosario na costa do Ceará, e os de Santa-Maria e do Calvario na do Maranhão.

Nessa ardua empreza de expellir os Francezes, que havião creado raizes durante 20 annos de occupação, Jeronymo de Albuquerque tinha como auxiliares o

---

[7] *Apontamentos historicos de São-Paulo* por M. E. de Azevedo Marques, tomo 1º.

engenheiro mór Francisco de Faria e o sargento mór Diogo de Campos, que havião militado com distincção na guerra de Flandres,[8] e por esta razão, bem como pela superioridade com que fôrão rebatidos os ataques dos Francezes, deve crêr-se que os fortes portuguezes fôrão erigidos segundo as regras; sendo certo que, depois de varios combates e da renhida acção geral offerecida por La Ravardière, que é nella batido, seguio-se o armisticio de 27 de Novembro de 1614, a occupação do forte de Itapary em Julho seguinte, e depois da chegada de Alexandre de Moura, com reforços de Pernambuco, o sitio da fortaleza de São-Luiz, a capitulação de 2 de Novembro de 1615 e o immediato embarque para a Europa do cavalheiro chefe francez com o resto dos companheiros seus e de Riffault.

Quanto aos Hollandezes, aproveitando-se do abatimento em que jazia Portugal depois do desastre de Alcacer-quibir, e animados da inimisade geral contra Philippe II, lançárão vistas cubiçosas para a America do Sul, e desde o anno de 1616, tomando por pretexto a perseguição que na Hespanha soffrião os estrangeiros, começárão apoderando-se dos navios da carreira do Brazil, invadirão depois o rio Amazonas, fortificando varios pontos desde a sua foz até á do Xingú, e crescendo a sua ambição com o estabelecimento da Companhia das Indias, resolvêrão assenhorar-se de uma porção do riquissimo territorio sobre o Atlantico; e preparando os necessarios planos e meios materiaes, com o efficaz auxilio do seu governo, em Maio de 1624 apparecia, diante da Bahia de Todos os Santos, uma poderosa armada de 33 navios e 500 canhões sob as ordens do almirante Jacob de Villekens.

Não se achava a cidade apercebida para resistir a tão formidavel inimigo, pois que apenas poderião fazer fraca opposição os fortes de Santo-Antonio além do Carmo, de São-Marcello e as velhas trincheiras de São-Bento; e portanto não admira que, no dia seguinte ao da chegada, estivesse Villekens senhor da capital da colonia Portugueza, e prisioneiro o governador D. Diogo de Mendonça,

---

[8] *Corographia Paraense* de I. Accioli, pag. 178— *Historia Geral do Brazil*, 1º, secção XXVI.

que com seu filho e 70 soldados resistirão heroicamente dentro da casa do governo. Mas, si póde resultar para as autoridades e povo algum desar pela insignificante resistencia que então offerecêrão, todos se rehabilitárão depois com a energia de que derão provas no anno seguinte, quando soccorridos pela esquadra de D. Fradique de Toledo repellirão os invasores; e mais brilhantemente ainda em 1630 e 1637 na defesa que oppuzerão as respeitaveis expedições dirigidas por Vandembourg e pelo proprio Mauricio de Nassau.

Não entra no nosso proposito, pois que é muito limitado o nosso plano, a descripção das peripecias da invasão dos Hollandezes, nem a resistencia mais ou menos tenaz que tiverão de vencer, até conseguirem firmar-se por algum tempo nas plagas brasileiras, apenas lembraremos que, para esse resultado, tiverão de empregar 4 grandes expedições, a saber: Villekens e Vandorth em 1624, Loncq e Vandembourg em 1630, Mauricio de Nassau em 1637, Schopp e Stacourt em 1646; e que obtendo com muito custo estabelecer-se no Recife, ahi se mantiverão, fazendo desse ponto o centro da propagação do seu poder pelas capitanias visinhas, chegando a se consolidar de tal maneira pelas armas e bôa administração, que só puderão ser expulsos pelo concurso do mais acrysolado patriotismo, alliado aos mais bellos exemplos de valor, desinteresse e incontrastavel constancia de que dão noticia as chronicas das nações.

Foi durante esses 30 annos de renhida luta, quasi sem intervallo de treguas, que, tanto pelos invasores como pelos nossos maior numero de obras de fortificação fôrão construidas em terras do Brazil, e si de muitas dellas não restão hoje vestigios, ainda se encontrão de muitas outras, venerandas reliquias que podem attestar a pertinacia dos Hollandezes e o valor impeterrito dos independentes, em varios pontos da costa da Bahia, Alagôas, Pernambuco, Parahiba, Rio-grande do Norte, Ceará, Maranhão e margem do Amazonas.

A celebre capitulação do campo do Taborda, diante da fortaleza das Cinco-Pontas, em 26 de Janeiro de

1654,[9] que deu gloriosissimo remate á epopea pernambucana, não pôz fim ás pretenções dos Hollandezes sobre os dominios de Portugal, pois não obstante a avultada indemnização em dinheiro que obtiverão por manejos diplomaticos, ainda se apossárão de Ceylão e outros pontos da Asia, continuando a praticar hostilidades, até que chegou á Lisbôa a noticia de que, escarmentados nas capitanias do norte do Brazil, projectavão elles nova empreza em uma das capitanias do Sul.

Calculou o governo portuguez, que seria agora o Rio de Janeiro o alvo da ambição da Hollanda. No seu magnifico porto estacionavão constantemente embarcações com preciosos carregamentos destinados á metropole; e a cidade, comquanto não muito desenvolvida, occupava posição tão feliz, que era facil aos instinctos commerciaes dos Flamengos prever, que ella estava destinada ao mais brilhante futuro. Porto e cidade achavão-se, nessa época, apenas defendidos pelas fortificações de taipa erigidas no seculo anterior.[10] no morro do *Castello*, pelos fortes do *Pontal de Santiago* (hoje ponta do Arsenal de Guerra), e de *Santa-Cruz* (actualmente igreja da Cruz dos Militares) nos extremos da cidade, bem como pelas baterias de *N. Senhora da Guia* (hoje fortaleza de Santa-Cruz), e *São-Theodosio* (presentemente fortaleza de São-João) nos dous promontorios, que dominão a entrada da barra. Recebendo tal noticia e a informação do governador Thomé Correia de Alvarenga acerca dessas fortificações[11] o governo portuguez ordenou na carta regia de 17 de Outubro de 1668, que fôssem collocadas em pé de guerra as fortalezas do porto, e foi reiterando essa ordem aos governadores que se succedêrão, pelas cartas regias de 1 de Setembro de 1674 e 4 de Fevereiro de 1676[12] chamando nesta ultima especial attenção para a fortaleza de

---

[9] Acha-se esse curioso documento nas *Mem. hist. de Pernambuco* 3° cap. 4°.

[10] *Hist. Ger. do Brazil*, 1°, 256.—*Annaes do Rio de Janeiro* tomo 1°.

[11] *Annaes do Rio de Janeiro*, 3°, cap. 3° § 4.

[12] Archivo da camara desta cidade.—*Registro das ordens reaes*, livro 9°.

S. João, cuidados estes que não o impedirão de ordenar em 1679 ao governador D. Manoel Lobo, que fôsse fundar nos limites meridionaes sobre o Rio da Prata, a colonia do Sacramento, malfadada ideia que deu origem a tantas discordias e enraizou durante seculos o odio entre os Portuguezes e Castelhanos, de pais a filhos na America do Sul.

Ao passo que assim se tratava da segurança do sul, não era descuidada a do norte, onde constava que os Francezes, encantados pela leitura da recente obra do Padre Christovão d'Acuña sobre o rio Amazonas, [13] dispunhão-se a estender suas possessões da Guiana, e como outr'ora o pretendêrão os Hollandezes e Inglezes, approximarem-se do rio mar, cuja margem esquerda lhe provocava a cubiça. O governador Antonio de Albuquerque Coelho recebeu logo ordem para fortificar os pontos convenientes desse rio, [14] o que elle cumprio fazendo edificar as fortalezas de *Santo Antonio de Macapá*, sobre as ruinas do forte inglez de Cumaú, a de *Araguary* e a de *São-José do Rio-Negro*; offerecendo-se nesta occasião o constructor desta ultima, Francisco da Mota Falcão, para fazer á sua custa quatro fortalezas nos sitios que lhe fôssem indicados, o que o rei D. Pedro II aceitou, fazendo-lhe mercê do governo vitalicio de uma dellas á sua escolha; mas falecendo Falcão depois de principiar as de *Obidos*, *Almeirim* e *Santarem*, passou a mercê a seu filho Manoel da Mota Sequeira, que escolheu a de Santarem na margem do Tapajós, e lhe foi conferida não obstante ter ficado incompleta a promessa de seu pai. [15]

A edificação das fortalezas de Araguary e de Santo Antonio de Macapá occasionou em 1697 uma invasão dos Francezes sob o mando do Marquez de Ferrolles, governador de Caiena, e em seguida a troca de notas diplomaticas entre a França e Portugal, das quaes resultou o

---

[13] *Relação do Rio Amazonas*, pelo padre Christoban d'Acuna. Rev. Trim. do Inst. 1865, 2º trim.

[14] *L'Oyapoc et l'Amasone* pelo Dr. J. Caetano da Silva, 1º, § 121 e 2º § 1950.

[15] *Alvará* de 15 de Dezembro de 1684.— *Exploração do Tapajós* em 1872 pelo Dr. J. Barboza Rodrigues.

Tratado provisional e suspensivo de 4 Março de 1700, cujo artigo 1° obrigava o governo portuguez a demolir as duas fortalezas; disposição que foi annullada 13 annos depois pelo artigo 9° do tratado de Utrecht, o qual reconhecia o pleno direito do rei de Portugal para reconstrui-las[16].

O seculo XVIII começou com successos muito serios para o sul do Brazil. A vastidão e riqueza das possessões de Portugal e a fraqueza de seu governo que com difficuldade podia enviar soccorros a tão distantes paragens, animavão os aventureiros, muitas vezes apoiados pelas respectivas autoridades, a intentarem empresas em pontos do Brazil. Desde os ultimos annos do seculo XVII alguns navios francezes derão motivos de queixa, em portos ao sul do Rio de Janeiro, dando logar a que o governador Sebastião de Castro Caldas officiasse ás autoridades da Ilha-Grande, Santos e São-Sebastião[17] ordenando que negassem recursos a taes hospedes e os tratassem como a inimigos, e contando com a represalia, tratou de se aperceber contra qualquer ataque, mandando reforçar as fortalezas de Santa-Cruz, de São-João, de Santiago, e construir baterias na ponta de Gragoatá e ilha de Villegaignon, no que foi muito ajudado pelo povo que espontaneamente concorreu com oito mil cruzados para essas obras.

Que erão bem fundados esses receios, reconheceu-se em breve tempo, pois que, rompendo a guerra da successão de Hespanha em que Portugal era desfavoravel ao pretendente francez, foi aproveitado o ensejo; e logo em Setembro de 1710 surgio em frente á barra a audaciosa expedição de Duclerc, a qual não logrando entrar, por causa dos tiros que recebeu de Santa-Cruz e de São-João, seguio para a Ilha-Grande, e depois de gastar alguns dias em reconhecimentos e simulações, desembarcou a soldadesca na Guaratiba, dando depois tempo a que a força alcançasse por terra a cidade, a esquadrilha approximou-se novamente da nossa barra, indo chegar na mesma occasião em que os repiques

---

[16] *L' Oyapoc et l'Amasone* §§ 178, 1975 e 2058. — *Commissão do Madeira* pelo padre F. Bernardino de Soura.

[17] *Annaes do Rio de Janeiro*, 5°, cap. 4° § 37.

dos sinos e salvas de regosijo indicavão a derrota da expedição e a prisão de Duclerc, com os companheiros que havião sobrevivido aos combates.

A alegria motivada por tal successo foi immensa. O dia 19 de Setembro passou a ser santificado, a imagem de Santo Antonio do morro, de praça de pret que era, foi promovida a capitão de infantaria[18]; e o governador Francisco de Castro Moraes galardoado com uma commenda e a competente pensão que lhe era annexa. Acreditando ter merecido essa recompensa, julgou-se esse governador um heróe, e calculando que a victoria ganha fizesse para sempre esmorecer o animo dos aventureiros, mandou desguarnecer as fortalezas do porto e da barra, e deixou-se adormecer sob os louros, com somno tão profundo, que delle não o conseguirão arrancar os avisos, particulares e officiaes, de se estar preparando em França, e depois em marcha, uma expedição vingadora da de Duclerc.

Em 12 de Setembro de 1711 as náos de Duguay-Trouin sem darem um tiro[19] singravão pela barra dentro e ião fundear junto á ilha das Cobras, cujo forte estava abandonado, como o estavão todas as fortalezas, com excepção da bateria de Villegaignon, que aos primeiros tiros soffreu uma explosão no paiol que se inutilisou, matando parte da guarnição. O pessoal da fortaleza de Santa Cruz, a principal da barra, compunha-se de 60 individuos, dos quaes sómente 3 artilheiros (!), e similhantemente se achavão as de São João e as outras pelo que, quando entravão as náos francezas, *os tiros das fortalezas mais parecião salva do que peleja*[20]. Duguay-Trouin desembarcou a seu salvo, occupou e fortificou-se na ilha das Cobras, morros de São-Diogo e da Conceição, e quando julgou a proposito enviou uma intimação ao governador Moraes que, em mal cabido assomo, responde *estar resolvido a verter a ultima gota de seu sangue em defesa da cidade*; mas, horas depois, expedia ordens para

[18] *Carta regia* de 21 de Março de 1711.

[19] E' esta a versão de alguns historiadores; Duarte Nunes e outros affirmão, que a esquadra de Duguay-Troim entrára no porto dando repetidas descargas.

[20] *Annaes do Rio de Janeiro*, 5°, cap. 4°.

que sahissem das trincheiras os que as guarnecião, e bem assim os que estavão nas fortalezas da barra e defensas da cidade (!) e pouco depois, no nefasto dia 10 de Outubro de 1711, a cidade com todas as suas riquezas ficava á mercê do afortunado invasor, confirmando-se ainda uma vez o *audaces fortuna juvat*!

Cobardia ou traição do governador e dos que com elle partilhárão em conselho tão grande responsabilidade, a vergonha resultante foi attenuada pela profunda indignação do povo, que prendendo o governador e queixando-se amargamente pela voz do Senado da Camara[21], foi attendido pelo governo, que vibrou merecido castigo sobre os fracos que livrárão o ousado Duguay Trouin de receber no seu orgulho uma lição tão severa, como a que fôra infligida ao seu antecessor.

Sangra ainda o coração de todo o Brazileiro, mormente fluminense, ao recordar tão negro transe por que passou ha 170 annos a sua patria; passaremos, pois, adiante sem fazer mais commentarios reportando-nos ao que disserão Pizarro, Lisboa, Varnhagen e outros historiadores que tiverão por doloroso dever serem mais minuciosos nesse calamitoso periodo, apenas com relação ao assumpto que nos occupa, diremos, que, precisando dar á sua façanha alguma gloria além do lucro pecuniario que visára, o feliz Duguay-Trouin e seu panegirista Thomas, elevando a hyperbole a um grão que só encontra *simile* nas aventuras do celebre Monkausen, pintárão o porto e a cidade eriçados de formidaveis fortalezas e baterias com centenas de canhões, servidos por milhares de artilheiros; promovêrão á cathegoria de *torres e baluartes* os insignificantes parapeitos da Bôa-Viagem e Gragoatá; chamárão ilhas fortificadas, a de Villegaignon onde havia uma ligeira bateria que voou pelos ares antes de servir á defesa, e a das Cobras que se achava em abandono; figurárão ter atravessado *por entre* 300 *troões alinhados sobre o seu transito e que combinados cruzavão um fogo infernal; a cidade situada no meio de montanhas coroadas de baterias, que parecião troar do alto dos céos e no*

[21] *Annaes do Rio de Janeiro*, tomo 5°, cap. 5°, § 41.

seu recinto um exercito de doze mil homens disciplinados na Europa,[22] e outras exagerações que tocão o cumulo do ridiculo, quando são cotejadas com a mesquinha e vergonhosa realidade.

Comquanto o tratado de 11 de Abril de 1713 devesse pôr o Rio de Janeiro a coberto dos ataques dos Francezes, o governo portuguez mandou fundar as fortalezas da Conceição, da Lage e da ilha das Cobras, ordenando quanto ás de São-João e de Santa-Cruz da barra, que, levadas á ultima perfeição, deverião estar sempre armadas e guarnecidas[23]; e bem assim determinou, que da Bahia fôssem engenheiros tratar das fortificações da costa do Espirito-Santo[24].

Como para demonstrar o fundamento dessa desconfiança e a insufficiencia do tratado de paz, para impedir as emprezas dos armadores francezes, chegou á Lisboa a noticia de haverem alguns navios dessa nação, sob o commando do capitão Lesquelin, occupado em fins de 1736 a ilha de Fernando de Noronha, á qual denominárão *isle Dauphine*, e aproveitando-se do seu affastamento do continente, farião dali o centro de suas excursões e contrabandos[25]. Incumbido o governador de Pernambuco Henrique Freire de os ir desalojar e fortificar a ilha, este mandou uma expedição dirigida pelo mestre de campo João Lobo de Lacerda, que chegando á ilha della tomou posse sem resistencia da parte dos intrusos que de prompto a evacuárão; e dessa época data a construcção das fortalezas, que ainda ali existem, quasi todas em estado de ruina.

O mesmo tratado de paz reconhecia a Portugal o inteiro dominio da colonia do Sacramento; sem embargo

---

[22] *Memoires de Mr. Duguay-Trouin* por Thomas, 1740.

[23] *Carta regia* de 26 de Janeiro de 1715.— *Provisão* de 22 de Setembro de 1730.— *Carta regia* de 23 de Abril de 1736 — *Mem. hist. do Rio de Janeiro*, 5° cap. 5.

[24] *Provisão* de 20 de Abril de 1730.— *Mem. hist. do Rio de Janeiro* tomo 2°.— *Dicc. hist. do Espirito-Santo* por Cesar Marques, 246.

[25] *Mem. da Prov. da Bahia* por Accioli, 1°, 172.— *Hist. Geral do Brazil*, 2°, 162.— *Mem. hist. do Rio de Janeiro*, 9°, 306.

disso, foi ella accommettida pelo governador de Buenos-Ayres em 1735, sendo no anno seguinte obrigado a evacual-a; e querendo o governo portuguez segurar as suas fronteiras do sul, enviou o brigadeiro José da Silva Paes, a fundar a colonia do Rio-Grande, fortificando-a do lado da campanha; e assim que este, em officio de 11 de Agosto de 1738, participou ter concluido essa missão, foi-lhe conferido o governo da capitania de Santa-Catharina, desmembrada da de São-Paulo, com ordem de promover a povoação e defesa da ilha, o que elle executou, construindo as fortalezas de Santa-Cruz do Anhatomirim, de São-José da Ponta-Grossa, de Santo-Antonio do Ratones, e da Conceição na barra do sul; no que foi continuado por seus successores Francisco Antonio Cardoso e Francisco de Souza Menezes, que fizerão erigir outras obras de defesa na costa de léste da ilha.

Pouco tempo depois subio ao throno o rei D. José, e querendo iniciar um reinado de paz, que lhe permittisse entregar-se ao bem-estar do seu povo, assignou com a Hespanha o tratado de 13 de Janeiro de 1750, estabelecendo com clareza a linha divisoria de suas colonias americanas; e dous annos depois indo os respectivos commissarios Gomes Freire de Andrade e Marquez de Valdelirios proceder á demarcação da fronteira, tiverão que vencer a tenaz opposição dos indios açulados pelos padres jesuitas, sendo necessario proceder a obras de fortificação, e dar-lhes os combates de 10 de Fevereiro e 10 de Maio de 1756, episodio historico que servio de argumento ao formoso poema de José Basilio da Gama. Contestações que sobrevierão entre os demarcadores, derão causa a ser annullado e substituido esse tratado pelo de 12 de Fevereiro de 1761; mas o famoso pacto de familia de 12 de Agosto desse mesmo anno ateou novamente o facho da discordia entre Portuguezes e Castelhanos. Estes, sob as ordens do governador de Buenos-Ayres D. Pedro Ceballos, atacão a colonia do Sacramento, invadem a fronteira do sul, tomão os fortes de Santa-Thereza e de São-Miguel na linha de Castilhos, e occupão a villa do Rio-Grande; emquanto os Portuguezes na fronteira de Mato-Grosso invadem os povos de Santa-Rosa e do Itenez, quando chega a noticia de

ter sido assignado o tratado de 10 de Fevereiro de 1763, que dava fim ás hostilidades, estipulando que tudo seria conservado como era antes da guerra. Erão, porém, fallazes essas beneficas disposições, pois que a despeito dellas continuárão os Hespanhóes estendendo-se pelo continente, construindo o forte de Santa-Tecla perto de Jaguarão, devastando o nosso territorio na direcção do Rio-Pardo, e occupando o general D. José Verdun a villa do Rio-Grande, sendo necessario para expellil-os o esforço combinado das forças rio-grandenses e paulistas com outras chegadas da Europa com o general João Henrique Bohm, e ainda o da esquadra de Mac-Duall, operações interessantissimas que terminárão pelo ataque e victoria de 2 de Abril de 1776, que entregou aos portuguezes as chaves da villa de São-Pedro, conforme se poderá lêr desenvolvidamente em varias obras competentes.[26]

Muitos successos importantes, mas alheios ao nosso trabalho, tiverão lugar no resto desse anno e começo do seguinte, época em que regressou da Europa o já citado D. Pedro Ceballos com uma respeitavel esquadra de 19 navios de guerra, 640 canhões, 96 transportes e 9.400 homens de desembarque; a qual entrando pela barra do norte de Santa-Catharina em 20 de Fevereiro de 1777, facilmente se apoderou da ilha, que abandonada pela esquadra de Mac-Duall, com defeituosas fortalezas desprovidas de guarnição e de viveres, rendeu-se sem resistencia ao feroz castelhano, inimigo figadal dos Portuguezes[27]. Tendo feito pezar sobre os miseros habitantes o seu odio e despotismo, e depois de haver tentado em vão mandar uma expedição por terra através da Laguna, D. Pedro Ceballos foi tomar a malfadada colonia do Sacramento, e dispunha-se a ir em auxilio do seu compatriota Vertiz

[26] *Annaes do Rio-Grande do Sul* pelo V. de S. Leopoldo, caps. 7º e 8º.— *Hist. Geral do Brazil*, 2º, secção XLIV.

[27] *Res. hist. de Santa Catharina* pelo V. de S. Leopoldo, cap. 2º. — *Corogr. Brasilica* de Casal, 1º, 102.— *Hist. Geral do Brazil*, 2º, secção XLIV.

E' do maior interesse a defesa do governador A. C. Furtado de Mendonça, a qual se encontra nos *Annaes do Rio de Janeiro*, tomo 3º e *Revista Trim. do Inst.* 1864, 2º tomo.

na fronteira do Rio-Grande, quando sobreveio a ordem positiva de suspensão de hostilidades, consequencia do tratado de Santo-Ildefonso, datado de 1 de Outubro de 1777, que restituia a ilha de Santa-Catharina aos Portuguezes, a Colonia aos Hespanhóes, estabelecia a nova linha divisoria do Chuy em lugar da de Castilhos, e dava regras para a demarcação, que se trataria de effectuar.

Da mesma fórma que succedêra a Gomes Freire no sul, a commissão demarcadora do norte, confiada a principio ao governador do Pará e depois ao de Mato-Grosso, encontrára obstaculos suscitados pelos padres[28]; e para resguardar essa extrema fronteira dos ataques dos Castelhanos e das tribus bravias, fôrão edificadas as fortificações de *São-Gabriel da Cachoeira* e de *São-José de Marabitanas*, no Rio-Negro, em 1760; de *São-José do Macapá*, no Amazonas, em 1764; de *Nossa Senhora dos Prazeres*, no Iguatemy, em 1774; de *Nova-Coimbra*, no Paraguay, em 1775; do *Principe da Beira* no Guaporé e de *Tabatinga*, em frente ao Javary, em 1776; e de *São-Joaquim* no Rio-Branco em 1778.

Para cumprir as disposições do tratado de Santo Ildefonso, fôrão nomeadas quatro divisões demarcadoras: a 1ª que comprehenderia a linha desde o arroio Chuy á foz do Pepiri-guassú sobre o Uruguay; a 2ª deste ponto á boca do Jaurú sobre o Paraguay; a 3ª dahi á foz do Japurá no Amazonas; e finalmente a 4ª tendo a seu cargo o resto da fronteira até as ultimas divisas com as Guianas; em todas as quaes se distinguirão por trabalhos, que ainda hoje são os mais exactos e completos sobre esses territorios, homens benemeritos como Sebastião da Veiga Cabral, Ricardo Franco de Almeida Serra, Candido Xavier de Almeida, Antonio Pires da Silva Pontes, Francisco José de Lacerda, José Joaquim Victorio da Costa, José Simões de Carvalho, aos quaes se deve ajuntar o sabio Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira, chefe da expedição scientifica enviada pela metropole, e que sendo contemporanea dos demarcadores, por

---

[28] *Hist. Geral do Brazil*, 2ª, secção XLIII.

innumeras vezes teve occasião de confirmar e esclarecer os trabalhos daquelles.[29]

Durante esse tempo a séde do governo colonial, por conveniencia dos negocios do sul, se havia transferido da Bahia para o Rio de Janeiro, e os vice-reis fizerão das defesas de seu porto assumpto de esmerados e constantes cuidados. A' imitação do que fizera o illustre Gomes Freire, que de volta da sua ardua missão ao sul, tratou de melhorar as fortalezas e augmentar os seus recursos defensivos [30], seus successores, mórmente o Conde da Cunha, o Marquez de Lavradio e o Conde de Rezende, ligárão os seus nomes a obras dessa natureza, elevando baterias em quasi todas as praias e montes da nossa bahia e litoral ao sul da barra, e mantendo-as sempre em bom pé de guerra, no qual as encontrou o principe regente D. João, quando aqui aportou em 1808. [31]

E ao entrar nas reflexões em relação ao seculo presente, é justo que rendamos um tributo de admiração á bella defesa do forte de Nova-Coimbra, em Setembro de 1801, o qual com fraca guarnição e alguns canhões de calibre um, mas galhardamente commandado pelo Tenente-Coronel Ricardo Franco, sendo accommettido no dia 17 pelo Governador do Paraguay D. Lazaro Ribera á testa de uma expedição de 4 grandes sumacas artilhadas e com 800 homens, e intimado pelo arrogante hespanhol a que se rendesse, deu-lhe resposta tão digna, acompanhada de correspondentes

---

[29] Podem ser consultadas com proveito os trabalhos desses escriptores em diversos tomos da *Revista Trimensal do Instituto*, publicação iniciada em 1839 e continuada com regularidade até hoje.

[30] O vice-rei Marquez de Lavradio em seu relatorio (Rev. Trim. 142, pap. 414) accusa Gomes Freire de ter, nos 30 annos de seu governo, deixado arruinar as fortalezas do Rio de Janeiro, mas esta accusação não é aceita por quem sabe qual o zelo com que cumpria os seus deveres o nobre C. de Bobadella, sob cuja administração foi concluida a fortaleza da ilha das Cobras e começada a actual de Villegaignon.

[31] Em algumas repartições da guerra existem plantas e cartas topographicas, levantadas no tempo dos vice-reis no Rio de Janeiro, que justificão o que avançamos. V. *Memoria* de A. Duarte Nunes. *Rev. Trim. do Inst.* 1858.

actos de valor, que o obrigou a retirar-se com grande perda, depois de 9 dias de ataques mallogrados.[32]

Temos, na ligeira revista que acabamos de passar, percorrido quasi todo o periodo colonial, pois que as guerras, que se succedêrão no sul até 1820, carecem de interesse em relação ao assumpto que nos occupa, e nenhuma disposição importante houve durante essa época, á excepção da carta regia de 7 de Janeiro de 1820 determinando que, ainda quando as fortalezas não servissem para a defesa, devião ser conservadas, tendo em vista algum outro fim util.[33]

Entremos no periodo do Imperio.

Assim que foi proclamada a independencia, a noticia de se estar preparando em Lisbôa uma esquadra com destino ao Brazil, fez receiar um ataque contra o Rio de Janeiro, e tranquillo o nosso governo quanto á barra, que era facil defender com vigor, recordou-se do desembarque de Duclerc em 1710 na Guaratiba, ponto que tinha agora maior importancia, por ter em suas proximidades a fazenda de Santa-Cruz, onde ás vezes residia o novo Imperador, e esta lembrança, aconselhando a fortificação dos pontos de communicação entre a côrte e o litoral do sul, fôrão effectuadas varias obras de defesa nas praias, desde a Copacabana até á ilha de São-Sebastião, na costa de São-Paulo, bem como nas estradas do interior, sendo a principal destas o forte de Nossa Senhora da Gloria do Campinho, em excellente posição no chamado desfiladeiro de Irajá, dominando com o auxilio de baterias nas montanhas fronteiras a estrada da Pavuna e a juncção das de Santa-Cruz e de Jacarepaguá, caminho directo da Guaratiba.

Além dessas, as unicas fortificações que representárão algum papel por occasião da luta da independencia, fôrão as da Bahia, occupadas, as da cidade pelas tropas portuguezas do general Madeira, e as da ilha de Itaparica e reconcavo, que servião de apoio ás forças imperiaes, até que, no venturoso dia 2 de Julho de 1823, se realisou a entrega da cidade e o embarque para Lisboa, dos batalhões inimigos.

---

[32] *Rev. Trim. do Inst.* 1850, 1º tr. *memorias chronologicas*, 1865, 1º trim. (documentos officiaes)— *Corogr. Brasilica*, 1º, 218.

[33] *Synopsis da legislação brasileira*, por Nascimento,— vocabulo *Fortaleza*.

Os nove annos do primeiro reinado decorrêrão sem alteração alguma concernente a fortificações, a não ser o melhor armamento das do litoral de São-Paulo e Santa-Catharina, ameaçadas pelos corsarios durante a campanha do Rio da Prata ; mas, com o dominio regencial em 1831, foi iniciado o principio de economia rigorosa nos diversos ramos da administração, principio salutar e necessario, quando é executado com sensatez, porém que deve conduzir a resultados desastrosos, quando, exagerado e sem criterio, é applicado ao que diz respeito á segurança e defesa da integridade nacional. E' a theoria do individuo, que se deixa gangrenar e morrer, por não querer gastar com os recursos da cirurgia. Por mais de uma vez tem o Brazil reconhecido a verdade desta proposição, pois que foi esse o principió invocado pelo governador Francisco de Castro Moraes, em sua defeza pelo desguarnecimento das fortalezas do Rio de Janeiro, do qual resultou a vergonhosa capitulação de 10 de Outubro de 1711; foi a economia exagerada, que fez negar ao brigadeiro Antonio Carlos Furtado de Mendonça, os recursos por elle pedidos para defender a ilha de Santa-Catharina, dando assim logar á facillima conquista de D. Pedro Ceballos em 1777 ; a esse principio devemos o estado de geral desarmamento em que nos achavamos, quando foi insultado o nosso pavilhão pelos Inglezes em 1850 e 1862, pelos Peruanos, no Amazosas, em Outubro de 1862, pelos Americanos, na Bahia, em Outubro de 1864, nesse mesmo anno pelos Orientaes em Jaguarão e pelos paraguayos em Mato-Grosso, ainda por estes em o anno seguinte na provincia do Rio-Grande do Sul, finalmente é esse principio que nos conserva em completa immobilidade, apezar das nuvens escuras e carregadas de electricidade, que se accumulão ao sul do nosso horizonte.

Impellida portanto pela idéa economica, a regencia nomeou uma commissão de officiaes para examinarem o armamento das fortificações, e posteriormente publicou uma lei supprimindo os commandos dos fortes, fortins e baterias ; bem como dous avisos, ordenando que fôssem desarmadas as fortalezas da côrte e das provincias, exceptuando apenas algumas que, por sua grande importancia, serião comtudo reduzidas á metade no seu armamento e guarnição ; quanto

ás outras, seria todo o material recolhido aos arsenaes, ficando cada uma dellas tendo por guarnição um cabo com *um ou dous soldados, incapazes de serviço activo.* (!)[34]

Esta medida foi executada immediatamente, ficando desde então desarmada toda a costa e fronteira do Imperio; sendo entregues algumas fortalezas ao ministerio da marinha; outras servindo de quarteis, prisões civis, laboratorios e mesmo habitações particulares; outras finalmente, deixadas em completo abandono, para servirem de attestado da sabedoria e previdencia de nossos administradores.

Erão faceis de prever os fructos, que produzirião taes disposições governativas, e em menos de 20 annos chegou a occasião de apreciar-se-lhes o valor.

A Inglaterra, a *alliada fiel* de Portugal que, em 1808 fez pagar a sua amizade com a ruina total das fabricas e da industria de sua protegida, escudando-se em um artigo do tratado feito por occasião da nossa independencia, arrogou-se desde os primeiros dias de 1850 o direito de dominar com seus vapores de guerra as aguas brazileiras; e a pretexto de oppôr-se ao trafico de africanos, revistar mesmo dentro dos portos, capturar e incendiar os navios dos quaes dizia suspeitar, não escapando ainda os paquetes que sabia serem completamente alheios a esse contrabando.

Esses actos de violencias praticados ás vezes quasi sob as baterias das fortalezas (agora desarmadas) desde a costa do Espirito-Santo até a de Santa-Catharina, indignou o povo brasileiro e o seu governo, que, em data de 31 de Julho de 1850, expedio uma circular dando ordens terminantes para que *as fortalezas e fortes das bahias e costas empregassem todos os meios de que dispuzessem, para evitar taes insultos, autorisando os commandantes a requisitarem das autoridades a força necessaria para repellir a aggressão.* Mas esse commandantes, que bem podião então recordar ao governo os avisos da regencia, virão seus fortes, desguarnecidos e em ruinas, seriamente ameaçados

---

[34] *Lei* de 11 de Novembro de 1831 *artigo* 17.— *Avisos* de 23 e 24 de Dezembro do mesmo anno.

de serem demolidos pelos canhões inglezes, como ia succedendo ao de Macahé em 23 de Junho e ao de Paranaguá em 1 de Julho, atacados pelos cruzadores *Rifleman* e *Sharpshooter*; insultos que o Brazil tragou sem poder replicar, consolando-o apenas a idéa dos contos de réis, que lhe economisárão as salvadoras leis da regencia e as dos governos que se lhe seguirão até essa época.

Mas, si a historia do nosso paiz é curta, já póde infelizmente apresentar algumas provas de ser incorrigivel a sua inexperiencia. Parecia, que, demonstrada de modo tão frisante a nossa fraqueza perante os navios de guerra inglezes, alguma cousa se devêra fazer para nos pôr a coberto de futuras vergonhas. Tal não succedeu, e quando, arrefecida a indignação, o povo se occupava com outros interesses, confiado no seu governo, foi expedido em 19 de Novembro de 1859 outro aviso, mandando desarmar e entregar á presidencia da provincia alguns fortes do litoral que havião sido julgados de importancia em 1831, aviso tardio, pois que, si tivera vindo dez annos mais cedo, nos teria poupado as ignominias de Macahé, Cabo-Frio e Paranaguá.

A impunidade, com que os cruzadores britannicos insultárão o nosso pavilhão em 1850, deu azo a que nos ultimos dias de 1862 o ministro inglez Christie, em um accesso de máu humor e sob os futeis pretextos, o naufragio de um navio em deserta costa e a prisão de um official embriagado, mandasse o almirante Warren aprizionar por sorpresa, e diante das fortalezas da barra, varios navios que procuravão o nosso porto, conduzindo-os para a enseada das Palmas, a léste da Ilha-Grande. A offensa foi desta vez tão brutal e inesperada, que o povo brazileiro profundamente revoltado, tendo o Imperador á sua frente e acompanhado pelos estrangeiros de todas as nacionalidades, até mesmo da ingleza, cotizarão-se para auxiliar o governo no armamento do paiz. Appareceu então a idéa do alistamento de voluntarios, que tanto servio pouco depois; um distincto official, o tenente coronel Dr. Raposo foi enviado á Europa para comprar armamento; outros incumbidos da inspecção das fortalezas do norte e do sul; fez-se encommenda do encouraçado *Brazil*; a commissão de

melhoramentos do material do exercito em poucos dias estudou e propôz aquillo que julgava conveniente para augmentar a defesa da barra; fôrão começadas obras importantes como as casamatas de Santa Cruz, a fortaleza da ponta do Imbuhy, o accre cimo das fortificações do Pico e da Praia de Fóra, a reconstrucção das do Annel e Guanabara na praia da Copacabana; projectou-se casamatas para a de S. João, e torre de ferro para a da Lage; tudo isto activado com a maior solicitude pelo soberano, que, quasi diariamente, visitava e assistia a esses trabalhos.

Estavamos entregues a estes labores, quando em Outubro de 1864 veio sorprender-nos a noticia do conflicto entre os vapores norte americano *Wassuchets* e *Florida* no porto da Bahia, e logo após, outra muito mais dolorosa, da invasão dos Paraguayos em Mato-Grosso, fazer-nos mais sensivel a falta de fortalezas bem guarnecidas nas nossas fronteiras e costas. E durante a encarniçada guerra que se seguio contra o barbaro dictador Lopes, é justo dizel-o, tivemos de abençoar o nome do ministro ingles Christie, porque, com sua inimisade e aggressão, prestou ao nosso paiz relevantissimo serviço, pois foi elle a causa de termos nessa campanha armamento superior ao do inimigo, corpos de heroicos Voluntarios da Patria, um encouraçado que, além do auxilio nos combates, servio de modelo para a construcção de outros; e, o que é talvez mais, achar-se o povo brazileiro animado de maior varonilidade do que si a invasão succedesse antes da questão Christie.

A invasão do Rio-Grande do Sul em Junho de 1865 e a marcha devastadora da divizão de Estigarribia em toda a zona desde São-Borja até Uruguaiana, sem encontrar em toda ella um só ponto fortificado que a detivesse emquanto chegavão forças para batel-a, veio servir de novo argumento para censura dos governos passados e lição para os vindouros.

Felizmente, dessa época para cá, e graças á iniciativa dos Conselheiros Paranaguá e Junqueira, os nossos ministros da guerra têm cuidado das fronteiras terrestres, nomeando officiaes aptos para inspecional-as, exigindo informações minuciosas de todas ellas, e, com os limitados

recursos concedidos pelas duas assembléas legislativas, têm feito executar varias obras defensivas[35], em Tabatinga, Corumbá, Coimbra, Obidos e no Rio Grande do Sul, onde desde 1873 se conserva uma commissão de officiaes e parte do batalhão de engenheiros, incumbidos de fortificarem posições importantes, de modo a cobrirem essa provincia de um ataque imprevisto e poderem servir de apoio a qualquer operação de guerra; convindo accrescentar que tudo isto tem sido realisado a despeito da opinião de muitos criticos, que considerão inuteis taes despezas, mas com regosijo dos verdadeiros patriotas, que de coração desejão, que essas fortificações nunca prestem outro serviço, sinão o apoio moral para nos fazer respeitar de nossos inquietos vizinhos.

E como uma outra prova do interesse, que tem ultimamente despertado esse ramo de serviço publico, recordaremos que, com data de 21 de Fevereiro de 1880, foi publicado um regulamento interno, que se deve observar nas fortificações, discriminando-se com clareza os deveres das respectivas guarnições.

II

Digressão atravez das costas e fronteiras do Brazil

As fortalezas e praças de guerra têm, assim como tudo neste mundo, seus detractores e seus apologistas.

Accusão os primeiros: de custarem elevadas quantias ao Estado, de servirem apenas para uma resistencia limitada e de prestarem-se a servir de pontos de apoio ao inimigo, quando tomada por elle.

Respondem a isso os apologistas (entre os quaes se encontrão quasi todos os mais illustres generaes):

Quanto á primeira arguição: que si ellas custão muito dinheiro, mais custaria a manutenção de um exercito permanente nestes pontos.

---

[35] V. *Relatorios* do ministerio da guerra a partir de 1867.

Quanto á segunda: que essa accusação seria fundada, si tambem não fôsse limitada a resistencia opposta por um exercito, que as substituisse; e demais que a resistencia de uma fortaleza ou praça forte póde ser muito prolongada, como derão exemplo Troia, Jesuralém e Numancia na historia antiga, Ostende e Candia na idade média; Mantua, Badajoz, Saragoça e Dantzick entre os modernos, e na historia de nossos dias Sebastopol, Charlston, Humaitá, Strabourg e Belfort.

Finalmente quanto á terceira arguição: que o argumento é contraproducente, pois que prova, que as fortalezas podem sempre servir de bases de operações e pontos de apoio contra os inimigos das fronteiras.

Accrescentão ainda os apologitas as seguintes vantatagens das fortificações: Fechão ao inimigo as portas do paiz, impedindo a sua invasão, devastação e levantamento de contribuições; resistem a um ataque inesperado, dando tempo a que se organise e chegue o exercito de defesa; obriga o invasor a fraccionar suas forças, afim de não expôr seus flancos ou retaguarda; servem de refugio e apoio ao exercito nos casos de derrota e retirada; protegem efficazmente a passagem dos comboios e soccorros; são depositos de munições, material de guerra, viveres e outros quaesquer recursos longe da capital, etc.

O estudo da historia militar de todas as nações nos mostra o que podem valer as praças de guerra, e mesmo simples fortificações, desde que são bem guarnecidas, bem commandadas e em posições convenientes.

As rapidas conquistas de Cyro, de Alexandre, de Gingiskan e de Carlos XII realizarão-se por não terem elles encontrado em seu caminho uma só fortaleza, que os detivesse; assim como foi por falta dellas que a Inglaterra, no anno de 1741, cahio tres vezes alternativas em poder dos partidarios de Eduardo IV e de Henrique VI.

O illustre Julio Cesar, que com tanta facilidade apoderou-se de toda a Hespanha, encontrou grandes difficuldades na conquista das Gallias apoiadas em obras defensivas.

As fortificações de Vienna, Stralsund, Torres-Vedras, Sebastopol, Cronstadt, bem como o quadrilatero austriaco na Italia, salvárão os exercitos da Austria, da Suecia, de

Portugal e da Russia, evitando a devastação de todo o Estado e de suas capitaes nos annos de 1683, 1741, 1812, 1855 e 1859; e ainda ultimamente, no periodo da colossal campanha franco-prussiana, vio-se de quanto era capaz uma praça forte, quando tem por chefe um Uhrich ou um Denfert.

Por occasião da primeira republica franceza, no fim do seculo passado, agitou-se a idéa de serem supprimidas as praças de guerra; uma commissão foi nomeada para estudar o problema, e depois de ter bem pesado o pró e o contra, no relatorio que apresentou declarava convencida, que *e sa suppressão arrastaria a necessidade de augmentar o exercito francez com mais cem mil homens*, e portanto a existencia das fortalezas equivalia, para o *thesouro, a uma economia annual de 30 a 40 milhões.* [36]

Com o andar dos tempos, os proprios adeptos dessa idéa forão reconhecendo ser ella uma das muitas utopias dessa época, em que se sonhava com a paz universal e confraternisação geral dos povos; e é bem provavel, que depois da invasão dos Prussianos em 1870 não haja actualmente um só Francez, que pense na utilidade desse desarmamento.

E', pois, fóra de duvida a vantagem de possuir uma nação fortalezas e obras defensivas; mas, bem entendido, quando na construcção dellas concorrão as indispensaveis condições estrategicas e de conveniencia; do contrario servirão sómente para distrahir em pura perda os recursos pecuniarios e militares do paiz, em evidente proveito dos inimigos.

As propriedades, que não podem ser dispensadas na edificação das obras de defesa, são as seguintes: devem ter o traçado e o relevo apropriados ao terreno; serem livres de pontos dominantes, ou *padrastos*, á distancia do tiro de canhão; bem como de pantanos e bosques cerrados na vizinhança; a área proporcionado á importancia da posição e da guarnição que tem de receber; finalmen te que disponha de facilidade em suas communicações para o interior do paiz.

---

[36] *Dictionaire de l'armée* par le Baron Bardin, 3°, mot. *Forteresse*.

Uma só destas qualidades, que falte, póde ser bastante para annullar o valor de todas as outras; e a esse respeito apontaremos um só exemplo. A praça forte de Hulst, na Hollanda, era importantissima por sua posição e recursos, mas durante um curto sitio que nella soffrêrão os Francezes, emquanto perdêrão 700 homens pelas balas, succumbirão 18.000 pela peste originada por pantanos proximos, do que resultou ser ella depois abandonada para sempre.

Sendo a principal situação das fortalezas nas fronteiras terrestres e fluviaes dos Estados, durante a idade média, em que era avultado o numero dos senhores feudaes independentes, havia uma quantidade enorme de cidadellas, torres e castellos fortificados, cujo numero foi diminuindo consideravelmente com a organisação de nações mais regulares; e é natural, que vão ainda diminuindo em numero e importancia, á medida que se fôrem aperfeiçoando os meios de communicação e de transporte, os quaes servem não só para approximar e afastar com rapidez as tropas e comboios, como porque esses meios facultão aos exercitos effectuarem suas operações, evitando os pontos fortes do inimigo.

Não obstante, nas modernas campanhas da Italia em 1859 e da França em 1870, vio-se ainda a immensa vantagem das praças fortes, pois que na primeira o famoso quadrilatero austriaco (Mantua, Verona, Peschiera e Legnago), fez parar os exercitos victoriosos de Luiz Napoleão e Victor Emmanuel: e na segunda, a brilhante defesa de Strasbourg e de Belfort demorárão a marcha de alguns corpos do exercito prussiano, obrigando-os a sitial-as, e dando tempo aos Francezes a accumularem recursos na capital, permittindo-lhes depois a admiravel resistencia aos esforços gigantescos do formidavel poder da Allemanha.

Assentados os principios que ficão expostos, vamos examinar *a vol d'oiseau* os pontos fortificados do vastissimo contorno do nosso paiz, quer a léste sobre o Oceano, quer a sul, oeste e norte pelas fronteiras fluviaes e terrestres, reservando-nos para tratar com mais alguma minucisidade, outro capitulo, das fortificações de cada uma das provincias.

A costa brasileira sobre o Atlantico deve contar-se a partir do cabo Orange na foz do rio Oyapoc, pois

que a essa divisa lhe assistem direitos muito bem fundados e reconhecidos pela França no tratado de 4 de de Março 1700;[37] entretanto essa mesma nação, desejando depois approximar-se da embocadura do Amazonas, cogitou meios de contestar esse limite, procurando persuadir que este devia ser o Cabo do Norte e não o de Orange, e a linha divisoria não o Oyapoc, mas um dos rios proximos ao Cabo do Norte, rio esse de que não tendo certeza, foi successivamente apontando o Calsoene, o Amapá, o Carapaporis e finalmente o Araguary, exigencia que importa para o Brazil a perda de mais de 80 leguas de costa sobre o Oceano.

Taes pretenções, apoiadas sobre bases movediças e sem consistencia, forão sempre repellidas victoriosamente pelos diplomatas portuguezes e brasileiros, até que no anno de 1861 recebêrão o ultimo garrote dado com mão herculea, pelo nosso patricio Dr. Joaquim Caetano da Silva, com a publicação em Paris da monumental obra já aqui citada, *L'Oyapoc et l'Amasone*, depois de conferencias publicas perante a Sociedade de Geographia dessa cidade, nas quaes sustentou com verdadeiro fulgor os direitos do nosso paiz. Não tendo que responder a argumentos tão poderosos, o governo francez tem preferido adiar indefinidamente a solução da questão de limites, na qual o Brazil, para demonstrar a sua bôa vontade, chegou em 1856 a ponto de, *não discrepando em nada do valor de seus direitos á linha do Oyapoc, mas sómente com o fim de encerrar essa velha discussão*, fazer concessões: 1ª, admittindo como limite o rio Cassipuré, depois o Conany e em ultimo logar o proprio Calsoene, que constituia a primitiva exigencia da França. Não sendo aceitas essas concessões, continúa em litigio a nossa divisa por esse lado.

Mas, antes que a cubiça atacasse os Francezes em relação a essa fronteira, já o mesmo mal havia accommettido aos nossos confinantes das Guianas, os Hollandezes e os Inglezes, os quaes invadirão a boca do Amazonas, aquelles em 1616 e estes em 1620, tentando apossar-se de toda

[37] *L'Oyapoc et l'Amasone*, 1º, §§ 178 a 201.

a zona abaixo da confluencia do Xingú, limitada a oeste pelo rio Parú[38]. Para assegurar a usurpação, fundárão os Hollandezes o forte de *Gurupá*, que em 1623 foi-lhes tomado por Bento Maciel Parente, e dous outros (*Nassau e Orange*) na foz do Xingú, conquistados por Pedro Teixeira em 1625; e os Inglezes tambem trez fortes: o de *Taurege* ou *Torrego*, na ilha de Tucujús, que foi tomado em 1629 pelo mesmo Pedro Teixeira; o *Philippe*, um pouco ao norte desse, na terra firme, conquistado em 1631 por José Raymundo de Noronha; e o de *Cumaú*, na ponta de Macapá, tomado em 1632 por Feliciano Coelho. E como alguns delles fôrão arrasados, e fortificados outros pontos pelos Portuguezes, estes no fim do seculo XVII possuião na zona cubiçada os quatro fortes seguintes: o do *Desterro* na foz do Parú, onde se elevou a villa de Almeirim, construido em 1623 por Bento Maciel assim que tomou conta do seu novo governo; o de *Toheré* ou *Tocré*, na margem do rio do mesmo nome, em frente á foz do Xingú, na bifurcação do Amazonas; o de *Santo Antonio de Macapá*, elevado em 1686, sobre as ruinas do forte inglez de Cumaú; e o de *Araguary*, reconstruido no logar de um outro junto do rio desse nome, construido pelo capitão Pedro da Costa Favella, e que fôra destruido pela pororoca.

A fundação destes dous ultimos, servio de pretexto para as reclamações do Marquez de Ferrolles, governador de Caienna, que accommettendo- os em Maio de 1697, arrasou o de Araguary e apossou-se dode Santo Antonio, conservando-os apenas por 40 dias, pois que a 11 de Junho foi-lhe retomado por Francisco de Souza Fundão, que o assaltou depois de porfiado combate. A estes successos seguio-se uma longa serie de notas diplomaticas entre Portugal e França, das quaes fallámos no capitulo precedente, e que terminárão com a assignatura do tratado de 1713. O governo portuguez mandou depois elevar algumas obras de defesa no Amazonas, as quaes fôrão desprezadas pelos nossos; entretanto ellas são indispensaveis como reconheceu o illustre Dr. A. C. Tavares Bastos, paladino da grande idéa da abertura á livre navegação desse

[38] *L'Oyapoc et l'Amasone*, 1°, §§ 39 a 54.

rio, quando em 1862 dizia, que *previamente se devia cuidar de um systema de fortificações* em *Macapá, Manáus, Obidos, Tabatinga e outros pontos* (*Cartas do Solitario*).

Vencendo-se a larga embocadura, na margem meridional e á pouca distancia do Oceano, acha-se situada a cidade de Belem, que pela excellencia de sua posição mereceu, que o Marquez de Pombal considerasse-a como a melhor situação para a séde do throno lusitano[39]. Logo depois de sua fundação, foi construido em 1615 para sua defesa o forte do *Santo Christo*, na ponta fronteira á barra, o qual passou a ter a denominação de *Castello*; 50 annos mais tarde, junto do porto e a 210 braças desse, foi elevado o pequeno forte de *São Pedro Nolasco*; em 1686 a fortaleza da *Barra*, de fórma circular, a qual *tanto pela qualidade dos materiaes como pelo seu curto ambito e systema de fortificação parece antes ser destinada para os cortejos da etiqueta do que para defesa do porto*[40]; em 1738 reconhecendo-se o pouco valor della, deu-se começo a um fortim na ilha fronteira, mas foi arrasado pelas vagas, antes da sua conclusão; em 1771 construio-se o reducto *São-José* a nordeste do Castello; em 1793 a bateria de *Santo-Antonio*, segundo o traçado de Montalembert então em voga, finalmente em 1822 o governador das armas José Maria de Moura mandou elevar outra bateria na ponta de Val de Cães para cobrir a fortalesa da Barra. Todas essas obras defensivas têm cahido em ruina, com excepção da ultima, que apenas serve para dar signal da approximação dos navios, recebendo-o da vigia do Pinheiro e esta da Tatuóca e do Chapéo-Virado, que é a mais avançada para o lado do Oceano.

Resulta do que fica dito, estar sem defesa a capital da importantissima provincia do Pará. Já em 1639 o padre Christovão d'Acuña [41] opinava, que conviria a sua transferencia da bahia de Guajará para a do Sol, 14 leguas

---

[39] Discurso do Marquez de S. Vicente no Senado em 8 de Outubro de 1877.

[40] *Ensaio Corographico do Pará*, por A. Ladislão Monteiro Baena.

[41] *Novo descobrimento do rio Amazonas* § 83.

mais para o mar, sitio este *em que todos têm os olhos fixos pelas muitas commodidades que offerece para a vida humana, como para segurança dos navios, que ahi podem conservar-se abrigados de todos os perigos*; idéa que o 1° governador Francisco Coelho quiz realisar, sendo para isso autorisado pelo governo, mas que abandonou á vista da opposição, que encontrou da parte dos habitantes[42].

O governador André Vidal tambem formou o projecto de mudar a capital da capitania para a ilha de Marajó no logar de Aruans, e sobre isso representou á metropole, mas o pouco tempo de sua administração impedio que fôsse avante; [43] e ainda na opinião de Berrêdo, haveria grande vantagem na transferencia para o sitio do Livramento, perto da enseada do Mel, a 3 leguas da cidade, *porque além da formozura do terreno mais solido caminha sempre com a mesma, até despenhar-se no mar, ficando sobre este muralhas naturaes que, fortificando-se pela parte de terra, basta pôr áquella um parapeito de faxina para resistir a expugnação mais vigorosa, e levantando-se uma fortaleza na ilha de Tatuóca pouco mais de 3 leguas desse sitio e outra na ponta do Mosqueiro, que se correspondem a tiro de canhão, sendo a boca da barra, ficava esta fortissimamente defendida*.

Seguindo a costa do Atlantico, desde a foz do grande rio até o cabo de São-Roque, encontrão-se muitos pontos em que as armas portuguezas se medirão com as francezas e hollandezas; o que é attestado pelas fortalezas, que, reedificadas, ainda existem, como as da bahia de São-Marcos e a da capital do Ceará, bem como pelas muralhas derrocadas e vestigios que é possivel descobrir nas bocas do Gurupy, do Anajatuba e do Periá na costa do Maranhão; do Camocim, da Jericoacoara e do Mocuripe na do Ceará, no do Assú e de Touros na do Rio-Grande do Norte e na ilha de Fernando de Noronha, que lhe fica proxima.

Encarada debaixo do ponto devista das lutas sustentadas com os invasores, a parte mais gloriosa da costa

---

[42] *Corogr. Paraense*, por Accioli, pag. 192 e 241.

[43] *Idem*, 193.—*Hist. Ger. do Brazil*, 2°, 58.—*Annaes do Maranhão*, por B. P. Berredo.

brazileira, é sem duvida a que medeia entre o cabo de São Roque e o Cabo-Frio, que comprehende a zona que o governo incumbio de fortificar ao general Mathias de Albuquerque, logo que em Portugal constou o projecto de ataque dos Hollandezes, e foi essa zona o theatro dos mais sanguinolentos episodios da guerra dos 30 annos, tornando-se dignos de commemoração: a fortaleza dos *Santos Reis Magos*, a Keulen dos Hollandezes, tomada á traição em 1633 e por industria do famoso Calabar, sendo ahi degolado o bravo commandante Pedro de Gouvêa, e dando-se depois o bello exemplo de fidelidade aos Portuguezes pelo velho indio Jaguarary, não obstante ter delles profunda queixa: a fortaleza do *Cabedello*, a Margarida hollandeza, na foz do Parahiba, em cuja defesa se immortalisárão o capitão-mór Antonio de Albuquerque, Jeronymo Maranhão, o valente João de Matos Cardoso e os dous irmãos Antonio e Francisco Peres Calhau[44]; a fortaleza de *Itamaracá* ao sul da ilha em que os Hollandezes projectárão estabelecer a capital dos seus estados na America, e na qual se deu a brilhante defesa sustentada por Salvador Pinheiro[45]; a povoação de *Iguarassú*, a antiga filha de Duarte Coelho, notavel pela resistencia opposta em 1630 pelos seus moradores, contra Vandemburg e Calabar, conseguindo afinal este fazer entrar grandes navios no canal, em que até então só entravão canôas; *Páu-Amarello*, sitio onde em Fevereiro de 1630 desembarcou o almirante Loncq, partindo dahi as columnas que fôrão conquistar Olinda; o *Rio-Doce* e o *Rio-Tapado*, nas margens dos quaes Mathias de Albuquerque com a sua habitual pericia e valor sustentou combate contra todo o poder hollandez, á frente de um punhado de bravos, realizando depois uma retirada de leão; *Olinda*, a faceira

[44] Commandava Antonio Calhau uma lancha de munições em soccorro do Cabedello. por entre um chuveiro de balas, quando uma destas lhe leva o braço, com que regia o leme. Seu irmão Francisco quer substituil-o, mas aquelle diz-lhe mostrando o outro braço: *Para succeder-me no posto, tenho este irmão mais chegado.* Continuando, é novamente ferido; a Francisco, que o rende, succede tambem grande ferimento, mas a lancha chegou a salvamento, e os dous heróes escapão das feridas, mas não da ingratidão do governo (*Mem. hist. de Pern.*, 1º, 267).

[45] *Idem*, 1º, 297.

Marim (dos Caetés), que só cahio sob o dominio hollandez depois da morte de intrepido Salvador de Azevedo com seus 22 companheiros, no collegio dos jesuitas, com pasmo do inimigo quando ahi penetrou depois de arrombar as portas com artilharia; *Recife*, o glorioso Recife celebre pelo heroismo do capitão Antonio de Lima no forte de São-Jorge, chegando a merecer a admiração e o respeito do general inimigo pela vigorosa resistencia durante dez dias de assaltos, a principio com 37 homens contra 1.500, e depois com 80 contra 4.000, capitulando com as honras da guerra, quando reduzidos a esqueletos pela fome, as muralhas jazião arrasadas pelas balas; celebre pelas proezas de Mathias de Albuquerque, Vidal, Camarão, Henrique Dias (o Scevola negro), Dias Cardoso, Vieira, Rabello, Francisco Barreto, e tantos outros nos dous famosos arraiaes do Bom-Jesus, velho e novo; celebre pelas victorias das Tabocas e dos Guararapes, cujo campo espera em vão um monumento, que commemore o Waterloo dos Hollandezes; celebre ainda pela capitulação do campo do Taborda a 27 de Janeiro de 1654, que pôz fim ao dominio da Hollanda no Brazil[46]; a fortaleza do *Pontal de Nazareth*, a Vander Dussen flamenga, ao sul do cabo de Santo-Agostinho, da qual tinhão os invasores grandes zelos por considerarem esse ponta principal de toda a costa; o *Rio-Formoso*, que se orgulha ainda da heroica defesa de Pedro de Albuquerque, que só deixou de combater, quando uma bala lhe cortou o fio da preciosa vida; o porto de *Tamandaré*, onde desembarcou o valioso reforço de Vidal Moreno em 1645, e no anno seguinte Vieira fundou uma grande fortaleza a *Barra-grande*, fortificada pelo almirante Lichtart, que dahi partio com Calabar para a conquista de Porto-Calvo, a qual guarda ainda memoria do renhido combate entre Mauricio e Bagnuolo, em 8 de Fevereiro de 1637, fazendo prodigios de bravura Henrique Dias (que sendo ferido na mão, faz-se amputar por um soldado e continua a bater-se), bem como o fiel Camarão e sua mulher D. Clara á frente de um batalhão feminino, esforços que darião brilhante victoria, si não vem o general Artichofsky com

---

[46] V. Nota 9ª.

esforços decidir a favor de Mauricio[47]; o *Porto de Pedras*, onde morreu em combate Karls Nassau, esperançoso sobrinho do illustre Mauricio; *Porto-Calvo*, muitas vezes tomado e retomado, e cujo nome recorda a victoria de Mathias de Albuquerque em 22 de Julho de 1637 e a morte affrontosa de Calabar; pouco tempo depois a victoria de Artichofsky e a morte do presumpçoso D. Luiz de Rojas e ainda a valente defesa de Miguel Giberton, que afinal capitulou, mas, diz um historiador[48] *nunca uma capitulação foi concebida em termos mais honrosos*; *Rio São-Francisco*, com seu forte Mauricio e as fortificações do Penedo, chaves de communicação para a Bahia, e em que Nicoláu Aranha e Sebastião Souto tanto se distinguirão, acossando os inimigos, não lhes deixando tomar pé em toda a extensão do São-Francisco ao Rio-Real; a *Bahia*, a veneranda séde colonial, que, tomada por sorpresa em Maio de 1624, bate-se depois com a maior galhardia, expellindo o invasor no anno seguinte, e nos posteriores ataques de Março e Junho de 1627, de Abril de 1637, Fevereiro de 1647 e finalmente em 1649, sem que consigão os Batavos firmarem-se ahi; como o havião feito em Pernambuco; o *Morro de São-Paulo*, na ilha de Tinharé, bellissima posição visitada pelo inimigo em uma de suas tentativas de invasão; o *Porto dos Ilhéos*, na foz da Caxoeira, fortificado por Lichtart em 1637, não o livrando a este de ser batido pelos moradores, retirando-se com grande perda e aleijado para o resto dos seus dias; o *Porto da Victoria*, na costa do Espirito-Santo, atacado em 1625 e 1640 pelos almirantes Patrid e Koin, ambos repellidos corajosamente pelos mal armados habitantes; a foz do rio *Macahé*, que, como diz Pisarro[49], *por mais commodidades era sempre cultivado pelos piratas para asylo dos seus assaltos*; e finalmente o *Cabo-Frio*, occupado pelos Francezes, que forão batidos por Pero de Góes em 1551 e Salvador Corrêa em 1567, e depois pelos Hollandezes, repellidos em 1614 por Constantino de Meneláo e

---

[47] *Mem. hist. de Pernambuco*, 2°, cap. 2°.

[48] *Idem*, 2°, pag. 29.

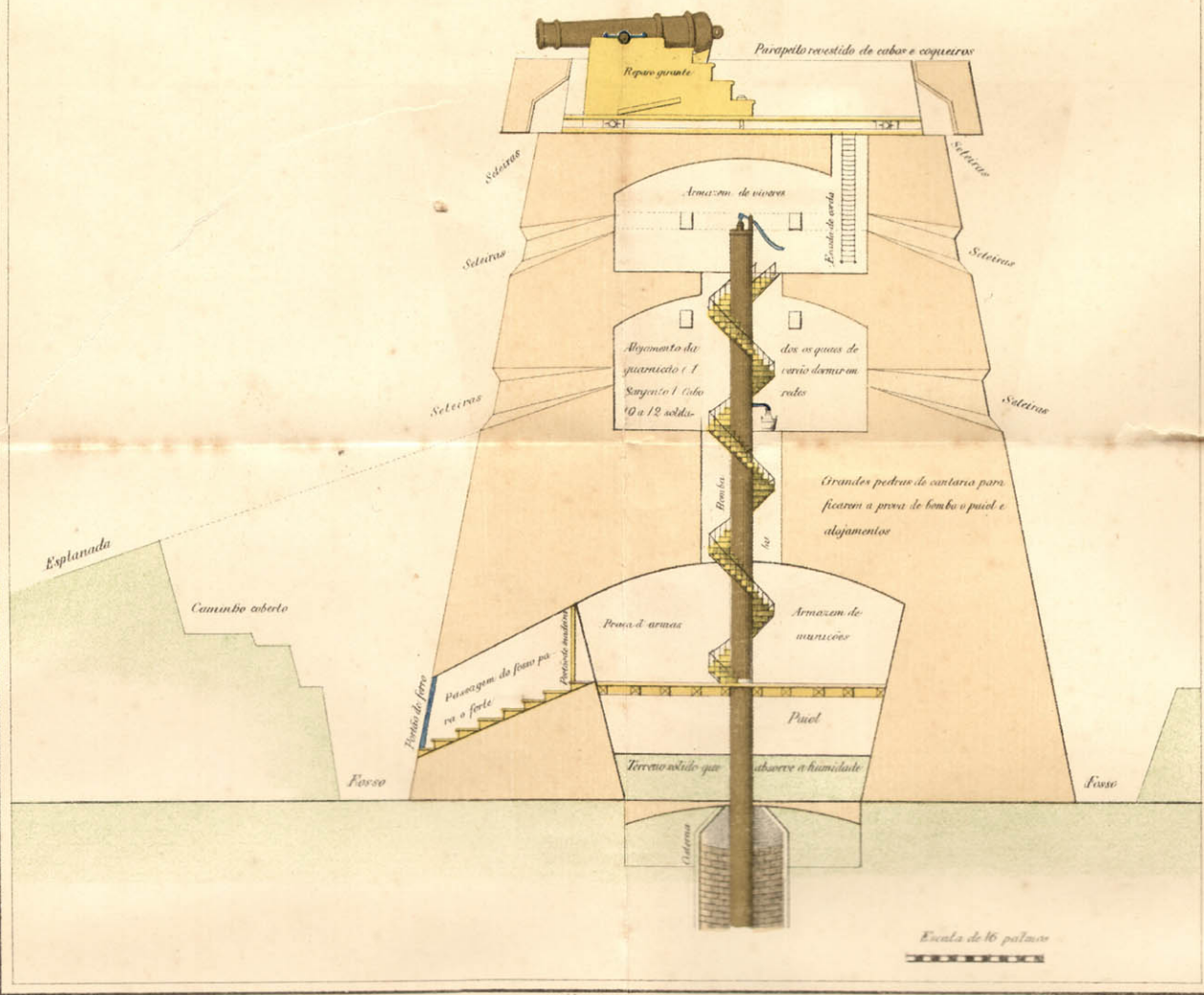
[49] *Mem. hist. do Rio de Janeiro*, tomo 2°.

em 1625 por Salvador Corrêa de Sá Benevides, neto daquelle outro.

A porção da costa brasilica, que se estende de Cabo-Frio á bahia de Paranaguá, preciosissima por suas vantagens commerciaes, tem sido especialmente desejada pelos aventureiros francezes, que, desde meiados do seculo XVI, tentárão ahi estabelecer-se, procurando entreter benevolas relações com as tribus indigenas, como fez Villegaignon, quando quiz fundar a sua *França Antarctica* ; e a essa empreza, assim como ás posteriores de Duclerc e de Duguay-Trouim, no seculo passado, deveu essa costa em grande parte as fortificações erigidas dentro do porto do Rio de Janeiro e seu litoral. E quando em 1808 a familia real transferio-se para esta côrte, havendo sérias apprehensões da vinda de uma esquadra dessa nação, commandada pelo general Victor Hughes, ex-governador de Caienna, que para isso se offerecia a Napoleão, o principe regente incumbio ao almirante Sir Sidney Smith de estudar e formular um plano de fortificação adaptado á toda á costa, desde a barra até a Ilha-Grande ; o que elle cumprio, propondo um typo de torres circulares de pedra, armadas com um canhão de 12, as quaes devião ser construidas á distancia efficaz do canhão, em toda a extensão entre os referidos pontos ; typo esse de que apresentamos um desenho, que não deixa de ser curioso, por mostrar o modo de aproveitar um espaço limitadissimo, para conter guarnição, munições e viveres. Não tendo ido avante o projecto de Victor Hughes, foi adiado tambem o das torres de Sir Sidney, que não mereceu aliás grande conceito, por não apresentar conveniente resistencia e exigir a construcção de dezenas de taes obras. Annos depois, por occasião da independencia, o receio de uma expedição portugueza, que viesse fazer uma diversão a favor do general Madeira da Bahia e auxiliar os partidarios do governo da metropole, aconselhou a fortificação dos pontos de facil desembarque ao sul do Rio de Janeiro ; e assim se elevárão as de Guaratiba, Sepetida, Itaguahy, Mangaratiba, Angra dos Reis e Paraty, bem como as da ilha de São-Sebastião, na costa de São Paulo.

Da mesma sorte, as excursões de corsarios francezes

Projecto de fortins destacados

Apresentado a S. M. o Snr D. JOÃO VI *em 1809,*
pelo Almirante Sydney Smith,
para a defesa da costa do Sul do Rio de Janeiro.

e inglezes desde Cavendish, derão origem ás primitivas obras de defesa nas barras da Bertioga, Santos, Cananéa e na de Paranaguá, onde ainda em 1718 foi a pique na ponta da Cotinga um navio de corso, na occasião em que procurava refugio á tenaz caça, que lhe dava um galeão hespanhol, que, vindo de Valparaiso, o encontrára em seu caminho.[50]

Finalmente, na costa de Santa-Catharina e Rio-Grande do Sul, isto é, desde a ilha de São Francisco até a foz do arroio Chuy, nossa actual divisa, fôrão os mais formidaveis adversarios os Castelhanos, que, em suas contestações com Portugal ácerca de limites, não se contentando de exigir a colonia do Sacramento, toda a margem septentrional do Rio da Prata e costa do Atlantico até á barra do Rio-Grande, levárão suas vistas até a nossa ilha de Santa-Catharina e costa adjacente. Em opposição a tão exageradas pretenções, o governo portuguez mandou em 1738, como já tivemos occasião de dizer, o brigadeiro Silva Paes fortificar essa ilha, o que foi executado por elle e por alguns de seus successores, construindo as fortalezas e baterias que ainda existem. Infelizmente todas ellas estão situadas em posições desfavoraveis, quer por distarem tanto uma das outras que não se podem auxiliar mutuamente, quer por serem dominadas por elevações proximas e facilmente accessiveis aos inimigos; razões estas que sendo allegadas pelo governador Manoel Escudeiro Ferreira de Souza em 1753, baseando a sua proposta de mudança da capital da capitania para terra firme, onde seria mais defensavel, foi-lhe respondido, que, ouvido o brigadeiro Silva Paes, *el-rei era servido, que continuasse a capital na ilha, porquanto já ahi se achavão fundadas a igreja, a casa do governador e os armazens reaes* (!) [51] « A' vista dos fundamentos declarados (diz muito bem Balthazar Lisboa) ninguem, que conhecer de perto os locaes

[50] *Apontamentos historicos de Paranaguá*, por Demetrio A. Fernandes da Cruz.

[51] *Mem. hist do Rio de Janeiro*, 9º, cap. 4, pag. 306.— *Res. hist. de Santa-Catharina*, cap. 1º, nota á pag. 396.

deste paiz, duvidará, que a falta de verdade nos informantes tem sido causa de muitas desordens e de ruina para o povo e o estado, pelo capricho de quererem esses informantes sustentar com vigor os seus desvarios. A igreja não passava então de uma palhoça; a casa dos governadores era a antiga, cujo pé direito não excedia de 12 palmos de altura, e servia tambem de provedoria da fazenda real; e quanto aos armazens, si ainda hoje (em 1822) não os tem a ilha, ou casas dignas desse nome, que taes serião os de 1750! Donde se conclue, que são inimigos communs do Estado, os que faltão á verdade em materias importantes. »

A fraqueza relativa das obras de defesa dessa ilha é tão intuitiva, que o relator das *Viagens de Lapeyrouse* tratando dellas, diz: « Que as fortalezas da Ponta-Grossa, de Santa-Cruz e do Ratones, não obstante estarem á vista umas das outras, parecia terem sido construidas, uma para ser batida e tomada ao primeiro assalto, e as outras para espectadoras desse facto; pois que, sendo a entrada franca e francos os desembarques, tudo concorre para difficultar a defesa da ilha, á qual só poderia utilisar a construcção de um molhe, da Ponta-Grossa á do morro da Armação, ou outra direcção mais conveniente. » [52]

Não deve portanto causar sorpreza, que, dispondo de tão consideravel poder naval, tivesse D. Pedro Ceballos com tanta facilidade conquistado e occupado, desde Fevereiro de 1777 a Julho do anno seguinte, esse precioso torrão olhado pelos governos com pouco caso, mas que pelas vantagens naturaes que encerra, de ancoradouro, clima, fertilidade e situação eminentemente favoravel para o commercio e navegação entre os dous oceanos, estaria em elevadissimo gráo de prosperidade, si estivesse em mãos de povo mais previdente e emprehendedor do que o nosso.

Da embocadura do arroio Chuy a cerca de 42 leguas ao sul da barra do Rio-Grande começa a nossa fronteira terrestre com o Estado Oriental do Uruguay, a qual

---

[52] *Extracto das Viagens de Lapeyrouse*, por Moneron.— *Mem. hist. do Rio de Janeiro*, 9°, cap. 4, pag. 266.

segundo foi estipulado no tratado de 15 de Maio de 1852, estende-se subindo pelo mesmo Chuy, pelo Jaguarão desde a sua foz na Lagôa-merim até os sêrros do Aceguá a encontrar o Rio-Negro, pelo rio São-Luiz affluente deste e coxilha de Sant'Anna, procurando as pontas do Quarahim e descendo por este até sua foz no Uruguay. Realisados os trabalhos da demarcação pelos generaes Andréa e Bellegarde, ficárão concluidos em 1860, sem que por causa de limites nos reste motivo algum de questão com essa republica, nossa alliada natural, á qual ficárão pertencendo os pontos em que existirão os fortes de Santa-Thereza e de São-Miguel, e do nosso paiz as ruinas do de Santa-Tecla, todos elles testimunhas de tantas pelejas entre Portuguezes e Castelhanos.

A essa republica nos ligão, ha annos, relações amistosas e sinceras, sendo de alta conveniencia para ambos os paizes que, desprezando suggestões alheias, ellas se mantenhão e estreitem sempre; e si a partir de 1864, o imperio tem mandado executar algumas obras de defesa por esse lado, assim procede por justa prevenção, depois das ameaças feitas nesse anno por Apparicio e Muñoz, contra a cidade de Jaguarão e outros pontos da nossa fronteira.

Infelizmente com a outra nossa vizinha do lado do Uruguay, a Republica Argentina, não estão até agora dedemarcados os limites; o que entretanto é facil, desde que, havendo bôa vontade reciproca, fôrem removidos os embaraços causados pela diversidade de interpretação dos verdadeiros rios Peperi-guassú e Santo-Antonio, interpretação que fez ha um seculo paralysar os trabalhos dos commissarios demarcadores de Portugal e de Hespanha. O nosso governo, aproveitando o bom pé de relações com a Confederação Argentina depois da queda do dictador Rosas, conseguio celebrar o tratado de limites de 14 de Dezembro de 1857, o qual, apesar de approvado pelas camaras dos representantes dessa nação, ficou sem effeito por haver expirado o prazo fixado para a troca das ratificações, a despeito de todas as diligencias empregadas pelo governo do Brazil.

Merece louvores o nosso governo por esse motivo; mas merece tambem censura por ter conservado inteiramente

desaproveitada e indefesa a nossa fronteira do Uruguay-rio este que, da mesma sorte que fizemos notar em relação á ilha de Santa-Catharina, outro povo mais perspicaz e activo teria convertido, ha muito tempo, em verdadeira arteria de riqueza, pois como perfeitamente disse o nosso distincto publicista Q. Bocayuva :[53]

«E' esse rio o Rheno da America do Sul, que, si não póde concorrer com o regio Amazonas e alguns de seus affluentes nas proporções gigantescas,tem uma importancia politica mais definida, por ser a divisa entre o imperio e o seu maior conterraneo, a Republica Argentina; e pertencerá áquelle que antes e melhor tiver assentado ali a influencia de sua bandeira e feito de sua margem um emporio de commmercio e de industria.

«Esse rio está destinado, em futuro mais ou menos remoto, a ser o theatro de sangrentas contendas. Fragil antemural para o choque de duas nacionalidades rivaes, de duas raças tradicionalmente inimigas, o unico meio de o tornar insuperavel seria que cada possuidor desenvolvesse a população e a riqueza, *id est*, a força da margem que hoje pacificamente occupa ; mas isto que os Argentinos procurão realisar com vigorosa constancia, o governo imperial desattendeu com deploravel indifferença. A tal proposito applicão nossos vizinhos todos os meios directos e indirectos, e o primeiro o mais ousado talvez foi trancar a navegação do Uruguay com essa barreira das fortificações de Martim Garcia. O governo brazileiro não obstou ao levantamento desse novo Humaitá, quando podia de um lado apoiar-se em convenções diplomaticas, e de outro no interesse de varias nações, especialmente da Republica Oriental, cujos direitos a essa ilha são incontestaveis.[54]

«Quando não quizesse porém oppôr-se a essa fortificação, podia ao menos resalvar os direitos especiaes de nossa

---

[53] O *Globo* do Rio de Janeiro, 10 de Maio de 1876.

[54] A ilha do Martim Garcia não é mais do que uma continuação do territorio oriental, do qual o separa a 2,5 kilometros uma restinga de pedra, ao passo que demora a mais de 30 kilometros do costa argentina. Até 1851 essa ilha teve guarnição oriental (V. nota no mesmo artigo do *Globo*).

bandeira como ribeirinha; mas tal não fez, e o governo argentino tem hoje em suas mãos a chave da navegação do rio Uruguay, do nosso Uruguay.»

Em outro notavel artigo[35], dizia o mesmo illustre escriptor tratando do uberrimo territorio da provincia do Rio-Grande do Sul, banhado pelo Uruguay:

«Ha na extrema sul do imperio uma região, que, em salubridade e benignidade do clima, em riqueza do solo, na variedade de seus productos e até na proximidade dos grandes mercados iguala, si não excede, á bellissima provincia do Paraná. Essa região é a que ainda conserva o nome tradicional *das Missões*, e que se alonga pela margem oriental do Alto-Uruguay, a partir do Ibicuhy, com uma área de quasi duas mil leguas quadradas.

« E' esse territorio, que deve abrir-se á reemigração do rio da Prata. O rio Uruguay hoje, e para diante as estradas de ferro tornão commodo e barato o transporte dessa população. Ahi os reemigrantes do Rio da Prata terão a proximidade daquelles mercados, e nelles já suas relações até de familia, sem esforço pois, para ahi se encaminharão. Utilisada, povoada aquella região, facilitado seu accesso ao commercio e emigração estrangeira, a opulencia das Missões vai ser para todo o imperio uma sorpresa, pelo menos uma revelação. »

Tornando porém á nossa linha devisoria: vencida a difficuldade relativa á verdadeira situação dos rios Pepiriguassú e Santo-Antonio, continua a ser nosso limite com a republica argentina, em virtude do alludido tratado de 14 de Dezembro de 1857, o rio Iguassú, desde a confluencia de Santo-Antonio até á sua foz no rio Paraná. Em toda esta fronteira, que mede cerca de 350 leguas, sómente depois da invasão paraguaya, que por ella teve logar, é, que se têm erigido algumas obras de defesa, na cidade de Uruguaiana e projecta-se outras na villa de São-Borja, importantissimas posições sobre o Uruguay: nenhuma havendo em execução nem em projecto em todo o resto dessa linha divisoria; entretanto nossos maiores, mais previdentes,

---

[35] O *Globo* de 26 de Abril de 1876.

tentárão realisar, em épocas bem difficeis, um estabelecimento no ponto estrategico de Santa-Maria Maior, sobre a margem direita do Iguasssú, quasi em frente da confluencia do Santo–Antonio.

Bem sabemos, que *a múito se compromette aquelle que, sem conhecer a topographia do logar, concebe planos sobre o mappa e os giza com a mesma rapidez e facilidade com qne corre sobre elle os olhos*[56]; mas para evitar essa censura, procurámos opiniões autorisadas: e em referencia á posição indicada, transcreveremos as segnintes palavras de pessoa competente.

« Até certo ponto é natural a invasãs dos Argentinos no nosso territorio junto ao Paraná. Conhecendo a navegabilidade deste rio e do Iguassú até o salto de Santa-Maria, vendo a extraordinaria uberdade das terras marginaes de ambos, observando que o Brazil nenhuma importancia liga á fronteira, á navegação, ao commercio, ás riquezas naturaes, e movidos pela ambição de possuirem estas maravilhosas regiões, entendêrão aproveital-as, emquanto a nossa côrte agita com os diplomatas platinos questões pela maior parte de pouco interesse, mesmo prejudiciaes ao Brazil... Demonstrada a inconveniencia da fundação de uma colonia no campo Erê, desceremos pelo fertil valle do Iguassú até o grande Salto, onde outr'ora assentava a povoação de Santa-Maria Maior. Ali, perto da confluencia do magestoso Paraná, que se deslisa por entre grandiosos bosques, offerecendo navegação franca, neste immenso e uberrimo valle, onde, junto aos extensos hervaes e risonhos campos, se ostenta a vigorosa vegetação do clima intertropical ; onde levão vida nomada muitos dos filhos primitivos do Brazil; confinamos com duas potencias; ali é que serão lançados os fundamentos de uma povoação florescente, emporio de um commercio activo e vasto. Saudariamos em breve a Chicago da America Meridional, pois são tão ferteis estes valles, tantas as vantagens que offerece este

---

[56] Censura feita pelo Conselheiro Costa e Sá (*Memoria sobre limites*, impressa pelo Instituto Historico em 1859), referindo-se a operações do general Labatut no Rio-Grande do Sul.

ponto, sob as vistas estrategicas e economicas, que seria enfadonho ennumeral-as.[57]

Da foz do Iguassú começamos a entestar com a republica do Paraguay pelo Paraná acima até á boca do Iguatemy, subindo este e a serra de Maracajú, procurando as vertentes do rio Apa, descendo este até á sua foz no Paraguay, e por este acima até á Bahia-Negra, tudo conforme foi estipulado na convenção de 13 de Junho de 1856. Em toda essa extensão, não temos um só ponto fortificado, visto que, da grande fortaleza de Nossa Senhora dos Prazeres, construida em 1765 na margem esquerda do Iguatemy a 23 leguas de sua foz, só restão poucas ruinas. A invasão dos Paraguayos em Mato-Grosso no anno de 1864, e no Rio-Grande do Sul em 1865, servio para mostrar-nos os perigos a que se sujeitão as nações que entregão as fronteiras á guarda da Providencia, como o fizemos, sem seguir o exemplo da *nossa átrazada* limitrophe, que tem a sua linha do Apa defendida por uma serie de fortes, que muito lhe servirão por occasião de nos aggredirem, quer por se prestarem a ser a base de operações contra Dourados e outros pontos da provincia de Mato-Grosso, quer por difficultarem a marcha da nossa expedição, que apenas atacou o forte de Bella-Vista. Sobre a conveniencia de ser fortificada essa nossa fronteira, vem aqui muito a proposito o seguinte trecho escripto por um brazileiro e patriota muito respeitavel.[58]

« Em consequencia das sabias instrucções que lhe dera o Marquez de Pombal, mandou o governador D. Luiz Antonio de Souza examinar a confluencia e navegação dos rios Iguassú, Ivahy e Iguatemy, em cuja margem septentrional se erigio a praça de Nossa Senhora dos Prazeres, em um logar vantajoso e agradavel pela belleza de seus matos pelas costas, fertilissimos e extensissimos campos pela frente. Olhava-se para esta praça como origem certissima de grande commercio e prosperidade, asssim como para as

[57] O *Globo* n. 121 de 1177, artigo notavel de L. Clève, activo e distincto explorador dessas regiões.

[58] *Memoria sobre o melhoramento da Prov. de S. Paulo*, pelo Dr. Antonio B. Velloso de Oliveira, 1810 (*Rev. Trim.* 1868).

outras duas, para cuja edificação se havião tomado medidas praticas e bem dispendiosas; e o dito governador, desenvolvendo grandes vistas politicas e militares, intentava levantar a primeira na margem meridional do Ivahy, no mesmo sitio onde existira Villa-Rica, que os nossos destruirão para reivindicar o paiz da usurpação hespanhola, e a segunda na entrada dos campos de Guarapuava, encostada á margem septentrional do Iguassú. Do estabelecimento das ditas praças naquelles logares, ermos e remotos, teria certamente resultado a creação de outras tantas povoações, multiplicadas estancias, que nos terião trazido largas conveniencias e meios para a domesticidade dos indios, que habitão aquelles sertões, e finalmente para o commercio, que podiamos ter introduzido no Paraguay, no Uruguay e parte do Perú, até ás minas do Potosi, que taes erão as vistas do grande Marquez de Pombal.

Da Bahia-Negra, seguindo a léste do forte de Coimbra, continúa a nossa fronteira para o norte até á lagôa Mandioré, e cortando ao meio as lagôas Gahiba e Uberaba vai ter ao extremo sul da Corixa-Grande, d'ahi ao morro da Bôa-Vista e Quatro-Irmãos, depois em linha recta até o Rio-Verde, descendo por este a encontrar o Guaporé, pelo meio deste e do Mamoré até a sua reunião com o Madeira, e finalmente deste ponto, seguindo uma linha recta no parallelo de 10° 20', até ás vertentes do rio Javary. Esta immensa linha divisoria de mais de 450 leguas, que separa o Brazil da republica boliviana, convencionada pelo tratado de 27 de Março de 1867, acha-se demarcada, tendo no seculo passado produzido grandes contestações entre as coroas portugueza e hespanhola, que ambas, comprehendendo bem o valor que terá no futuro o senhorio dos caudalosos affluentes do Amazonas, tratárão de fundar estabelecimentos em todas a divisa; cabendo á nossa pelo inexcedivel zelo dos governadores, mormente de Luiz de Albuquerque Caceres, os presidios de *Nova-Coimbra*, *Albuquerque*, *Corumbá* e *Villa-Maria* nas margens do Paraguay; nas do Guaporé os de *Torres*, *Visêo*, *Palmella*, *Lamego* e *Conceição*, antiga Santa-Rosa dos Hespanhóes, onde se erigio a fortaleza da Conceição, posteriormente ***Bragança*** e por ultimo ***Principe da Beira***, e na margem do Madeira os presidios do ***Ribeirão*** e

do *Salto*, os quaes todos só servem hoje para fazer contrastar a nossa incuria com a largueza de vistas de nossos antepassados.

Uma posição de elevado alcance nessa linha e que devia attrahir muito a attenção do nosso governo, é o grande reintrante formado pelos rios Mamoré e Madeiru e caxoeiras vizinhas, pois que ahi está a chave de todo o commercio para o rio-mar; e como disse o illustre Ricardo Franco, juiz competentissimo [59]: «é um logar fortissimo; e como confina com as duas nações, a privativa posse delle é a segurança de toda a navegação para o Amazonas e será de grande estorvo para a nação que o não possuir. Uma povoação neste importante logar será em poucos annos um dos maiores estabelecimentos do centro do Brazil, e é de urgente necessidade, para todo o commercio, que se faz entre as provincias do Pará e do Mato-Grosso.»

«Foi por esse rio, (diz outro judicioso escriptor) [60], que a capitania de Mato-Grosso se aprovisionou de artilharia e munições; foi por elle, que se retirou o governador D. Antonio Rolim, e que transitárão na ida e volta os seus successores; finalmente foi por elle, que por muito tempo se transmitio a correspondencia para Lisboa, fundando-se nas margens dos rios alguns povoados de ephemera duração.»

O illustrado Dr. J. M. da Silva Coutinho em um officio dirigido em 1867 á presidencia do Amazonas, pronuncia-se a esse respeito do seguinto modo:

«O Madeira é o caminho natural de Mato-Grosso e devia ser preferido ao Paraguay, pela razão altamente politica de nos pertencer exclusivamente. A' grande vantagem politica deste caminho liga-se o interesse do commercio, da industria e da civilisação. Uma grande região hoje deserta, rica em productos naturaes, seria animada pelos transportes e daria importancia ao paiz. A Bolivia só póde desenvolver-se com a navegação do Medeira; e o Brazil

---

[59] *Descripção Geographica do Mato-Grosso.* — Rev. Trim. 1537, 2° e 3° trimestres.

[60] *Commissão do Madeira*, em 1874, pelo padre F. Bernardino de Souza. —*Mem. hist. do Rio de Janeiro*, 9°, pag. 97 e seg.

concedendo-lhe esse favor em troca de outros, ainda era muito, porque o commercio dessa republica virá a ser nosso. »

Permitta-se-nos ainda apresentar uma outra opinião autorizada, a do Dr. J. M. do Macedo [64].

« O rio Madeira tem grandioso futuro, e é sem contradicção um dos mais importantes do Brazil, porque lhe coube ser laço fraternal de communicação e commercio, não só entre as provincias do imperio, como das republicas vizinhas da Bolivia, Paraguay e Estados platinos; susceptivel de tornar-se prodigioso canal interior das relações das duas bacias do Amazonas e do Prata. O que falta é sómente levar á evidencia a prova e o conhecimento geral desta opulencia natural, quasi inverosimil, destes thesouros, para cuja colheita é bastante estender os braços e apanhar com as mãos. »

Começão nas vertentes do Javari as nossas divisas com a republica do Perú, as quaes, pelo tratado de 22 de Outubro de 1858, se dirigem por esse rio abaixo até á sua foz, pelo igarapé Santo-Antonio, affluente da margem esquerda do Amazonas em frente a essa foz, e pela recta tirada ao rio Japurá, no sitio fronteiro á confluencia do Apaporis.

Essa linha divisoria, que se acha devidamente demarcada, tem como unico ponto de segurança a praça fortificada de Tabatinga, situada a léste do mencionado igarapé Santo-Antonio, e foi tambem fundação do governo portuguez em 1776, isto é, contemporanea dos presidios das linhas paraguaya e boliviana. Dos dous presidios, um hespanhol de São-Joaquim, o outro portuguez de São-Fernando, ambos fundados em época anterior ao de Tabatinga, meia milha abaixo da foz do Içá ou Putumaio, nem vestigios restão mais actualmente.

Quanto aos limites com as republicas de Columbia, de Venezuela e com as Guianas ingleza, hollandeza e franceza, os quaes constituem a nossa fronteira do norte, não podem ser por emquanto determinados, com a mesma clareza, quer por serem em grande parte desconhecidas essas

---

[64] *Noções de Corographia do Brazil*, 1ª parte, pag. 99.

vastissimas regiões, quer pelas desarrazoadas pretensões desses Estados confinantes, estando apenas estipulados os da segunda republica pelo tratado de 5 de Maio de 1859, e se tratão presentemente de demarcar.

Entretanto aquelles limites a que o imperio se julga com direito incontestavel, na mesma fronteira do norte, são os seguintes: A partir das vertentes do rio Memacky (que ficão proximamente no prolongamento da recta do Javari á foz do Apoporis) seguindo uma linha parallela ao equador passando pela ilha de São-José e sêrro do Cucuhy no Rio-Negro, subindo pelas serras Parimá, Paracaima, Acaraby e Tumucuraque, e descendo a encontrar as nascentes do rio Oyapoc e por este até o cabo de Orange na margem oriental de sua fóz no Atlantico.

Em toda esta immensa linha de erca de 700 leguas e suas circumvizinhanças, temos apenas trez fortes e esses mesmos em estado pouco satisfactorio, a saber: os de *São-José de Marabitanos* e *São-Gabriel da Caxoeira* nas margens do Rio-Negro; e o de *São-Joaquim* no Rio-Branco, fundados ainda na segunda metade do seculo passado, em opposição ás pretenções dos Hespanhóes, sustentadas pelos seus fortes de *São-Carlos* e de *São-Fernando* sobre o primeiro desses rios, e o de *Santa-Rosa* sobre o segundo.

As linhas divisorias, que vão mencionadas, são as que ficarão existindo depois de generosas concessões feitas pelo imperio, com quasi todas as suas limitrophes, perdendo valiosissimos territorios, com o unico intento de evitar contendas e ter completamente definido seu extensissimo contorno, que conta nada menos de 3.500 leguas, em numero redondo, a saber:

	Leguas
Costa maritima sobre o Oceano Atlantico..................	1350
Fronteira fluvial e terrestre com a repuplica Oriental......	180
» » » » » Argentina ...	350
» » » » » do Paraguay.	235
» » » » » da Bolivia ..	460
» » » » » do Perú......	260
» » » » » da Columbia.	70
» » » » » de Venezuela	300
» » » » as trez Guiannas........	325

Que ainda se podem dividir assim pelas diversas provincias do Brazil :

	Costa maritima leguas	Fronteira fluvial e terrestre leguas
Provincia do Amazonas...............	...	850
» Pará......................	190	225
» Maranhão...............	120	...
» Piauhy..................	10	...
» Ceará....................	110	...
» Rio-Grande do Norte....	70	...
» Parahiba	30	...
» Pernambuco............	40	...
» Alagôas..................	50	...
» Sergipe..................	35	...
» Bahia......................	150	...
» Espirito-Santo	80	...
» Rio de Janeiro..	120	...
» São-Paulo..............	90	...
» Paraná..................	55	535
» Santa-Catharina.........	95	...
» Rio-Grande do Sul......	125	410
« Mato-Grosso.............	...	470

Antes de encerrar este capitulo e estasiado perante a grandeza de minha patria, não posso resistir ao desejo de transcrever aqui as seguintes reflexões, que, em referencia á unidade e integridade do Brazil, fizerão tres escriptores laureados.

Disse um delles, o Dr. Domingos José Gonçalves de Magalhães [62].

« Em que estado estaria hoje o Brazil, qual seria a sua população, riqueza, unidade, e por conseguinte a sua importancia como nação, sem o adjutorio immenso dos braços indigenas, que impedirão a sua divisão, expulsando os Francezes e os Hollandezes? Terião podido as limitadas forças portuguezas só por si tomar uma parte do Brazil á França e outra á Hollanda, sem esses milhares de indios, que com ellas valorosamente combatêrão? Não de certo; porque apezar do reconhecido valor dos Portuguezes, que a ninguem cede, o numero de braços lhe era necessario para lutar com vantagem contra um inimigo, que dispunha dos mesmos meios bellicos e de maiores forças. Si o Brazil é hoje uma nação independente; si uma só lingua se falla em seu vasto territorio, em grande parte o

---

[62] Os *indigenas do Brazil perante a Historia* (Rev. Trim. tomo 23, 1860).

devemos ao valor dos nossos indigenas, que aos Portuguezes se ligárão.»

Ao que se póde accrescentar o que disse o segundo, o conego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro.[63]

« Não haverá um só Brazileiro, verdadeiramente amigo do seu paiz, que não agradeça á Providencia Divina de ter-nos conservado essa integridade, base fundamental da nosso futura grandeza. Hollandezes no norte, Portuguezes no centro, Francezes no sul, seriamos fracos e desunidos; fallariamos trez linguas, teriamos talvez duas religiões; e o gigante dos tropicos, que quiçá deterá um dia no isthmo de Panamá a marcha invasora do audaz anglo-saxonio, fazendo recuar a aguia do Mississipi, seria olhado com desprezo e nem siquer escutado nos conselhos da America.

Gloriemo-nos da nossa origem: somos os herdeiros do Gama; fallamos a lingua de Camões; e vêmos sentado em nosso throno um neto de D. Manoel *o Venturoso*. Somos uma raça vigoroza e intelligente; nascemos na terra da liberdade e fômos embalado com o hymno da independencia.»

O terceiro, o illustrado Dr. Ernesto Ferreira França, em uma interessante memoria escripta em 1849 e publicada na *Revista Trimensal do Instituto* de 1870, tratando de nossos limites termina fazendo judiciosas reflexões acerca da necessidade indispensavel, quer do levantamento de cartas exactas de nossas fronteiras, quer dos pontos destas que convem ter bem garantidas por fortificações, presidios e colonias militares.

III

Noticia das fortificações de cada uma das provincias

Estudando o progresso que tem seguido a arte da fortificação, observa-se, que os seus dous factores, traçado e relevo, têm soffrido innumeras alterações.

---

[63] A *França Antarctica* (*Rev. Trim.* tomo 22, 1859).

A principio, conforme já tivemos occasião de dizer, o traçado se compunha de linhas rectas, formando cortinas mais ou menos extensas, interrompidas por torres ou baluartes de fórmas simples; e o relevo exigia a altura de muitos metros para cobrir o recinto contra o arremesso dos projectis primitivos, pedras, flechas, etc.; de modo que a guarnição, para poder dominar o terreno circumdante, tinha que subir por escadas interiores, afim de chegar ás ameias seteiradas; quanto aos fossos, logo que começárão a empregal-os, tinhão largura e fundo pouco consideraveis, apenas a necessaria para impedir ou difficultar a approximação do ariete inimigo.

Com a descoberta da polvora e da artilharia, a modificação foi logo profunda: no traçado, procurou-se obter o cruzamento dos fogos, por meio da obliquidade das linhas em relação umas ás outras; no perfil, diminuio-se muito a altura dos parapeitos, augmentando-se-lhes a espessura. O aperfeiçoamento dessa arma terrivel e o emprego das minas, que fôrão dando proeminencia ao ataque sobre a defeza das praças fortes, obrigárão a alterar-lhes as linhas em direcção e grandeza, a multiplicar as obras exteriores, a aprofundar e alargar os fossos, a revestir e occultar os parapeitos, e a imaginar tantas variações em cada um dos elementos, que um escriptor militar [64] enumerou, até o anno de 1800, nada menos de 120 traçados diversos; e depois dessa época muitos outros fôrão propostos, sem que nenhum delles, nem mesmo o denominado *moderno*, com os melhoramentos introduzidos pela escola franceza de Mosières, conseguisse resolver com perfeição o problema da defesa.

Presentemente não se segue á risca um systema qualquer de fortificação; nesse ramo da sciencia domina o eclectismo, procurando-se na determinação das differentes partes as disposições que mais se adaptem aos accidentes do terreno, de maneira que o conjuncto satisfaça, o quanto fôr possivel, aos trez principios, hoje de importancia capital: ficar inteiramente descoberto o terreno exterior para im-

---

[64] *Parallelo dos systemas de fortificação*, por Mandar.

pedir as sortidas e preparado para o jogo das minas; o fosso disposto para facilitar o trabalho das contraminas e poder servir de campo de batalha; e reservar sobre os parapeitos e casamatas baterias especialmente destinadas a esmagar o inimigo no ultimo periodo do ataque; o que tudo se resume na seguinte regra: *Dispôr os recursos da defesa de modo que cresção os perigos para o atacante, á medida que se fôr approximando o termo de suas operações offensivas.*

Quanto aos materiaes usados na construcção das obras defensivas, tem-se lançado mão, isolada ou collectivamente: da madeira, da terra solta ou revestida, do adobe, da taipa, do tijolo, da pedra sêca, da alvenaria, da cantaria e mesmo do ferro, que, em tudo o que se refere ao ataque e á defesa, representa papel importantissimo e que tende a crescer cada dia. Gustavo Adolpho foi quem, ha 250 annos, teve a idéa de empregar o ferro sob a fórma de tijolos, na construcção de algumas fortalezas da Suecia;[63] em 1830 Paixhans, fazendo reviver esse pensamento, propôz as torres permanentes de ferro fundido e as couraças para as casamatas, e ultimamente tem esse precioso metal servido para as torres girantes, que tão grande valor vierão dar aos navios encouraçados, e cuja applicação póde ser estendida ás fortificações maritimas.

Na construcção de nossas obras de defesa, tem-se empregado quasi todos os materiaes citados: as primitivas erão de taipa, madeira, terra ou adobe; posteriormente fôrão erigidas com pedra e cal, terra revestida ou com tijolos; depois de 1863, anno que marca éra nas fortificações do Brazil, executarão-se trabalhos notaveis de casamatas nas fortalezas de Santa-Cruz e de São-João no Rio de Janeiro, bem como se deu principio a uma magnifica obra na ponta do Imbuhy, com enormes pedras de cantaria travejadas, constituindo um todo de extraordinaria solidez, obra que não progredio depois de se haver despendido com ella quantia avultada. O emprego do ferro tem-se limitado aos escudos das casamatas, não se tendo até agora iniciado entre nós o das torres de ferro ou de aço, fixas ou girantes, as

---

[63] *Dictionnaire de l'armée*, par le Baron Bardin, 3º, mot. *Forteresse*.

quaes armadas com grossa artilharia, serião tão convenientes (consideradas estrategica e economicamente) para alguns pontos importantissimos de nossa costa, como por exemplo, a fortaleza da Barra no Pará, o forte do *Mar*, no Recife, o de *São-Marcello* ou do *Mar*, na Bahia, o da Lage na entrada da nossa barra e algum dos da ilha de Santa-Catharina.

Antes de proseguir, convém fazer a declaração, que não conhecemos *de visu* todas as fortificações de nossas fronteiras terrestres e costas; mas, tendo compulsado com o maximo interesse muitas obras e relatorios que dellas tratão, suppomos poder aventurar algumas proposições sobre ellas. Bazeando-nos nesses documentos, affirmamos, que em grande numero das que possuimos não forão devidamente attendidas as regras indispensaveis para o seu bom serviço, pois que umas achão-se assoberbadas por padrastos e pontos dominantes á pequena distancia, como as de *Santa-Cruz* e *Sant'Anna*, em Santa-Catharina; outras estão inteiramente isoladas, sem apoio e á mercê do primeiro assalto, como a de *São-José da Ponta-Grossa*, nessa mesma provincia e do *Rio-Vermelho*, na Bahia; outras sobre barrancas tão elevadas que os navios podem impunemente passar por junto dellas, como as de *Obidos*, no Pará e de *São-João do Estreito*, em Santa Catharina; outras ao contrario têm tão pouco commandamento que não podem garantir a guarnição desde os primeiros tiros do inimigo, como o *forte do Mar*, na Bahia, e a fortaleza da *Lage* no nosso porto; outras ainda, como a de *São-José de Macapá*, soffrem as pessimas consequencias de fócos de infecção nas proximidades, e outros inconvenientes, que justificarião o abandono dellas, si em tempo se houvesse tratado de organisar um systema regular de defesa, demolindo as obras inuteis e construindo outras em posições mais estrategicas e convenientes sob todos os pontos de vista.

Feitas estas considerações, passamos a dar noticia dos pontos fortificados existentes em cada uma das provincias, procurando indicar a sua origem, importancia e estado actual de conservação.

Provincia do Amazonas

Esta enorme provincia, de grandeza quasi igual á metade da Russia européa, com uma fronteira de 850 leguas e confinando com sete estados de differentes nacionalidades, tem absoluta necessidade de ter forticados alguns pontos importantes das margens dos grandes affluentes do Amazonas; e assim o comprehendêrão os antigos governos da metropole e da capitania, que nunca desviárão sua attenção destes longinquos e ermos territorios.

As poucas fortificações, que ahi existem, datão do seculo passado; e algumas dellas estão em completa decadencia, como melhor se verá da seguinte descripção: [66]

SÃO-JOSÉ DE MANÁOS

Situado no margem esquerda do Rio-Negro, trez leguas acima da sua confluencia com o Amazonas, em posição elevada e propria para registrar e defender a entradar do rio. Foi construido em 1669, por Francisco da Mota Falcão e seu filho Manoel da Mota Sequeira, por ordem do governador Antonio de Albuquerque Coelho. Tinha a fórma quadrada' suas muralhas erão fracas, sem fosso e armavão-o quatro pequenos canhões de calibre 1 e 3; entretanto elle gozava de importancia,' pois que de sua guarnição de 270 homens é que sahião os destacamentos para os fortes e presidios dos rios Negro, Branco, Solimões e Içá, bem como para os registros do rio Madeira.

Com a prosperidade que foi tendo a povoação, elevada successivamente á villa, cidade e capital da nova provincia, foi coincidindo a decadencia do forte, de modo que, considerado entre as fortalezas de segunda ordem pelo aviso de

[66] Sobre as fortificações dessa provincia, fôrão consultadas as seguintes obras: Ayres Casal, *Corogr. Bras.* 2º — I. Accioli, *Corogr. Paraense.* — Baena, *Ensaio Corogr. do Pará.* — F. Bernardino de Souza, *Commissão do Madeira*, 2ª parte. — *Relatorios do ministerio da guerra*, 1868, 1874 e 1876.

14 de Fevereiro de 1857, um outro aviso datado de 22 de Maio de 1875 mandou abandonal-o e como se não existisse.

SÃO-JOAQUIM

Pequeno forte de pedra e barro, começado em 1775, por ordem do governador Francisco Xavier de Mendonça Furtado e conclui 'o trez annos depois, na margem esquerda do Rio-Branco, a 98 leguas de sua fez no Rio-Negro; tendo por fim obstar a invasão dos Hespanhóes, que depois de levantarem os fortes de Santa-Rosa e de São-João Baptista, projectavão avançar pelo nosso territorio.

Na falta de informações mais recentes sobre a fórma e armamento deste forte, damos a seguinte, que se acha no *Ensaio Corographico do Pará,* por Baena:

« Sua figura é um parallelogrammo, do qual um dos lados maiores está ao longo da margem, e tem quasi no meio um reentrante, que não consente mais de uma peça de artilharia para flanquear o resto do mesmo lado; debaixo de identica disposição se acha o lado opposto. No pequeno lado, em que está a porta, ella apresenta uma cortina tendo nos extremos dous meios baluartes, e o mesmo no lado opposto. O pavimento contém 16 canhoneiras, das quaes só 10 cavalgadas de canhões dos calibres de 6 até 1. Entre elles existem trez pedreiros tomados aos Hespanhóes com o posto militar de São-João Baptista, e duas peças de bronze de 1 fundidas na cidade do Pará em 1763.

« Em summa o forte é imperfeito tanto no material como no systema do polygono defensivo. Não é assim quanto ao sitio, sobre que está construido: ali o terreno não é sujeito a innundações, e o canal do Tacutú é mais navegavel do que o rio Urariquera, o qual é crespo de caxoeiras, e portanto o forte defende os canaes destes rios, pelos quaes póde haver communicação do Rio-Branco para as nações confinantes. Elle é a fortificação mais bem conservada das fronteiras.

« O constructor foi o capitão allemão Filippe Sturm, que tinha vindo para as demarcações dos dominios luzitano e hespanhol na America. »

SÃO-JOSÉ DE MARABITANAS

Acha-se este forte sobre a margem direita do Rio-Negro, onde se aldeavão os indios Marabitanas, 9 leguas abaixo do canal do Cassiquiare, que junta as aguas dos grandes Amazonas e Orenoco, e 5 leguas da ilha de São-José e sêrro de Cucuhy, que servem de marcos á nossa divisa com a republica de Venezuela. Foi construido em 1763, por ordem do benemerito governador Manoel Bernardo de Mello Castro, tendo por objecto oppôr-se á invasão dos Castelhanos, que havião fortificado os pontos de São-Carlos e de São-Fernando, nas margens do mesmo rio, um pouco acima do Cucuhy.

O escriptor Ignacio Accioli na sua *Corographia Paraense* diz em 1833, que, nessa época, os fortes hespanhóes conservarão-se em bom estado, fazendo singular contraste com os nossos, consideravelmente deteriorados.

Baena deu deste forte a seguinte descripção :

« Este forte, de madeira replenado de terra, tem por figura um quadrado, do qual o lado sobre o rio tem dous baluartes com seu terrapleno e 12 canhoneiras ; o resto do perimetro é um muro dividido em seteiras para a espingardaria, e o lado opposto ao dos baluartes faz no centro um redente. Externamente tem quatro baterias : de São-Pedro, São-Luiz, São-Simão e São-Miguel ; destas, a 2ª e 3ª não podem fallar no tempo da enchente do rio, porque ficão immersas.

« Esta fortificação foi mal concebida e está peior conservada, excepto o quartel e a casa da polvora, o seu mesmo armamento, que consta de 19 peças de ferro dos calibres de 4 a 1/2, só apresenta 4 capazes de laborar. »

O padre F. Bernardino de Souza, tratando delle no folheto *Commissão do Madeira*, diz, que, apezar dos reparos, que esse forte soffreu em 1843, achava-se então (em 1857) em estado de completa ruina.

SÃO-GABRIEL DA CAXOEIRA

Foi, assim como o precedente, no mesmo anno e com igual intuito, ordenada a sua construcção pelo governador Manoel Bernardo, sobre a aba de um morro alcantilado, na margem esquerda do Rio-Negro, 200 leguas acima de sua foz e junto á grande caxoeira Crocuby, que é a 10ª na ordem da subida do rio, no ponto em que este muda bruscamente de direcção Acerca de suas condições defensivas, diz o citado escriptor Baena:

« E' de figura pentagonal irregular, cujo maior lado, que defronta com o rio, é uma cortina, que prende dous meios baluartes; no meio está a porta, que simultaneamente serve ao forte e ao quartel, o qual com o calabouço, corpo da guarda e armaria abraça toda a cortina. Os lados menores não têm flanqueamento, e são uma singela parede de pedra e argilla, que é o material de toda a fortificação. Falta-lhe o fosso, esplanada e obras exteriores; tem 16 canhoneiras para calibre inferior ao mediano e portanto incapazes de contrabater. O estado das peças, das carretas e de tudo que são annexas ao forte, como o quartel, armazens e ribeira, é lastimoso.

« Quanto aos exterior do forte, na sua espalda surge perto uma serra, que é um ponto dominante; cuja situação parece apta para defender o passo ao inimigo; por entestar com a 12.ª caxoeira, que ali atravessa o rio, formando um boqueirão, que a veia da agua passa arremessando-se com maximo impeto frémente; cuja caxoeira de algum modo embaraça um inimigo inexperto em passar estes obstaculos, porém elle póde illudir esta arduidade sahindo em terra, sem risco, por cima do logar chamado *Caldeirão*, e dahi descer embuçado ao abrigo da espessura. Ora, este logar do Caldeirão nunca teve, nem tem um reduto de faxina que o defenda; portanto o forte sem esta obra fica insufficiente; bem como no tempo da defesa é muito precizo levantar uma bateria no dito ponto dominante, do qual se descobre o interior do forte até a raiz do muro, e se divisão os defensores, que em taes circumstancias estão como nús de anteparo.

« Ha ainda outra razão de conveniencia para se dever occupar o dito ponto, e é, que delle se descortina uma grande extensão do rio, e por isso é um optimo logar de atalaia. »

O major Hilario Gurjão, que falleceu general em Itororó, em uma *Descripção de viagem* pelo Rio-Negro em 1854 (Rev. Trim. 1855, 2°) faz grande elogio á posição occupada por este forte, por dominar perfeitamente a navegação do rio nesse ponto.

SÃO-FRANCISCO XAVIER DE TABATINGA

Estabelecido na margem esquerda do Amazonas, quasi em frente á foz do rio Javari, no limite da nossa fronteira com a republica peruana, em posição elevada e saudavel. Em 1766 começou por um registro, destinado á inspecção das canôas, que vogavão para a povoação hespanhola do Loreto; e dez annos depois, o governador Joaquim de Mello Povoas mandou fortifical-o pelo sargento mór Domingos Franco, reconhecendo que, pela facilidade da navegação, pelo movimento commercial com os vizinhos, é esse ponto de maxima importancia, chave da fronteira com o Perú, e por consequencia no caso de ser dotado de uma fortaleza bem guarnecida e armada. O *Ensaio Corographico* descreve assim o que havia ahi em 1839.

« O forte foi construido na parte mais proeminente da planicie, em rosto do antigo quartel do commandante, mediando entre um e outro uma larga área. A' esquerda do quartel está o rio, e á direita jazem a igreja e os quarteis dos soldados, um arruinado e outro principiado. O forte é um hexagono irregular, de madeira grossa, de 7 palmos de projecção vertical, e destituido de reparo interno, de palissada e de esplanada; servem de fosso, de uma parte o rio, e da outra a cortadura que faz o mesmo rio, que mette por ella uma exigua corrente, quando enche; entre a borda desta cortadura e o forte existe um mato densissimo. Nove peças de artilharia é toda a força desta especie, que ali se acha, das quaes 3 de bronze de calibre 1 ½ cavalgada

em cepos, junto á porta do quartel do commandante, o qual ainda em 1827 não tinha uma bandeira para alçar no seu chamado forte.»

Esse estado de abandono continuou, aggravando-se, até que, em 1862, a questão dos vapores peruanos *Morona* e *Pastazza* chamou para esse ponto a attenção do governo e pensou-se em fortifical-o; mas só em 1867 foi approvado um plano de defesa, começando-se uma frente abaluartada sobre o quadrado do quartel.

Houve ainda no seculo passado :

Prezidio de São-Fernando: fundado em 1763 pelo governador Fernando da Costa Atahide Teive em frente do presidio hespanhol de *São-Joaquim*, á pequena distancia da foz do Içá ou Putumaio, mas só delle existe a tradição.

Provincia do Pará

Já tivemos occasião de recordar as contestações havidas desde 1616 com os Hollandezes, Inglezes, e Francezes, por causa do dominio da margem esquerda da embocadura do Amazonas ; dissemos algumas palavras a respeito de fortificações construidas por elles e pelos nossos, de muitas das quaes ainda se encontrão ruinas. As que existem hoje são as que seguem. [67]

SÃO-JOSÉ DE MACAPÁ

Não se deve confundir esta fortaleza com a antiga de *Santo-Antonio de Macapá* ou de *Cumá*, acerca de cuja exacta posição ha algumas duvidas; assim por ex : na

---

[67] V. *L'Oyapoc et l'Amasone*, 1º.—*Ensaio Corogr. do Pará.—Corogr. Paraense.—Curiosidades do Amazonas e Comm. do Madeira*, por F. Barnardino, *Corogr. Brasilica*, 2º.— *Rev. Trim. do Inst.* 1847, 1º trim. de 1865, 2º tr.

obra *L' Oyapoc et l'Amazone* §§ 52, 181, 268, e 1703 a 1712 e ainda no indice das materias, palavra *Macapá*, affirma-se, que ficava a 2 leguas sul da actual; ao passo que no *Roteiro Geographico* (Rev. Trim. 1849 pag. 303) diz-se que a Cumáu dos Inglezes estava perto do Cabo Norte, a 50 leguas do Macapá moderno. Accioli, na *Cor. Paraense* pag. 255, augmenta a confusão, dizendo que a moderna foi construida 4 leguas a léste da antiga, mas que se acha a 3° N. do Equad r; quando é sabido, que a actual está situada sob a linha equinocial.

Seja como fôr, a fortaleza de São-José, *cujas notaveis dimensões prendem a attenção dos navegantes á longa distancia* (como se expressa um autor), foi edificada pelo sargento mór Henrique A. Galuzzi, durante o governo do capitão general Fernando da Costa Atahide, por ordem que recebeu do Marquez de Pombal em 1764; com ella gastou-se 3 milhões de cruzados, que podião ser melhor empregados, visto que a efficacia de sua defesa é annullada pela grande largura do rio em frente della, e pelos pantanos que affligem a guarnição com febres malignas. É considerada como a mais vasta praça de guerra do Brazil; Baena em 1839 diz, que *ella estava espinhada de* 86 *canhões dos calibres* 36 *a* 2; um mappa annexo ao relatorio da guerra de 1847, dá-lhe 62 bocas de fogo, e o conselheiro J. M. de Ol:veira Figueiredo, em um minucioso relatorio dirigido em 1854 ao governo imperial, consagra-lhe as seguintes linhas.

« Esta praça é um quadrado de fortificação rasante, edificada sobre terreno elevado de 20 pés acima do desnivelamento das aguas e composto de terra vermelha e argila branca, mistura a que os naturaes chamão *curí*, sendo sua propriedade o amollecer dentro d'agua e enrijar ao calor do sol. Nos angulos do quadrado estão 4 baluartes de figura pentagonal, tendo cada um 14 canhoneiras lançantes. A artilharia, que as guarnece, nada deve aos melhoramentos que tem soffrido a construcção dessa arma; está montada em reparos á Onofre, mas estes tão altos que, para dirigir as pontarias, se precisarião de artilheiros de mais que regular estatura. Os reparos trabalhão sobre o terrapleno, por isso que nenhum tem plataforma. As grossas muralhas da praça

são de cantaria escura habilmente trabalhada: no centro de cada uma das cortinas do norte, léste e sul, ha uma poterna solida e ajudada por um xadrez interno; e no centro da cortina de oeste está o grande portão solidamente construido e ornado.

« O recinto da praça é um quadrado perfeito, onde se achão oito edificios apropriados para os differentes misteres de uma praça de guerra, paiol de polvora, hospital, capella, praça d'armas, armazens, etc, sendo de construcção á prova de bomba. No centro da praça ha uma cisterna abobadada para esgoto das aguas, e encostada á rampa transversal, que dá serventia para o baluarte da Conceição, existia a que suppria a praça d'agua potavel, mas que está agora entupida, pena a que a condemnou um commandante por ter ali cahido um soldado, que esteve em risco de vida. Salutar providencia!... Por baixo do terrapleno ficão as casernas com solidas abobadas para quartel da tropa, cozinha, prisões, etc. A praça é circumdada de um fosso pelos lados do sul e oeste; e das obras externas apenas tem o revelim da parte de oeste, arruinado e cheio de crescido mato, circumdado tambem de um fosso. Não existe a ponte levadiça, que deveria servir de communicar o revelim com a porta principal da praça, nem a do revelim para a esplanada; em seu logar ha uma pequena ponte sobre columnas de tijolo, dando apoio a uma escada, que do fosso dá serventia para a fortaleza.

« Segundo a opinião dos entendedores, no plano desta edificação se patentеão todos os preceitos da sciencia; é mui solidamente construida, e é para lastimar que se lhe não tenhão ainda acabado as obras exteriores, e que tivesse estado completamente abandonada, a ponto de que até uma dellas servio de curral ao gado dos mercadores da villa. »

Não obstante esse estado de abandono, o aviso de 14 de Fevereiro de 1857, que classificou as fortalezas do imperio, ainda deu-lhe a cathegoria de 1ª ordem, e mais modernamente, em 1874, o padre Francisco Bernardino de Souza, relator da commissão do Madeira, citando a opinião muito autorizada do Dr. Castro, do Pará, acerca das febres de Macapá, lembra varias medidas, taes como o plantio da

quina, a communicação de trez igarapés e abertura de vallas, que tornarião salubre essa localidade, como o foi outr'ora, segundo os testimunhos de Baena e Accioli.

OBIDOS (SANTO-ANTONIO DE PAUXIS)

Foi edificada de taipa de pilão, em fins do seculo XVII pelo capitão Francisco da Mota Falcão, em posição alterosa, sobre uma orla da serra do Perú, 2 leguas abaixo do rio Trombetas: nesse ponto o Amazonas diminue de largura até chegar a 87 braças e a profundidade é tal, que por vezes foi sondado sem se lhe achar fundo (*Cazal. Cor. Braz*)

A primitiva fortaleza subsistio em bom estado até o meio do seculo passado, quando começou a desabar a cortina do lado do rio, e em 1854 estando em completa ruina, foi construida a actual pelo major Marcos Pereira de Salles, que lhe deu a fórma semicircular, guarnecida por 10 canhões, sendo reparada ha pouco tempo, accrescentando-se-lhe uma plataforma corrida, de cantaria de Lisboa.

Na 3ª parte do folheto *Commissão do Madeira* diz-se, que, no estado actual, só póde servir para a defesa do lado de léste, do sul, ou do lado inferior do rio, porque do oeste, ou do lado de cima do rio, ha um monte de terra, que occulta e embaraça os fogos nessa direcção; e sem remover-se esse monte, coberto de mato, a fortificação será incompleta.

Referindo-se ao discurso de um deputado pelo Amazonas, lê-se ainda no citado folheto :

« Obidos é a posição do Amazonas mais propria para obras de fortificação. Levantou-se ali um forte sobre a barranca, mas esse forte, sem as obras complementares não póde prestar serviço; além do forte sobre a barranca, deveria ter uma bateria ao lume d'agua, e do outro lado do rio outra bateria, para cruzarem os fogos: como está, o forte não póde evitar a subida dos vapores. O exemplo do *Morona* em 1862 está ainda muito fresco. Outras embarcações forção a sua passagem, encostadas á margem opposta, na distancia de 900 metros, e em pouco tempo se põem fóra do alcance da artilharia, ou navegão junto á

barranca; e neste caso a artilharia do forte, comquanto de grosso calibre, não poderá evitar a passagem dellas, e só reapparecerião ao forte, quando estivessem fóra do alcance de seus canhões. O vapor *Morona*, quando forçou a passagem de Obidos, apenas recebeu no costado uma bala, que não lhe fez damno algum.

« Construio-se ha pouco tempo um fortim na raiz da serra, esse fortim parece mais um brinquedo de criança, do que um complemento de fortificação; monta 3 peças sem ter o necessario espaço para o seu recuo, nem para conter as respectivas guarnições. »

A fortaleza de Obidos acha-se classificada entre as de 2ª ordem.

SANTO-ANTONIO DE GURUPA

Fundada por Bento Maciel, no mesmo sitio em que tomára o antigo forte de Tucujús aos Hollandezes em 1623, em 1647 tentárão ainda estes conquistal-o: e para isso entrando com 8 navios pela foz do Xingú, fortificarão-se em *Mariocay*, entre os rios Pery e Acaraby, mas forão expellidos pelo capitão-mór Sebastião de Lucena, depois de sanguinolento combate. No anno de 1742 foi reedificada sob a direcção do engenheiro genovez Domingos Samosetti; e referindo-se a ella o Dr. Alexandre Rodrigues Ferreira em 1874 diz, que essa fortaleza se achava em bôa posição, sobre um rochedo, dominando perfeitamente a boca do Xingú, sendo os navios obrigados a irem ahi apresentar seus passaportes; mas Baena em 1839 affirma, que esse registro era meramente para servir de algum cousa, e não por ser apropriado a esse fim, visto offerecer o Amazonas naquella paragem muitos transitos fóra de sua vista; entretanto (accrescenta elle) *essa fortaleza foi obrada com alguma luz de architectura militar.*

CIDADE DE BELEM

No 2° capitulo deste trabalho ficou dito em poucas linhas o estado de fraqueza desta cidade, a data da fundação

de seus fortes e o abandono d'elles; no *Ensaio Chorographico* de Baena, que citámos sempre como muito competente em tudo o que se refere á sua provincia,encontra-se o seguinte:

« Pela parte do mar não é a cidade defendida, porque só tem a chamada fortaleza da Barra, que circumdão as ondas do Guajará, edificada desde 1686, sobre a extremidade do banco mergulhante de pedra, que se estende do Val de Cães para baixo, cuja extremidade cobre-se pelas aguas ascendentes no fluxo do mar, e está proxima ao canal, em que resvalão os navios que apontão ao porto, e dista da cidade 3725 braças craveiras. Não é portanto, por suas condições de posição e de construcção, uma fortaleza maritima, que reuna em si todos os meios precisos para repellir efficazmente qualquer ataque naval.

Accioli, na *Corographia Paraense,* dá essa fortaleza armada com 35 canhões; o mappa annexo ao *relatorio da Guerra* de 1847 apenas cita 12, e hoje talvez este mesmo algarismo deva ser reduzido. A antiga do *Castello* foi mandada desarmar pelo aviso de 10 de Novembro de 1876.

Das fortificações antigas, de que só restão vestigios ou a tradição, faremos menção das seguintes :

Santarem.

Situada na confluencia dos rios Tapjós e Amazonas, na margem oriental d'aquelle; foi uma das que o capitão Francisco da Mota fez á sua custa e da qual teve o commando vitalicio seu filho Manoel da Mota. Suas muralhas de taipa de pilão tinhão a fórma quadrada com 22 braças de lado e um baluarte em cada saliencia. O seu destino era vigiar e defender a passagem do Amazonas, mas essa guarda não podia ser perfeita, por existirem diversas ilhas, por entre as quaes podião navegar as canoas sem serem presentidas. Em 1784 foi inspeccionado pelo governador Martinho de Souza Albuquerque, que considerou-a como a mais regular de todas as que havião sido construidas até então. Posteriormente servio de quartel a um destacamento para conter as correrias dos indios; mas já em 1839 só existião as muralhas arruinadas.

Almerim

E' o antigo forte do Desterro edifi ado por Bento Maciel em 1638, e do qual faz menção o Padre d'Acuna que o vio em 1636, guarnecido com 30 soldados. Reedificada depois por Manoel da Mota, occupava bôa posição, junto ao porto da povoação, hoje villa de Almeirim. Talvez della não existão vestigios presentemente, pois que, ha 42 annos, já suas ruinas se achavão occultas pela vegetação, entretanto (diz Baena) *ainda se podia vêr, que essa obra fôra desenhada e construida por pessoa, que da arte de fortificar tinha alguma luz por uso.*

Mariocay

Fortificação de faxina levantada pelos Hollandezes no seculo XVII na margem esquerda do Xingú, perto da sua foz entre os riaxos Pery e Acarahy. Em 1871 ainda forão ahi encontrados 2 canhões, unico indicio da existencia do forte hollandez, destruido em 1641 por Sebastião de Lucena.

Alcobaça

Ayres do Casal (tomo 2° pag. 266) falla de um forte neste ponto, na margem do Tocantins; mas nada mais pudemos obter a tal respeito; nem consta, que os diversos invasores do seculo XVII houvessem penetrado neste rio.

Provincia do Maranhão.

A costa desta provincia foi invadida nos ultimos annos do seculo XVI pelos Francezes, no seculo seguinte pelos Hollandezes, apoderando-se, quer uns quer outros, da ilha onde se acha hoje a capital; e desse tempo datão as diversas obras de defesa levantadas na provincia. As que ainda existem, são[68] :

[68] V. *Diccionario do Maranhão*, pelo Dr. Cesar Maques—*Mem. r. hist. de Pernambuco*, 1° e 2°.— *Corogr. Paraense.*—*Hist. Ger. do Brazil*, tomo 1°, secção XXVI.— *Memorias sobre o Piauhy*, pelo Dr. J. M. P. Alencastre.— *Rev. Trim.* 1857, 1°, tr. e 1877, 1° trim.

SÃO-LUIZ.

Foi provavelmente a 1ª fortificação regular construida no Brazil. Fundada em 1612 por La Ravardière, recebeu o nome de São-Luiz em honra ao rei Luiz XIII, que então reinava, e esse nome estendeu-se á povoação e a toda ilha. Sitiada por Jeronymo de Albuquerque, que foi reforçado depois por Alexandre de Moura, capitulou em 3 de Novembro de 1615, dando-lhe então o vencedor o nome de *São-Filippe* em honra ao rei, 3º desse nome. Vinte e seis annos depois era commandado pelo famoso Bento Maciel Parente, quando chegou o almirante hollandez Cornelissen com 18 navios e 2.000 homens de desembarque, que o intima a render-se. Bento Maciel, quasi octogenario e dispondo sómente de 60 soldados mal armados, capitula em 25 de Novembro de 1641, contra a opinião do seu immediato, o capitão Francisco Coelho de Carvalho, que depois foi governador da capitania. O infeliz Parente, que no fim dos seus dias mareou a sua longa fama de valoroso, foi conduzido prisioneiro para o Recife e conduzido para a fortaleza do Rio-Grande do Norte, onde morreu um mez depois, ralado de vergonha e pezar pela deslealdade do chefe hollandez, que foi assim inscientemente o vingador dos indios, sobre os quaes Parente fizera pezar a sua crueldade.

Em 1644 recebendo-se a noticia do levantamento dos Pernambucanos, Antonio Moniz Barreiros reforçado com o contigente de Antonio Teixeira de Mello, atacão o forte de São-Luiz, mas são repellidos e morto Barreiros. Teixeira retira-se, vai tomar o forte do *Calvario* no rio Itapicurú, faz durante algum tempo a guerra de emboscada, e quando se julga forte, ataca de novo São-Luiz, obriga os Hollandezes a evacuar a ilha e destróe as fortificações. Posteriormente reedificada, foi reparada em 1820, e dahi para cá tem-se arruinado a tal ponto, que em 1879 o governo mandou recolher a artilharia, emquanto se procede a concertos, que impeção o total desmoronamento.

Está situado em excellente posição, na ponta formada pelos rios Anil e Bacanga, a noroéste da cidade, em frente á

ponta do Bomfim. E' conhecido geralmente por *Baluarte*; entretanto compõe-se de dous fortes semi-circulares, unidos por uma cortina de 150 metros, e era armado com 28 canhões, jogando á barbeta. Tem a categoria de fortaleza de 2ª classe.

SÃO-MARCOS.

Não ha certeza da época exacta de sua fundação, mas é do seculo XVII. Está distante meia legua da cidade, e situado na ponta que olha para noroéste da bahia do mesmo nome, em frente ao banco d'areia, donde domina a entrada do canal formado por este. Acha-se como o precedente em máo estado de conservação; servindo presentemente de pharol, quartel e telegrapho para annunciar a entrada dos navios. Os avisos de 13 de Março e 31 de Julho de 1880 o transferirão para o ministerio da agricultura, afim de servir de posto da repartição dos telegraphos electricos.

SANTO-ANTONIO DA BARRA.

Tem tambem o nome de forte da *Ponta d'Areia*; está collocado o sudoéste do precedente, dominando o canal entre a ilha de São-Luiz e as ilhotas, que ficão a oéste deste, e que dá entrada para a cidade. Tem a fórma circular, montava outr'ora 22 canhões; mas está, ha tempo, desarmado, e o aviso de 24 de Agosto de 1871 dispensou o seu commando, ordenando que *fôsse vigiado* pelo encarregado do laboratorio pyrotechnico, que nelle funcciona. Teve origem no tempo da invasão dos Francezes; em 1691 começou a reedificar-se com o nome de forte da *Ponta de João Dias*, e cahindo em ruinas soffreu nova construcção em fins do seculo passado. Em 14 de Julho de 1824, tendo-se sublevado sua guarnição, foi, por ordem do presidente Bruce, batido pela artilharia das fortalezas de São-Luiz e de São-Marcos, que lhe incendiárão o paiol, fugindo então os revoltosos.

Fóra estes houverão antigamente os seguintes :

Alcantara

No porto da cidade desse nome, na margem da bahia de São-Marcos, fronteira á capital, foi construido em 1763 por ordem do governador Joaquim de Mello Povoas, um forte sob a invocação de *São-Sebastião* ; cahindo em ruinas, D. Diogo de Souza mandou reconstruil-o no fim do seculo passado, com o nome de *Apostolo São-Mathias*, armando-o com 9 canhões, que estão hoje desmontados e o forte em abandono.

São-Francisco

Achando-se arruinada a fortaleza de Santo-Antonio pela forte acção das aguas, o governo mandou, que se levantasse outra na ponta de São-Francisco, a qual foi começada em Agosto de 1720 com o nome de *Santos Cosme e Damião* ; e em uma informação prestada em 1762 ao Marquez de Pombal pelo governador Povoas, dizia montar 21 canhões, os quaes elle tratava de pôr em bom estado por ser muito importante a posição do forte, para defesa da cidade. Actualmente existem os alicerces e restos de muralhas.

Guaxenduba

Tambem designado por *Natividade* e *Santa-Maria*, construido em 1614 por Jeronymo de Albuquerque, na bahia de São-José, perto da foz do rio Monim, 12 leguas distante de São-Luiz. Antes de concluido foi atacado por La Ravardière com 7 pataxos e 46 canôas conduzindo 200 Francezes e 2.000 indios, os quaes desembarcárão e derão começo ao assalto ; mas Albuquerque e Diogo de Campos resistem valentemente, e fazendo em tempo opportuno uma sortida, ganhão esplendida victoria, minuciosamente narrada por Francisco Teixeira de Moraes (*Rev. Trim.* 1877, 1° trim.).

Itapary

Construido por La Ravardière na ponta da bahia de São-José a nordéste da ilha de São-Luiz, em frente do

precedente. Accommettido por Jeronymo d'Albuquerque depois da victoria da Natividade, foi apertado de tal modo que o chefe francez assignou a capitulação de 31 de Julho de 1615.

Sardinha

Forte construido por Alexandre de Moura, na ilha de São-Francisco, no qual deixou por chefe Bento Maciel, emquanto elle ia a reformar Albuquerque no ataque aos francezes.

Calvario ou Vera-Cruz

Forte edificado por Pedro Teixeira em 1620, na foz do rio Itapicurú, margem esquerda, afim de repellir as aggressões dos indios. Augmentado em 1641 pelo almirante Cornelissen, foi conquistado em 1° de Outubro de 1644 por Moniz Barreiros; reedificado em 1682 sob a invocação de *Santo-Christo*; só restão ruinas.

Iguará

Em 1712 o mestre de campo Antonio da Cunha Soutomaior fez elevar uma fortificação sobre o rio deste nome, na boca da capitania do Piauhy, no intuito de dahi oppor-se ás hostilidades que os moradores das margens do Paranahiba praticava o celebre Mandú-Ladino, que falleceu pouco depois afogado no mesmo rio. Era conhecida por *Casa forte do Iguara*, e delle falla Alencastre nas suas *Memorias do Piauhy*.

Provincia do Piauhy

Esta provincia, possuindo muito pequena costa sob o oceano, nunca foi theatro de invasões estrangeiras, por isso nunca teve, nem tem fortificações.

Provincia do Ceará

Em toda a longa costa desta provincia ha sómente a fortaleza de

NOSSA SENHORA DA ASSUMPÇÃO

Em seu principio teve o nome de *Nossa Senhora do Amparo* e foi construida em 1611 pelo capitão mór Martin Soares Moreno, enviado pelo governador geral D. Diogo de Menezes para fundar um estabelecimento no Ceará, com algumas familias de Pernambuco e indigenas do chefe Jacaúna, amigo de Martin Soares. Atacada pelos Hollandezes em 1625 e 1637, conseguio repellil-os; mas neste ultimo anno, em outro ataque foi tomada por Jorge Gartsman, que, com 4 navios e ajudado por um chefe indio, della se apoderou sem resistencia e a conservou durante 7 annos, no fim dos quaes os mesmo indios alliados, tendo de vingar injustiças, degolárão a guarnição com o seu commandante Morritz, entregando a fortaleza a Antonio Teixeira de Mello, chamado por elles do Maranhão. Durante o dominio hollandez, a fortaleza perdeu o antigo nome e recebeu o de *Schounembourg*, que por sua vez perdeu por occasião de ser restaurada pelos nossos, passando então a ter o de *Nossa Senhora da Assumpção*; o povo designou-a porém sempre por *Fortaleza*, que ficou tendo tambem a povoação adjacente, a qual com a marcha dos annos passou á villa, cidade e capital da provincia.

O Senador Pompeu (*Ensaio Estatistico II*) diz, que essa fortaleza foi reconstruida nos annos de 1816 a 1818 pelo governador Manoel Ignacio de Sampaio Pina, e armada com 27 canhões; em 1847 jazia arruinado e só com 20 canhões, segundo se vê do mappa n. 38 annexo ao *relatorio da guerra*; depois da questão Christie em 1863 foi reparado e hoje acha-se em soffrivel estado de conservação.

Está em posição elevada e em condições de defender a enseada, sobre a qual se assenta a cidade; a sua categoria é de fortaleza de 2ª classe.

Em tempos passados houve mais as seguintes fortificações [69]:

---

[69] V. *Ensaio Estatistico*, pelo Senador Pompeo, 2º 724.— *Resumo chronologico da historia do Ceará*, por J. Brigido dos Santos — *Hist. Ger. do Brazil*, 1º, secção XXVI.— *Mem. hist. de Pernambuco*, 1º, cap. 13º.

Nossa Senhora do Rosario

Em 1613 Jeronymo d'Albuquerque, partindo de Pernambuco a operar no Maranhão contra La Ravardière, aportou á enseada da Jericoacoára ou bahia das Tartarugas, 12 leguas a O. de Acaracú, è ahi construio um forte de páo a pique com esta denominação, emquanto seu amigo Martim Soares Moreno ia reconhecer as posições dos Francezes. Com a grande demora de Moreno, Jeronymo voltou a Pernambuco, deixando no forte 40 homens; e pouco tempo depois estes serião victimas de um corsario francez, si não chegasse providencialmente uma caravella com soccorros, que permittio rechassar com perda os piratas. E' provavel, que desse forte não existão vestigios, á vista da sua ligeira construcção.

O Senador Pompêo affirma ter havido um forte na ponta de Mucuripe, a legua do porto do Ceará, o qual desappareceu sob as areias, ha muito tempo; o Sr. João Brigido diz, que erão dous, o de *São-Bernardo* a O. e o de *São Bartholomeu* a E. Além destes, enumera o mesmo Sr. mais 2: um delles, de madeira que dominava a barra do Sul do porto da capital no logar fronteiro á antiga alfandega, hoje terra firme, e existia ainda no principio deste seculo, o outro, de que não se sabe ao certo o sitio e a época da fundação, sobre o rio Jaguaribe, e com o nome de *São-Lourenço*.

Provincia do Rio-Grande do Norte

O governo portuguez interessou-se sempre pela costa desta provincia. Em 1729, desconfiando do projecto de invasão dos Hollandezes, despachou o general Mathias de Albuquerque para fortificar e velar na defesa da costa das capitanias ameaçadas, recommendando-lhe esta; em 1807 o aviso régio de 7 de Outubro exigio do governador José Francisco de Paula Cavalcanti uma informação do que convinha fazer para a defesa; a resposta do qual se acha na *Rev. Trim.* 1864, 2ª *tr.*

Hoje póde dizer-se, que essa extensa costa está indefesa; pois que se achão em ruinas todas as suas fortificações a saber :[70]

SANTOS REIS MAGOS

Teve principio em uma torre circular de madeira, construida pelo capitão Manoel de Mascarenhas em 1598, quando elle teve ordem de, com 300 colonos e muitos indios e escravos africanos, fundar uma povoação nas margens do rio Potengi, cerca de meia legua da foz. A torre, situada sobre o recife da barra do lado meridional, teve o nome de *Trez Reis Magos*, e estava em logar, que, ficando ilhado no preamar, na vasante permittia communicar com a terra firme. Foi seu 1º commandante o bravo Jeronymo d'Albuquerque, o qual nesse posto teve de sustentar muitos combates contra os selvagens, até que, conseguindo attrahir a amizade do chefe Sorobabé, pôde-se mais desafogadamente tratar da povoação. No seculo seguinte, os jesuitas reconhecendo a excellencia do sitio, encarregárão a um dos seus, engenheiro e architecto, de traçar e construir uma fortaleza e logo que cathechisárão os indios, davão-lhes o exemplo carregando ás costas os materiaes para essa construção; e assim em pouco tempo essa obra, cavada no rochedo, tornou-se uma das mais notaveis fortalezas do Brazil, tanto pela solidez e perfeição, como pela vantagem da posição, chave de toda a capitania.

Em Dezembro de 1631 Vamdembourg ia atacal-a, mas retirou-se por saber, que sua guarnição fôra reforçada dias antes com 300 soldados e outros tantos indios da Parahiba. Dous annos depois, melhor firmados em Pernambuco e com o poderoso auxilio do sagaz Calabar, o almirante Keulen com 16 navios e 2.000 homens apparecêra diante della, e occupando um enorme comoro de areia na vizinhança, dispôz suas baterias e abrio o fogo, respondido sempre pelo capitão Pedro de Gouvêa, que, com 85 soldados

[70] V. *Mem. hist. de Pernambuco*, 2º, 236; 2º, 56; 3º, 239. — *Corogr. Bras.* 2º. — *Hist. Ger. do Brazil*, 1º, secção XXIV. — *Rev. Trim.* 1861, 2º. — *Mappa* n. 38 annexo ao relatorio da guerra, 1817. — *Noc. de Corogr. do Brazil*, por Macedo.

e 13 canhões, defendia-o heroicamente apesar de ferido gravemente desde os 1°ˢ tiros. Desaminados de vencel-o pelo fogo, o chefe inimigo recorre á traição, compra o sargento immediato do commandante, o qual, abrindo as portas á noite aos Hollandezes, estes degolão o valente Gouvêa, parte da guarnição, e aprisionão o resto, poucos horas antes de chegar um importante reforço, que vinha soccorrer a praça e que teve de retirar-se.

Cabe aqui relatar um bello episodio: logo que occupárão a fortalesa, Keulen dá liberdade ao velho indio Simão Soares Jaguarary, tio do immortal Camarão e que injustamente jazia preso a 8 annos. Enganou-se o Hollandez no seu calculo, porque o velho chefe indigena, mal se acha livre, corre á sua povoação, e, juntando toda tribu, diz-lhe: *Vêde nos meus pulsos os roxos signaes das cadêas, mas sómente o crime é infame e não cativeiro. Quanto mais injustos fôrem comnosco os nosso compatriotas, maior será o nosso galardão sendo-lhes fieis: e muito mais agora que elles são desgraçados.* Os indios, espantados de tanta magnidade, o seguirão, prestando depois assignalados serviços aos Portuguezes.

Em 1637 o Principe Mauricio mandou reparar essa fortaleza e deu-lhe o nome de *Keulen*, apesar de saber que fôra a traição e não a bravura deste chefe que a conquistára. Cinco annos depois, em 1 de Fevereiro, fallecia ahi o ex-governador do Pará e do Maranhão, Bento Maciel Parente, aprisionado contra as leis da guerra, depois da capitulação de São-Luiz do Maranhão. Em 1654, depois da capitulação dos Hollandezes no Recife, quando Francisco de Figueirôa foi por ordem do general Barreto occupar esta fortaleza já os invasores a havião abandonado, fugindo para a Europa nos navios que estavão no porto.

Actualmente suas muralhas derrocadas e suas 14 bocas de fogo enterradas na areia, ou jazendo no chão sem reparo, servem apenas para dar testimunho de seu glorioso passado.

Ponta-negra.

Fortificação levantada em 1808 por conselho do governador Cavalcanti, 2 leguas a O. da fortaleza dos Reis

Magos; está desarmada ha muitos annos e provavelmente inteiramente arruinada.

Petitinga

Na ponta desse nome, pouco acima do cabo de São-Roque, teve origem e está nas condições da precedente.

Touros

Em uma ponta, na foz do rio Carnaúbinha, perto da villa de Touros. Idem, idem.

Manoel-Gonçalves

Fortificação na costa da ilha desse nome, á pequena distancia da barra do Assú. Idem.

Genipabú

Forte na ponta, que fica entre as barras do Potengí e do Ceará-mirim destinado á defesa da praia e porto desse nome. Idem.

Provincia da Parahiba.

Possue esta provincia trez bahias, que dão bom ancoradouro, a saber : a bahia da Traição ao norte; a enseada de Lucena; e um pouco ao sul desta, a barra do Cabedello, na foz do rio Parahiba. Na 1ª houve uma fortificação de alvenaria, que o mappa de 1847 dá como em soffrivel estado e armada com 12 canhões, mas sobre a qual nada mais sabemos; para defesa da 2ª tambem dá esse mappa uma bateria com 1 canhão, em ruina; quanto á 3ª e a mais importante, por ser a melhor e a entrada para a capital, mereceu sempre grande attenção desde o fim do seculo XVI, e fez-se para sua guarda a fortaleza de que tratamos adiante, Trez leguas abaixo na margem esquerda do rio, houve tambem um forte construido em 1583 pelo almirante Flores Baldez, o qual sendo abandonado, construio-se o de

Santo-Antonio em frente á fortaleza do Cabedello,o qual ainda não estava concluido eml 1634, quando deu-se o ataque do general Segismundo, mas sob o commando do capitão Lourenço Cavalcanti e auxiliado pelo valente Simão Soares Jaguarary, muito contribuio para abrilhantissima defesa; mas quer desse forte quer da bateria de *São-Bento* em uma ilha de areia entre o forte e a fortaleza, quer ainda do de *São-Filippe*, uma legua acima do de Santo-Antonio na marge esquerda do rio, nenhum vestigio existe presentemente.[71]

SANTA-CATHARINA DO CABEDELLO

Teve começo em Novembro de 1585 na margem direita do Parahiba do Norte em uma ponta que avança neste rumo, sendo a obra dirigida pelo official allemão Christovão Lintz, que lhe deu 15 braças de vão em quadro com duas guaritas (baluartes), que com 8 peças flanqueavão-lhe as faces e dahi a 4 mezes foi guarnecida pelo capitão Francisco Morales com 50 soldados hespanhóes, os quaes desampararão a posição logo que constou andar perto uma esquadrilha franceza. Em 1597, rompendo a guerra entre a Hespanha e a França, uma esquadra de 13 náos desta nação desembarcou 350 homens para tomar o forte, mas este, apenas guarnecido por 20 homens com 5 canhões, os pôz em fuga. Em 1631 o general Lichtarth apresenta-se diante da fortaleza, á frente de 26 navios com 3.000 homens, os quaes, desembarcando sob as ordens do coronel Calvi, levantão um reducto entre ella e a villa; pela manhan uma sortida nossa toma-o, morrendo em combate o bravo Jeronymo de Albuquerque Maranhão, o chefe hollandez bate-se com pertinacia em torno do reduto, até que o heroico commandante do Cabedello João de Matos Cardoso, vencedor dos Francezes em 1597, fazendo uma vigorosa sortida, obriga os Hollandezes a reembarcarem-se com grande perda.

---

[71] V. *Hist. Ger. do Brazil*, 1º, secção XXII.— *Mem. hist. de Pernambuco*, 1º, 2º e 3º. — *Corogr. Brasilica* 2ª. — *Noções de Corogr. do Brazil*, 2ª parte. — *Com. do Madeira*, 1ª parte.

Trez annos depois o general Segismundo com 32 navios e 2400 homens, auxiliado por Calabar, que lhe serve de guia, chega a Cabedello, desembarca gente, repelle uma pequena força que se lhe oppõe, e dá comêço a um apertado sitio, intercallado por uma serie de mortiferos combates contra a fortaleza, o forte fronteiro de Santo-Antonio e a bateria de São-Bento; os nossos realisão prodigios de valor; o bravo Matos Cardoso é gravemente ferido e deixa o commando ao valente Jeronymo Pereira, a quem succede o mesmo; até que, desesperando de receber soccorros, pela conducta indigna do Conde de Bagnuolo, que longe de levar-lhes reforços, abandona a cidade que devia defender, o capitão-mór Antonio de Albuquerque aceita as proposições honrosas, que lhe faz Segismundo, que já perdêra 600 soldados, e assim cae em poder dos Hollandezes o glorioso baluarte, chave da rica capitania parahibana.

A resistencia opposta nessa occasião pelas tres fortificações é uma das mais bellas paginas da nossa historia militar, e sentimos não poder aqui citar todos os brilhantes feitos praticados por Matos Cardoso, Jeronymo Pereira, Antonio d'Albuquerque, Gregorio Guedes, os irmãos Antonio e Francisco Peres Calháo e outros heróes dignos de estatuas.

Em 1637 Mauricio fez reparar e augmentar a fortaleza, á qual deu o nome de *Margarida* em honra á sua irman.

Seis annos depois, João Fernandes Vieira vai visitar o corenel Blandeck, que commandava a fortaleza, e tenta entabolar relações com os Parahibanos para a revolta; o chefe hollandez é substituido pelo general Paulo Lange, a quem Vieira trata de comprar, mas são ambos denunciados por um padre portuguez, que assim frustra a negociação.

Depois da capitulação do Recife em 1654, o coronel Figuerôa occupa a fortaleza e o forte; e desde então ficárão entregues á acção destruidora do tempo.

Do forte Santo-Antonio e da bateria de São-Bento nada mais resta sinão a fama; a velha *Santa-Catharina* vai no mesmo caminho; o mappa de 1847 já a dava em ruina, com seus 46 canhões inutilisados, e esse triste estado tem-se aggravado a tal ponto, que um nosso illustrado patricio, o Dr. J. Rodrigues Barbosa, indo em uma viagem de exploração ao Amazonas, conta (*Jornal do Commercio* de 3 de

Maio de 1872), que, ao passar pela gloriosa fortaleza, vira desfraldada sobre suas derrocadas muralhas uma negra e esfarrapada bandeira, que é muitas vezes içada por uma pobre mulher!

Provincia de Pernambuco

A feliz posição do territorio desta provincia, sua fertilidade e rapida prosperidade, desafiárão sempre a cubiça dos aventureiros e conquistadores desde o Francez La Motte, depois Lancaster e afinal os Hollandezes.

Para repellir o formidavel poder destes, forão realizados factos e desenvolvidas virtudes dignas dos tempos heroicos da antiga Grecia e Roma. Mucio Scevola teve ahi o seu simile Henrique Dias; á famosa retirada de Xenophonte póde oppôr-se a, talvez mais difficil e gloriosa, do indio Camarão; Leonidas teve como rivaes os capitães Pedro de Albuquerque, Agostinho Nunes e Salvador de Azevedo; as acções de magnanimidade e bravura de Milciades, Phocion e Themistocles são repetidas por Vidal, Mathias de Albuquerque, Vieira e Rabello; a mãi dos Gracchos é excedida por D. Maria de Souza; e o episodio das matronas romanas, offerecendo á patria suas joias, é eclipsado pelo do batalhão feminino combatendo em Porto-Calvo sob as ordens de D. Clara Camarão, e pelo das heroinas do Tijucupapo detendo e rechassando o bravo Lichtart em 1646.

Foi esse territorio o, de todo o Brazil, que mais se fortificou e entrincheirou, de modo que hoje seria impossivel dar uma exacta relação de todas as obras de defesa, que nelle se elevárão; e por isso nos limitaremos aos seguintes, que são os principaes:[72]

---

[72] V. *Mem. hist. de Pernambuco*, 1, 2 e 3.—*Mem. diarias da guerra holl.*, pelo Marquez de Basto.—*Hist. Ger. do Brazil*, 1º, secção XXIV.—*Hist. do Brazil*, por Abreu Lima, 1º.—*Dicc. de Pernambuco*, por Honorato.—*Mem. hist. do Rio de Janeiro*, 8º.—*Rev. Trim.* 1862, 1º.—*Relatorio do minist. da guerra* de 1861.—*Anno Biographico*, de Macedo, 7 de Dezembro.

FERNANDO DE NORONHA

As obras defensivas desta ilha constão de oito fortalezas e fortes construidos pelos Hollandezes, desprezadas pelos nossos depois de 1654, occupadas pelos Francezes em 1737, restauradas em 1738 e augmentadas em 1741.

Actualmente as melhores, por sua posição e estado de conservação, são: a de *Nossa Senhora dos Remedios*, com 13 canhões no porto de Santo-Antonio ao N. da ilha, e a de *Santo-Antonio*, que póde prestar-lhe auxilio.

Ao lado do N. ha ainda as da *Conceição*, *São-José do Morro* e os redutos de *Boldró* e dos *Dous-Irmãos*; do lado do sul a fortaleza do *Leão* e o reduto do *Sueste*; todas estas porém desguarnecidas e em ruinas, sendo mesmo desnecessarias, pois que os rochedos já são por si serios obstaculos para quem tentar um desembarque.

O aviso de 14 de Fevereiro de 1857 classificou como de primeira classe o conjuncto de todas essas fortificações; e o decreto de 3 de Novembro de 1877 desligou-as do ministerio da guerra, passando a ilha a ser prisão civil.

ITAMARACÁ

No extremidade sul da ilha desse nome, a seis leguas do Recife, foi construida por Hollandezes a fortaleza de *Santa-Cruz*, depois de 1631; atacada em vão, apezar de grandes estragos que lhe causão, por Vidal e Vieira em 1645, é occupada em 1654 pelo coronel Figueirôa.

Tem a fórma de um quadrado com baluartes nos salientes e monta 23 bocas de fogo. Está arruinado, entretanto a situação é muito importante, pois que guarda a entrada do porto de Iguarassú, que mesmo nas marés baixas dá passagem a navios de alto bordo, emquanto que o canal de oéste tem menor fundo.

Houve tambem um fortim na ponta do Catuama, ao N. da ilha, mas cahio em ruinas.

PÁO AMARELLO

A 3 leguas ao norte de Olinda; posição vantajosa por ser franco o caminho dahi para esta cidade, e foi o seguido em 1635 pelos Hollandezes, que a conquistárão.

O governador Duarte Sodré (annos de 1729 a 1738) mandou levantar ahi um forte quadrangular, do qual existem apenas os alicerces e oito bocas de fogo de calibres 24 a 9, enterrados na arêa.

O aviso de 4 de Maio de 1877 mandou, que fôssem conservadas suas obras.

SÃO-FRANCISCO

Fortim rectangular edificado na praia de Olinda, no sitio em que havia outro anterior á invasão hollandeza; domina o ancoradouro dessa cidade, o que lhe dá importancia. Uma informação datada de 1863 diz, que a construcção foi tão bôa, que é facil reparal-o, apezar do abandono em que jaz, ha longos annos, e enterradas no chão suas quatro peças de artilharia.

SANTO-ANTONIO DO BURACO

Situado na lingua de terra que avança de Olinda para o Recife, antes da invasão denominava-se *guarita de João Albuquerque*; auxiliou a tenaz defesa contra os Hollandezes e foi por estes abandonado em 1654, logo que os independentes apertárão o cerco do Recife. Reconstruido em 1705, tendo trez faces em linha recta e uma abaluartada, foi concertada depois de 1863 e monta 23 canhões de 24 a 12. Está em estado soffrivel conservação e classificado de 2ª classe.

BRUM

Foi o famoso *forte de São-Jorge*, a Diu Brazileira, que se immortalizou pela heroica defesa de 1630, sob o com-

mando do capitão Antonio de Lima, já lembrado no capitulo precedente.

Começou por uma trincheira tomada por Lancaster em 1595 e retomada um mez depois, sendo então construida com mais solidez; os Hollandezes ficárão vencedores de suas gloriosas reliquias e sobre os seus alicerces reedificarão-o com o nome de *Brum*, que era o do seu general Vandembourg; mas os Pernambucanos o designavão por *Perrexil*, não sabemos por que razão. Tomado em 1654, foi nelle, que em 1817 encerrou-se e capitulou em 7 de Março, o governador Caetano Pinto de Miranda Montenegro, quando rompeu a revolução d'esse anno.

Situado meia milha ao sul do de Santo-Antonio, no logar chamado Fóra de Portas, auxilia-o efficazmente na defesa da barra. Seu traçado é irregular e composto de trez faces abaluartadas e uma simples, que é a que olha para o mar, defendendo o ancoradouro do *Poço*; monta 48 canhões e serve de registro do porto. Acha-se em bom estado de defesa e pertence ás fortalezas de 2ª classe.

FORTE DO MAR

Collocado sobre a ponta do recife, quasi defronte do precedente, data sua primeira construcção do seculo XVI, e depois teve o *Picão* e *São-Francisco*. Representou importante papel durante a guerra hollandeza, mas foi destruido pela triplice acção das balas, do tempo e das vagas, até que em 1817 o general Luiz do Rego o fez reconstruir, dando-lhe a forma de um enneagono irregular, com 6 canhões; e essa obra foi tão solidamente executada que tem resistido galhardamente ao forte embate das ondas.

Classificada como de 2ª classe, sua posição é optima, por poder cruzar os fogos com os do Brum e do Buraco; e é diante delle que surgem as embarcações, que procurão o porto; pelo que merece, que sobre elle se eleve uma torre de ferro ou casamata á prova de bomba.

CINCO PONTAS

Fortaleza existente na extremidade sul do bairro de Santo-Antonio. Construida em 1630 pelo general Vandem-

bourg, que deu-lhe o nome de *Frederich Heinrich*, foi sempre pelos naturaes designada pelo nome tirado de sua figura. Quando em 1654 os Hollandezes começárão rapidamente a perder terreno ao redor do Recife, Segismundo desmantela e incendia todas as outras fortificações concentrando toda a resistencia nesta fortaleza. Apertado inergicamente, é obrigado a render-se; e é no campo do Taborda, que lhe ficava ao lado, que foi assignada a capitulação de 27 de Janeiro, ultimo dia do dominio hollandez em Pernambuco.

Figurou tambem por occasião da revolta de 1817; em 1877 montava ainda 14 canhões, hoje serve de quartel, completamente inutil para a defesa, tanto pelo estado de ruinas das muralhas, como por estar rodeada de habitações; por estes motivos foi mandada alienar pelo art. 15 da lei n. 1.040 de 14 de Setembro de 1859.

GAIBÚ

Forte situado no extremo norte do Cabo de Santo-Agostinho, distando quatro e meia legoas ao sul do Recife: tem a fórma de um pentagono irregular, armado com 6 bocas de fogo. Não consta a data de sua edificação; mas forte e canhões estão em máo estado; entretanto a posição é importante, visto que além de defender a cidade do Cabo, é facil o accesso dahi para o interior da provincia.

NAZARETH

Forte na extremidade sul do mesmo cabo de Santo-Agostinho, 1 kilometro distante do precedente; defende a garganta entre o cabo e o recife, que é a entrada da barra dos rios Suape e Ipojuca. Não obstante a excellencia desse ponto, o forte está desarmado e desguarnecido.

Figurou muito na guerra hollandeza, nelle se distinguirão Mathias de Albuquerque e Bento Maciel; o Conde Bagnuolo augmentou-a, de modo que sendo atacada em Fevereiro de 1631, defende-se tão brilhantemente que

Segismundo retira-se com grande perda, volta a sitial-a com forças poderosos, e com muito custo della se apodera por capitulação em Julho de 1635. Commandada por Hoogstraten, um dos officiaes mais bravos dos invasores, este a entrega aos nossos em 10 de Setembro de 1645, mediante 18 mil escudos e o commando de um regimento. Esta fortaleza conhecida por *Pontal de Nazareth* pelos naturaes, e *Vander Dussen* pelos Hollandezes, era considerada como a mais importante da costa pernambucana, e tal importancia lhe derão todos, que por ella se fizerão os maiores sacrificios.

TAMANDARÉ

Fortaleza situado 2 legoas ao sul da foz do Rio-Formoso, tem por fim defender a barra do mesmo nome, incontestavelmente um dos melhores ancoradores da provincia.

Nesse ponto desembarcárão em Junho de 1645 os reforços conduzidos pelo almirante Salvador Correia Benevides ; e poucos dias depois chegando a forte expedição de Lichtart, ahi atacou oito navios mercantes, que, confiados nas treguas, estavão longe de esperar tal traição ; comtudo defendem-se com admiravel valentia, como melhor se verá no 2° tomo das *Mem.-hist.* de Fernandes Gama. Vieira fortificou esse ponto em Julho de 1646 com esta fortaleza, que foi reparada em 1805, tendo a fórma quadrangular abaluartada e montando 28 canhões ; é hoje classificada entre as de 2ª classe, mas tem estado em abandono.

A posição é de tal maneira importante, que o Dr. Liais, sendo incumbido de estudar os portos de Pernambuco, aconselhou, que o de Tamandaré fôsse o porto da capital, communicando-o com a cidade do Recife por meio de uma estrada de ferro.

Fóra estes, mencionaremos as seguintes entre o grande numero das que têm desapparecido com o tempo:

Bom-Jesus do Arraial

Fundada por Mathias de Albuquerque em 1630, na margem do Capibaribe, fronteira ao Recife, é testimunha

dos maiores feitos de bravura até que se rende em 1634 e é demolida.

Novo Bom-Jesus

No logar *Gargantão*, dominando Olinda, Recife e os Afogados; no qual se mantiverão os independentes desde 1645 até a expulsão total dos Hollandezes.

Nazareth da Mata ou *Ay*

Na margem do pequeno rio deste nome, atacado em vão por Segismundo em 1632.

Forte do Rego ou *Salinas*

No logar que conserva este nome, tomado em 61 de Janeiro de 1654 depois de um brilhante combate iniciado por Vieira e decidido por Vidal.

Reduto do Rio-Formoso

Onde se entrincheirou o bravo Pedro de Albuquerque com 20 companheiros, sustentando verdadeira batalha, que só cessa, quando jazem 18 cadaveres e 2 homens gravemente feridos, que são o heroico chefe e seu primo Jeronymo de Albuquerque.

Reduto de Tijucupapo

Celebre pela resistencia do capitão Agostinho Nunes e 30 mancebos, que combatem contra toda a força de Lichtart, até perderem a vida.

Forte do Rio-Tapado

Construido ligeiramente por Mathias de Albuquerque em 1630, para se oppôr á marcha dos Hollandezes desembarcados em Itamaracá.

Quebra-pratos

Forte que existia no logar, em que Mathias fundou o arraial do Bom Jesus.

Forte Sequá ou de *Tres-Pontas*

Em uma ilha que havia a sudoéste do forte do Brum.

Forte Ernesto

Edificado por Mauricio no logar em que é hoje a Boa Vista.

Forte de Orange ou do *Principe Guilherme*

Fundado por Mauricio junto á ponte dos Afogados, sobre o Capiberibe.

Forte Milhou ou *Hornaveque*

Junto á fortaleza das Cinco Pontas, dominando o bairro dos Afogados.

Forte Altenar ou *Villa*

Na margem do Beberibe, meia milha ao sul de Salinas, defronte da casa de Mauricio.

Barreta

Bateria nos Afogados, construida pelo principe de Nassau.

Buraco de Santiago

Bateria na margem esquerda do Beberibe quasi, em frente do forte do Buraco.

Casa-Forte

Na planicie que vai da Bôa-Vista a Apipucos, onde em 1645 foi batido e aprizionado o general Huss.

Bateria

Pequena fortificação fronteira ao forte Sequá.

Provincia das Alagôas

Sua extensa costa situada entre os rios Persinunga e São-Francisco tem muitos portos, que conviria defender, principalmente a porção entre o rio São-Miguel e a ponta da Pajussára, que cobre as duas cidades de Alagôas e Maceió, e os portos de São-Miguel, Francez e Jaraguá; mas nenhuma fortaleza ou simples fortificação existe actualmente. Em tempos passados houve os seguintes [73]:

PORTO CALVO

Esta povoação, á margem do rio Manguaba e quasi no ponto de concurrencia de varios rios vindos do exterior, era a verdadeira chave do territorio das Alagôas, e o melhor ponto de partida para qualquer expedição. E' por isso, que mereceu muita importancia durante a guerra hollandeza, e Mathias de Albuquerque, logo que soube que Lichtart intentava occupar essa posição, mandou o Conde Bagnuolo guarnecel-a e fortifical-a em 1634. Tomada em Março seguinte por Lichtart, foi reforçada por este; mas em Julho desse mesmo anno, e durante a retirada e emigração em que tão bello papel reprezentárão Mathias e o fiel Camarão, veio ter com elles o capitão Sebastião Souto, morador de Porto-Calvo, conhecedor das fortificações, e com esse auxilio são derrotados os Hollandezes, enforcado o Calabar que tinha vindo com reforços, e arrazadas as trincheiras; de modo que chegando o general Sigismundo dias depois achou deserta a povoação, e demorando-se 12 dias, seguio para o sul em perseguição dos emigrantes.

Fortificada novamente pelos nossos, foi atacada em 1637 pelo Principe Mauricio, tendo então logar os dous notaveis epizodios, a terrivel batalha da Barra-Grande em que apezar dos feitos de immortal bravura dos nossos

---

[73] V. *Geographia Alagoana*, pelo Dr. Espindola.— *Dicc. de Pernambuco.—Mem. hist. de Pernambuco*, 1°, 2° e 3°.

e de D. Clara Camarão, a victoria se pronunciou a favor de Mauricio, soccorrido a tempo por Archichoffler; e a heroica defesa de Miguel Giberton em Porto-Calvo sustentando durante 13 dias um sitio apertadissimo de todas as forças hollandezas e muitas baterias, e só capitula recebendo todas as honras da guerra e a admiração dos inimigos. Augmentadas as fortificações por estes, foi em 1645 accommettida pelo capitão Lourenço Carneiro, que o sitia e combate durante 42 dias, até obrigar a render-se o coronel Flourens, que a commandava, sendo arrazadas então todas as fortificações. Desde então essa povoação, perdeu toda a importancia militar e não figura mais no resto da guerra.

FORTE MAURICIO

Levantado por ordem do Principe de Nassau em 1637, quando perseguia Bagnuolo em sua retirada para a Bahia. Situado na margem esquerda do rio São-Francisco, perto da villa do Penedo, nelle se apoiavão os Hollandezes, quando fazião excursões para arrebanhar os gados e cortar os viveres á forças da provincia da Bahia. Em 1645 os capitães Valentim da Rocha Pita e Nicoláo Aranha, reunindo suas partidas, sitião-o e apezar da vigorosa defesa o obrigão a capitular em 19 de Setembro, 2 dias depois da capitulação de Porto-Calvo; victoria esta de grande alcance por ter com ella ficado livre e desafrontada a communicação para o sul. A pedido dos moradores das vizinhanças, foi esse forte demolido até os fundamentos e por isso dello só resta a tradição.

FORTE DE SÃO-PEDRO

Situado na enseada de Jaraguá construido em principios deste seculo, para defender o caminho de Maceió. De uma informação escripta pelo marechal Antonio Eliziario em 1841, consta, que montava 7 canhões, mas que se achava em completa ruina. O mappa official de 1847, ao qual por vezes nos temos referido, apresenta-o como sem importancia, já demolido e tendo sido armado com 21 bocas de fogo.

FORTE DE SÃO-JOÃO

FORTE DO FRANCEZ

FORTE PRINCIPE IMPERIAL

Fôrão contemporaneos do procedente, e como elles merecêrão iguaes informações do general Eliziario e do mappa de 1847. Em relação ao armamento, só do 1° consta ter montado 7 canhões, segundo Eliziario, 14, segundo o mappa; quanto á pozição delles, o 2° tinha por fim guardar o porto Francez, dos 1° e 3° não se declara a exacta posição, nem descobrimos em outros documentos, que consultâmos.

Além destes podem ser citadas as trincheiras do celebre quilombo dos Palmares, que existio durante 64 annos, nas matas fronteiras de Pernambuco e formado pelos escravos fugidos dos engenhos vizinhos, que assim se aproveitârão das perturbações produzidas pela invasão hollandeza. Era defendido esse quilombo por uma forte cidadella circumvallada de triplice estacada de páos a pique, com trez tranqueiras bem guarnecidas contituindo as unicas entradas; para ser conquistada, em 1697, foi precizo empregar grandes forças, repetidas vezes soccorridas, até formar um verdadeiro exercito de 7.000 homens com artilharia, sob as ordens do capitão-mór Bernardo Vieira de Mello; e só conseguio-se a victoria depois de um sitio de 2 annos, sanguinolentos combates e só depois de haver o seu chefe Zumbi, com muitos de seus officiaes, se precipitado do alto de um rochedo, suicidando-se.

Provincia de Sergipe

Nenhuma obra de defesa consta haver nesta provincia, nem mesmo as ruinas de um forte, que, sob a invocação de São-Christovão, foi fundado ao norte do Rio-Real em 1589, pelo governador da Bahia D. Francisco de Souza, afim de defender a nascente povoação, que teve o mesmo nome em honra ao vice-rei D. Christovão de Moura, que então governava Portugal por parte de Philippe II.

Provincia da Bahia

As primeiras fortificações fôrão levantadas pelo governador geral Thomé de Souza ao redor da recente capital da colonia de Santa-Cruz; sendo 4 baterias do lado de terra para defendel-a dos ataques dos indios e 2 do lado do mar para cobril-a de invasões externas; de modo que essa capital em 1624 se achava pouco defendida, quando foi sorprendida pela armada hollandeza de Willekens, que com facilidade della se apoderou e ahi se manteve um anno, até que os habitantes, auxiliados pela esquadra de D. Fradique de Toledo, expellirão os inimigos.

Augmentadas as fortificações e reforçadas pela innundação ou dique, que contornava a cidade pelo lado de E., pôde esta resistir valorosamente ás outras invasões tentadas em 1627, 1637, 1647 e 1649, de maneira que os Hollandezes nunca conseguirão estabelecer-se ao sul do rio São-Francisco.

Os governadores D. Lourenço de Almeida, Marquez de Angeja, Conde de Sabugosa, D. Fernando de Portugal e Conde da Ponte repararão e elevárão novas obras; e em 1809 sob a administração deste ultimo, uma commissão nomeada *ad hoc* aconselhou o que se devia fazer para augmentar a defesa da cidade, que nesse anno dispunha de 14 obras diversas com 230 canhões (V. no fim do tomo 6ª das *Memorias* de Accioli).

Por occasião da independencia, occupando o general portuguez Madeira a parte da cidade, e os Brazileiros a parte do reconcavo, fôrão construidas muitas obras de defesa, que já não existem, cahindo todas ellas em abandono, de sorte que os conflictos com o ministro inglez Christie em 1863 e com os vapores americanos em 7 de Outubro de 1864 veio demonstrar, que essa importantissima cidade se achava no mais deploravel estado de defesa, e não obstante alguns ligeiros concertos, assim tem permanecido até hoje.

Convem observar, que a guarda da cidade da Bahia e seu litoral apresenta grande difficuldade em consequencia da largura de sua barra e facilidade de desembarque em qualquer ponto do seu extenso circuito, e mesmo fóra da barra, donde se póde depois avançar desembaraçadamente para o interior.

O systema de defesa pois tem de ser complicado e comprehender muitos pontos desde o morro de São-Paulo ao sul, barras do rios Jaguaripe, Paraguassú, São-Francisco, Cotegipe, Pirajá, praia de Itapagipe, marinha da cidade e costa do Oceano até o Rio-Vermelho, abrangendo ainda as ilhas de Itaparica, dos Frades e da Maré; todos esses pontos armados de artilharia de grande alcance, auxiliada pela de navios, convenientemente dispostos, e si fôsse possivel, fazer reviver o antigo dique, que tanto servio para tornar formidavel a resistencia de outr'ora.

As actuaes fortificações são as seguintes :[74]

SANTO-ANTONIO DA BARRA.

Foi construida pelo plano dado pelo engenheiro L. Turriano em fins do seculo XVI, occupada em 1624 pelos Hollandezes, foi retomada no anno seguinte, cooperando depois para a expulsão dos invasores ; suas baterias á barbeta tinhão em 1809 16 canhões dos calibres 48 a 24, mas hoje possue apenas 9 em muito máo estado. Tem a fórma de um decagono irregular, está situada sobre um outeiro, diante do qual avança para o mar um recife de cerca de 6 braças; e pelos fundos uma montanha elevada, que a domina. Nella funciona o pharol da barra.

SANTA-MARIA.

Situada um pouco ao norte da precedente, é com esta destinada a obstar um desembarque na enseada intermedia; tem a fórma de um hectagono e muralhas com canhoneiras, armadas em 1809 com 18 canhões, dos quaes lhe restão 3 imprestaveis, assim como a fortaleza. Não nos foi possivel saber a data da primitiva construcção.

---

[74] V. *Mem. hist. da Prov. da Bahia*, por Accioli.— *Hist. Ger. do Brazil*, 1ª, secções XXIV e XXVII.

SÃO-DIOGO.

A um tiro de fuzil e ao norte da de Santa-Maria; assim como as duas precedentes, está em bôa posição, mas tem como ellas o defeito de serem dominadas pela montanha proxima, onde está a igreja de Santo-Antonio, sendo necessario fortificar este ponto si se quizer tirar utilidade das 3 fortalezas. A artilharia desta (4 canhões) bem como as suas muralhas, dispostas em arco de circulo, jazem em completo abandono.

GAMBOA.

Collocada ao sul da cidade e a beira do mar, é uma das poucas que podem prestar serviço em caso de necessidade. Tem a fórma de um rectangulo com muito pequeno fundo, que encosta ao monte de São-Pedro, e é dominada pelo forte deste nome. Sua artilharia, composta de 18 bocas de fogo dos calibres de 32 e 24, atira á barbeta, defendendo a approximação da cidade pelo lado da marinha. Depois de reparos que soffreu, foi pelo aviso de 30 de Março de 1875 classificada como de 2ª ordem.

SÃO-MARCELLO OU FORTE DO MAR.

Situado no meio do ancoradouro, em frente do porto da cidade; tem a fórma circular e está bastante proximo de terra para poder cruzar os fogos com baterias, que se estabeleção, como outr'ora as da Ribeira e de São-Fernando existentes em 1809.

Foi construido no tempo do governador Conde de Castello-melhor, para dar cumprimento á carta regia de 4 de Outubro de 1650, reparado pelo Conde dos Arcos, que o armou com 46 canhões. No memoravel 2 de Julho de 1823, assim que a flotilha brazileira percebeu o embarque das tropas portuguezas, approximou-se para hostilizar os navios do general Madeira, e o valente João das Botas, encontrando este forte desguarnecido, occupou-o, fazendo ahi tremular pela 1ª vez uma bandeira verde e amarella feita ás occultas pelos officiaes brazileiros aprizionados por Madeira no forte de São-Pedro em 21 de Fevereiro de 1822.

Além deste facto, conta na sua historia a revolta dos prezos em 1833, a prizão do ex-prezidente da republica de Piratinim, Bento Gonçalves, e sua fuga em 10 de Setembro de 1837, e a sua inacção na noite de 7 de Outubro de 1864 durante o inesperado e traiçoeiro ataque do vapor *Wassuchets* contra o *Florida* dos confederados do sul. Nessa época possuia 30 canhões quasi todos desmontados e os seus parapeitos muito arruinados; apezar de tida como a 1ª obra de defesa do porto e cidade. Este forte tem dous defeitos: a divergencia de seus fogos, e pequena altura que permitte ser facilmente batido o seu recinto pela artilharia dos navios; e por isso seria de vantagem substituil-a por uma torre de ferro de um ou dous andares, á prova de bomba.

SANTO-ALBERTO.

É contemporanea da de Santo-Antonio occupando com esta os extremos da antiga cidade.

Situada sobre a praia, tem a forma hexagonal irregular; por seu pequeno desenvolvimento foi julgada inutil pelo Conde da Ponte, que aconselhou a sua demolição; foi porém conservada, e della é que em 2 de Julho de 1823 partio o signal para o embarque geral das forças do general Madeira. Em 1863, a commissão incumbida do exame das fortalezas dessa cidade achou, que esta, montando 9 canhões, era uma das que apresentavão melhor estado de conservação.

JEQUITAIA

Fortificação estabelecida na praia, perto de Monteserrate, era tambem conhecida por *Noviciado*; em 1863 possuia 6 bocas de fogo, mas foi considerada como incapaz de resistencia pela pouca elevação; o que a arriscava a um facil bombardeamento.

MONTESERRATE.

Reduto hexagonal com torreões nos salientes, situado em um promontorio na ponta da praia, a uma legua da

cidade. Já existia na época das invasões hollandezas, e na de 1637 foi facilmente occupada por Mauricio, que por ahi tentou penetrar, mas foi esbarrar em Santo-Antonio além do Carmo.

Em 1809 estava armado com 9 bocas de fogo, em o exame feito em 1863 continha 3 desmontadas sómente, entretanto que os parapeitos fôrão julgados em bom estado.

Das que existirão antigamente, mencionaremos as seguintes :

Morro de São-Paulo

Fortaleza estabelecida em excellente posição ao sul da barra da bahia, na elevada ilha de Tinharé, no logar em que a ilha fórma canal com a terra firme; construido no tempo dos primeiros governadores, pois que já existia, quando se deu a invasão de 1624. Ahi funcciona um pharol; e a commissão de exame em 1863 propôz, que fôsse reconstruida e armada a antiga fortaleza, a qual, segundo consta, montava 40 canhões, dispostos em varios baluartes.

Rio-Vermelho

O governador D. Lourenço de Almeida fez construir nesse sitio, em 1711, um fortim, que em 1798 foi reconstruido por D. Fernando de Aguiar; mas em 1809 foi aconselhado o seu desarmamento, visto ser julgada inutil a sua resistencia, isolado como se achava, na distancia de uma legua da fortaleza de Santo-Antonio da Barra. Talvez ainda restem ruinas.

Itapagipe

Fortificação anterior ás invasões dos Hollandezes, destinada a impedir o desembarque e marcha para a cidade por esse lado; foi ahi que desembarcou Mauricio em 1637.

Ilha de Itaparica

Durante a 3ª invasão hollandeza na Bahia, em Fevereiro de 1647, o general Sigismundo, desembarcando

nesta ilha, na ponta das Bahias, levantou ahi uma fortaleza e 4 redutos, que fôrão depois atacados infructuosamente pelo bravo Francisco Rabello, que soffreu um sensivel revez. Segismundo fazia dessas fortificações centro de suas operações contra a cidade e o reconcavo, quando foi chamado a Pernambuco pelos Estados Geraes; mas antes de sahir, em Dezembro, arrazou a fortaleza e redutos. Em 1711 o governador D. Lourenço de Almeida fez reconstruir a fortaleza, dando-lhe a denominação de *São-Lourenço*; e a ella foi reservado brilhante papel na guerra da independencia, quando os brazileiros, entrincheirando-se em varios pontos da ilha e do reconcavo, fôrão apertando na cidade as tropas do general Madeira.

Além dos canhões que ahi existião, o capitão Antonio de Souza Lima foi buscar outros á fortaleza do Morro de São-Paulo, e com elles se batêrão contra os ataques dos Portuguezes nos primeiros dias de Janeiro de 1823, que o general Labatut fez á guarnição presente de uma bandeira brazileira, a primeira que tremulou na ilha, acompanhando-a da honrosa ordem do dia de 13 de Janeiro; e por esses factos o Imperador D. Pedro I concedeu á ilha o titulo de *Intrepida*.

Nessa fortaleza esteve preso, nos dias de 19 a 22 de Maio desse anno, o coronel Felisberto Gomes Caldeira, por ordem de Labatut, o que deu origem á destituição deste mesmo general, que teve de deixar o commando do exercito independente ao coronel José Joaquim de Lima e Silva.

Em 1841 já essa fortaleza se achava muito arruinada, bem como seus 13 canhões.

Santo-Antonio além do Carmo

Antiga fortaleza do tempo de D. Diogo de Menezes; sustentou renhidos combates durante as invasões de 1624, 1627 e 1637, principalmente nesta, diante da qual veio quebrar-se o poder do principe Mauricio. Apezar de reconstruida no principio do seculo passado, hoje está inutilisada para a defesa, por seu máo estado e grande numero de habitações, que tem ao redor.

Barbalho

Como a precedente, é antiga, do systema abaluartado, cobrindo as estradas da Soledade e outras que ião ter á cidade. Ambas são dominadas pelos morros vizinhos, e rodeadas de casas que a inutilisão para a defesa. Nesta foi a primeira da cidade, em que as tropas independentes arvorárão a bandeira auri-verde em 2 de Julho de 1823.

São-Fernando ou *Forte da Ribeira*

Reduto rectangular na praia junto do actual arsenal de marinha; montava 11 canhões em 1809, que cruzavão o fogo com os do forte do mar.

São-Pedro

Velha fortaleza do tempo dos Hollandezes, de fórma rectangular, montando 13 bocas de fogo em 1809, mas que hoje está no caso da do Barbalho, servindo apenas para quartel. Foi nella, que se iniciou a guerra da independencia, pelo sitio que lhe pôz o general Madeira e aprisionamento do brigadeiro Manoel Pedro e outros officiaes brazileiros, em 19 de Fevereiro de 1822; foi tambem dahi, que partio o movimento sedicioso de 1837.

Agua de Meninos

Reduto construido no principio do seculo XVII, um pouco adiante de Santo-Alberto; foi tomado por Mauricio em 1637 e arrazado pouco depois.

Portas de São-Bento

Linha de fortificações cobrindo a cidade, de construcção anterior a 1624; prestárão muitos serviços durante as invasões, e desmoronarão-se em 1732 sob o governo do Conde de Sabugosa.

São-Bartholomeu da Passagem

Era a ultima fortificação, que defendia a marinha da cidade, além do Monteserrate, perto da boca do Pirajá; tinha a fórma de uma estrella de 4 pontas, e em 1841 suas 12 canhoneiras apenas possuião 2 velhos canhões.

No litoral da bahia houve ainda:

Santa-Cruz do Paraguassú

De fórma pentagonal, com 7 canhões, actualmente em completa ruina; tinha por fim defender a passagem para as cidade de Maragogipe, Caxoeira e Iguape.

Santo-Amaro

Duas baterias construidas pelo coronel Felisberto Caldeira em Julho de 1822, para cruzar do porto da Abbadia de Brotas para o engenho do Conde.

Soubára

Sete fortificações destacadas fôrão feitas pelo mesmo Caldeira na costa deste rio.

Villa de São-Francisco

Quatro pequenos redutos construidos ainda pelo coronel Caldeira.

Ilha da Cajahiba

Uma bateria, idem. De nenhuma destas obras é provavel, que restem vestigios.

Provincia do Espirito Santo.

Comquanto seja uma das menores provincias do imperio, é riquissimo o seu territorio; possue excellentes portos sobre o Oceano, no qual desembocão caudalosos rios, que atravessão ferteis zonas da provincia de Minas-Geraes, e a proximidade dos emporios da côrte e da Bahia promette ao Espirito-Santo elevado gráo de prosperidade em época não mui remota.

A construcção das fortalezas desta provincia data do seculo passado; por isso o fortim, a que se refere Knivet na sua narração de 1592 (*Rev. Trim.* 1878, 2°, pg. 203) não é mais do que uma trincheira levantada em algumas horas pelos moradores da villa, ao saberem da approximação

de Cavendish. Nos primeiros annos do seculo XVIII levantarão-se algumas obras de defesa na cidade e porto, e em 1736 uma provisão de 10 de Abril ordenou ao governador da Bahia, que de 3 em 3 annos mandasse um engenheiro com o material preciso para fazer todos os reparos e melhoramentos nas fortificações desta provincia. Estas consistião nas seguintes : [75]

SÃO-FRANCISCO XAVIER de Piratininga

Chamada tambem *fortaleza da Barra*; foi construida em 1702 por ordem do governador da Bahia D. Rodrigo da Costa, na base do morro da Penha, na margem meridional da barra, confrontando por um lado com a praia que se estende até á raiz do monte Moreno, e pelo outro com o morro da Uxaria e que vai á Villa-Velha. Em 1767 foi reparada e levantada sua planta, que se acha no Instituto Historico.

E' de fórma circular, foi armada com 15 bocas de fogo e em 1857 teve a classificação de 3ª ordem, mas posteriormente foi cedida do ministerio da marinha, para servir de armazens.

SÃO-JOÃO

Fortaleza de fórma heptagonal, construida em 1726 por ordem do vice-rei Conde de Sabugosa, no começo da garganta que faz a bahia acima de Villa-Velha, defronte do Pão de Assucar, em optima posição para guardar a entrada da capital. Em 1811 o general Eliziario dizia, que sua artilharia constava de 10 canhões; mas o mappa official, de 1847, dando-a em máo estado, attribuia-lhe 25 bocas de fogo. O desembargador Luiz Thomaz de Navarro em uma *Memoria* escripta em 1808, diz, que nesse mesmo anno se construira uma grande bateria sobre o morro junto á mesma fortaleza, no cume do qual tinha havido antigamente um reduto.

---

[75] V. *Mem. hist.*, de Braz da Costa Robim.—*Mem. estatistica*, de F. Alberto Robim.—*Dicc. historico*, do Dr. Cesar Marques.—*Mem.* do desembargador L. T. Navarro.—*Rev. Trim.* 1845, 1856, 1861 e 1878.—*Hist. Ger. do Brazil*, 1ª, secção XXIV.

Algumas obras e documentos da provincia tratão ainda das seguintes fortificações :

Nossa Senhora do Carmo

Forte situado entre o caes grande e a praia do peixe, em Villa-Velha ; construido em 1730 e armado com 10 canhões, o general Eliziario o dava completamente arruinado em 1841.

SANTIAGO

Santo-Ignacio (ou *São-Mauricio*); dous fortins, aquelle dentro da cidade e este na praia, levantados em 1726 por ordem do mesmo Conde de Sabugosa, reparados em 1764 ; nenhum dos quaes existe.

Na *Memoria* de Francisco Alberto Rubim trata-se de dous fortes, *Nossa Senhora da Victoria* e *São-Diogo*, sem outra qulquer explicação; sendo provavel que se refira aos de *São-Francisco Xavier* e de *Santiago*, dos quaes não faz menção, e talvez tambem tivessem essas denominações.

Provincia do Rio de Janeiro

O porto do Rio de Janeiro é, sem duvida, o ponto mais importante de toda a costa brazileira, não só por nelle existir a 1ª alfandega do imperio, que por si só equivale em riqueza e commercio á somma de todas as outras, como porque é em sua margem, que se assenta a côrte e capital do Estado. Logo que, por iniciativa dos Francezes, a attenção da metropole foi attrahida para este ponto, facilmente comprehendeu-se qual o futuro, que lhe estava destinado por suas vantagens excepcionaes, e desde então as fortificações para garantir o seu porto e cidade merecêrão sempre especial attenção, como o attestão as repetidas ordens a quasi todos os governadores, afim de não se descuidarem desse assumpto. Como já ficou dito em outro logar, os Francezes mostrárão sempre predilecção por este

ponto do Brazil; e é sabido, que Duguay-Trouin, quando daqui sahio em 1711, encantado por elle, affirmára, que voltaria e para ter maior demora; e é provavel, que o fizesse, attentas as vantagens que com pouco custo tirou de sua empreza, si não sobreviesse tão cedo a paz de Utrecht.

A essa predilecção dos Francezes deveu o Rio de Janeiro suas fortalezas, reforçadas depois de 1763 pelos vice-reis, que receiavão-se então das hostilidades dos Hespanhóes do sul; chegando o Marquez de Lavradio a exigir um plano de defesa para o porto ao tenente general Bohm, brigadeiro Funck e capitão Roscio, ao tempo que incumbia ao chefe de esquadra Jorge Caster, que fechasse a barra com os navios mercantes, dispostos em linha desde a Lage até a Jurujuba, ligados por uma corrente de ferro; e si o inimigo rompesse esta barreira, devia encontrar outra formada de lanchas e sumacas, que serião entregues ás chammas, desempenhando as funcções de brulotes.

Por accasião da independencia, constando que se preparava uma expedição em Lisboa contra o Rio de Janeiro, contando com o apoio de alguns partidarios da metropole, o governo incumbio o brigadeiro Antonio Elisiario de apresentar um systema de defesa da barra para o sul, e fez executar algumas de suas idéas. Nove annos mais tarde, resolveu a regencia dispensar as obras de defesa, determinando o seu desarmamento, medida que os Inglezes se incumbirão de demonstrar o absurdo em 1850 e 1862, insultando a nossa bandeira e escarnecendo da importancia do nosso governo. O ultimo facto teve a utilidade de nos abrir um pouco os olhos; e datão desse tempo algumas providencias no sentido de reforçar a defesa do nosso porto, onde se gastou avultada quantia em obras muito importantes e em outras que ficárão principiadas. Tudo isto é observado de perto pelas outras nações, que, assim fazendo, vão tendo perfeito conhecimento de nossa indole e de nossos recursos, como se prova com a transcripção das seguintes linhas tiradas do *Roteiro das costas do Brazil*, obra impressa em 1873 pelo governo americano, no capitulo *Fortificações do Rio de Janeiro*, que se acha á pagina 323: (V. *Jornal do Commercio* de 16 de Janeiro de 1876).

« A entrada para a bahia e as vizinhanças da cidade

são defendidas por uma serie de fortes e baterias, que são capazes de grande resistencia ao ataque de uma esquadra poderosa. Os fortes estão sempre sendo melhorados e augmentados; mas *nenhum delles ainda foi encouraçado*, posto que montem peças de grosso calibre. A bahia é *admiravelmente apropriada á defesa por meio de torpedos*; mas uma cuidadosa investigação sobre este assumpto mostrou, que, a tal respeito, nada ainda se fez até o anno de 1871.

« A natureza especial das terras adjacentes apresentaria muitas difficuldades a uma força, que atacasse por terra, caso pudesse fazer um desembarque bastante perto da bahia para habilitar um exercito a marchar contra a cidade; donde se segue, que, si esta cidade não póde ser reduzida por um inimigo externo, *póde sêl-o perfeitamente por meio de navios*; e si fôsse bem defendida, tornaria essa questão muito dificil para estes. Em minha opinião ha só uma probabilidade a favor de uma esquadra invasora, e esta é a *facilidade com que póde entrar a barra e bem assim o espaço que pela parte do norte della ha, para uma esquadra poder conservar-se fundeada e demolir a cidade á sua vontade*. Mas, para alcançar esse logar, devem os navios affrontar uma serie de poderosos fortes; e si accrescentassem os torpêdos, habilmente manejados, haveria muito perigo para os navios e a certesa de perder-se alguns delles. »

Perdôe-se-nos tão extensa citação; mas ella é preciosa, porque mostra o quanto a nossa bahia é estudada e conhecida a sua defesa pelas potencias estrangeiras.

As obras, que constituem actualmente a sua defesa, são:[76]

SANTA-CRUZ da barra

Fortaleza da maxima importancia no promontorio, que fica á direita dos navios, que entrão a barra, dominando perfeitamente o canal e cruzando os fogos com os de outras baterias.

Posição tão feliz não podia passar desapercebida a Vil-

---

[76] V. *Mem. hist. do Rio de Janeiro*, 2º e 7º.— *Ann. do Rio de Janeiro*, 1º, 2º e 5º.— *Hist. Ger. do Brazil*, 1º e 2º.— *Os ultimos vice-reis*, por F. Pinheiro.— *A França Antarctica*, idem.— *Vida de Anchieta*, por S. Vasconc.; L. 2º cap. 3º.— Rev. Trim. de 1870, 2º trimestre.

legaignon, que ahi começou algumas obras de defesa, aproveitadas pelos primeiros governadores Salvador e Martim Corrêa, que lhes derão o nome de *bateria de Nossa Senhora da Guia*, e foi esta a que em 1596 impedio com seus tiros o ingresso da esquadra hollandeza de circumnavegação de Van-Noorth; e em 1612, segundo a antiga obra *Rasão d'Estado* de Diogo de Campos, havião ahi vinte canhões. Em Setembro de 1710 seus fogos repellirão a expedição Duclerc, quando intentou entrar a barra, e infelizmente nada puderão fazer, no anno seguinte, a de Duguay-Trouin em consequencia de ter sido desguarnecida por ordem do governador Castro Moraes. Quasi todos os governadores que se seguirão, incluindo os vice-reis, augmentárão suas obras, especialmente os Condes da Cunha e de Rezende e o Marquez de Lavradio.

Uma carta regia, de que faz menção a *França Antarctica* ordenava, que, em caso de invasão do costão dessa fortaleza, partissem para o da Lage cadeias de ferro para fechar a barra; e a provisão de 22 de Setembro de 1730 determinou, que esta e a de São-João, que lhe fica em frente, estivessem sempre em completo pé de guerra. Assim esteve emquanto o Brazil foi colonia e reino unido; mas o governo regencial, ordenando em 1831 o desarmamento geral das fortalezas, determinou, quanto a esta, que fôsse reduzida a meio armamento, ficando 1 canhão em bateria e outro sob *abobada ou rancho de palha* e desarmados inteiramente o forte do Pico e as baterias da Praia de Fóra, que são subordinadas á sua defesa. Nesse estado a foi encontrar o Imperador nos primeiros dias do anno de 1863, quando rompeu o conflicto Christie; e desde então surgio nova éra para a primeira praça forte do imperio, que pouco antes assistira ao aprisionamento de nossos navios mercantes pelo vapor de guerra inglez *Harpy*, que os levava para a enseada das Palmas. Em Julho desse anno começou a construcção de casamatas á Haxo sobre a antiga bateria descoberta ao lume d'agua, e logo que ficou concluido o 1° andar com 20 casamatas, foi elevado um outro com 21, e sobre este uma bateria á barbeta para canhões de mais grosso calibre. Nessa mesma occasião fizerão-se obras importantes na bateria da Praia de Fóra, que bate a

enseada exterior e cruza os fogos na boca do canal, bem como no forte do Pico, que serve de reduto á fortaleza e bate as praias do saco da Jurujuba. Actualmente possue a fortaleza 145 canhões de grosso calibre, incluidos 24 da bateria da Praia de Fóra, e é guarnecida pelo 1° batalhão de artilharia a pé, que tem ahi seu quartel, na fórma do decreto de 18 de Abril de 1874.

Esta fortaleza, que serve de registro para os navios que demandão o porto, communica com a cidade pelo telegrapho optico do Castello, e pelo electrico da praça do commercio ; e teve guardadas em suas prisões pessoas notaveis, como o Marquez de Loulé, que depois foi amigo inseparavel de D. João VI, o famoso caudilho André Artigas, que ali falleceu em 1820, o conego Januario em 1822, o coronel Bento Gonçalves e outros chefes da republica de Piratinin, e ainda, em 1851, o general oriental D. Fructuoso Rivera.

SÃO-JOÃO DA BARRA

Situada no promontorio fronteiro, ou á esquerda de quem entra a barra, em magnifica posição para a defesa do canal, dominando o mar exterior, parte da bahia e cruzando os tiros com outros sobre o canal.

Teve principio na assistencia de Estacio de Sá, que em suas proximidades começou a antiga povoação, transferida para o local em que hoje se acha. Augmentada depois por outros governadores, ficou composta de 4 redutos ou baterias separadas com os nomes de *São-Martinho*, *São-Diogo*, *São-José* e *São-Theodosio*, e todos sob a denominação de São-João. Desguarnecida por ordem de Castro Moraes em 1711, foi depois olhada com particular attenção pelos governadores Luiz de Almeida, Thomé de Alvarenga, Mathias da Cunha, Sebastião Caldas e os vice-reis. Desarmada pelo aviso de 2 de Dezembro de 1831, apenas lhe fôrão conservados 7 canhões na bateria mais baixa, mas sem pessoal, que os servisse. Em 1855 foi fundada a Escola de applicação do exercito nos terrenos adjacentes, transferida em 1857 para a Praia-Vermelha, ficando porém a fortaleza como dependencia da escola e entregue a 3

ou 4 invalidos, que tinhão o seu asylo perto da velha bateria de São-Diogo. Em 1863 tratou-se de armal-a, e foi ali, que, procedendo-se a um exercicio de fogo em presença de S. M. o Imperador, fez explosão o canhão, causando algumas victimas. Reparadas suas muralhas, construio-se uma serie de 17 casamatas e sobre estas uma bateria á barbeta, no logar da antiga de São-José. Considerada fortaleza de 1ª classe pelo aviso de de Abril de 1863, está hoje armada com 41 canhões de grande alcance (1 delles de calibre 550 Armstrong) guarnecidos pelo corpo de aprendizes artilheiros, que têm ahi o seu aquartelamento. No fim do seculo passado, havia uma linha abaluartada, na praia entre o promontorio e o Pão do Assucar, para obstar o desembarque, mas já não restão della sinão alguns raros vestigios.

D. PEDRO II

Fortaleza projectada e que teve principio de execução em 1863, em excellente posição na ponta do Imbuhi, a E. de Santa-Cruz, defendendo a enseada intermedia, cruzando efficazmente os fogos fóra do canal com os de São-João, Santa-Cruz, Praia de Fóra e Lage, e batendo de revez os navios que tentarem a entrada. Apezar da grande importancia dessa obra, e da avultada quantia gasta com suas primeiras construcções e muitos materiaes, foi suspensa a sua execução por haverem as camaras reduzido a verba para obras de defesa.

LAGE

Foi o primeiro ponto em que Villegaignon projectou estabelecer-se, mas deixou-o por sua pequena área. Salvador Correia quiz erigir ahi um fortim em 1584, mas dissuadido por um engenheiro hespanhol, tratou de fortificar os promontorios vizinhos. Segundo Pisarro (*Mem.* 7ª 10) foi o governador Francisco Soutomaior, que a começou para cumprir a carta regia de 11 de Fevereiro de 1644; mas B. Lisboa (*Annaes* 1.° cap. 4° e 2° cap. 2°) diz, que Duarte C. Vasqueanes a fizera principiar em 1630, sendo auxiliado pelos moradores da cidade com donativos e a venda dos

chãos das praias, fazendo-lhes vêr que uma fortaleza nesse ponto era de *inconcebivel força de defensão para impedir a entrada do inimigo*. Em todo o caso a obra foi suspensa logo em começo ; e quem lhe deu verdadeiro impulso foi D. Francisco de Tavora em 1713, recebendo dous annos depois ordem de applicar nessa obra 40 mil cruzados de direitos da alfandega (Carta regia de 26 de Janeiro de 1715 e 24 de Dezembro de 1716).

A situação é magnifica para a defesa, na boca do canal, dividindo-o em dous, cruzando fogos com os de outras fortalezas e inaccessivel a qualquer desembarque. E' porem muito vulneravel por ter pequena elevação e ser descoberta, razões por que se tem, por vezes, aconselhado a construcção de uma torre encouraçada, de 2 andares, armada de 6 ou 8 grossos canhões, idéa ainda lembrada e projectada pela commissão de melhoramentos do material do exercito em seu plano de defesa do porto, apresentado em 1863.

Esta fortaleza, classificada de 2ª classe, tem a fórma de um hexagono irregular; está armada com 28 canhões, guarnecidos por um destacamento enviado da de Santa-Cruz. Nella esteve prezo, evadindo-se em 9 de Abril de 1851, o capitão Pedro Ivo, chefe millitar da revolução de Pernambuco em 1848.

VILLEGAIGNON

Primitivamente foi o *forte Coligny*, fundado por Villegaignon em 1555, e sua pozição considerada tão feliz que o governador Mem de Sá na sua carta á rainha D. Catharina, de 16 de Junho de 1560, diz: *Posto que vi muito e li menos, a mim me parece, que se não vio outra fortaleza tão forte no mundo*; e o padre Simão de Vasconcellos, referindo-se a ella, tambem diz: *Toda a ilha era fortaleza e toda a fortaleza ilha cercada de penedia inaccessivel*. Tomado de assalto e arrazado por Mem de Sá em 1560 e 1567, o governador Sebastião Caldas mandou levantar uma bateria em uma das pontas; bateria que ficou destruida na explozão de 1711, quando tentava oppôr-se á passagem de Diguay-Trouin. Em 1761, Gomes Freire mandou ar-

razar o *monte das Palmeiras*, que ahi havia, para ganhar espaço sobre o mar e edificar o forte de *São-Francisco Xavier*, em cujo trabalho empregou 50 quilombolas submettidos em Goiaz. Foi depois accrescentada por seus successores, e depois da independencia passou a pertencer ao ministerio da marinha.

Está collocada em bella posição sobre o canal, podendo bater os navios desde que tentão a entrada deste; e com sua artilharia póde defender as praias de um e outro lado da bahia. Monta presentemente 54 canhões, que são guarnecidos pelo corpo de imperiaes marinheiros ahi aquartelados.

Junto a essa fortaleza é, que as embarcações, que entrão, devem esperar as visitas da policia, da saude e da alfandega, bem como estacionão antes de demandar a sahida da barra.

ILHA DAS COBRAS

Está tambem ao lado do canal, junto á cidade e formando um estreito e fundo canal com o arsenal de marinha. Despresada durante muito tempo essa ilha, como ponto defensivo, Duguay-Trouin veio mostrar a sua importancia, occupando-a e aproveitando-se della como de base de suas operações contra a cidade, que ella domina por um lado; e só depois dessa época é, que pensou-se em fortifical-a. O governador Vahia em 1725 officiou ao governo mostrando a necessidade de fazer-se ahi uma obra de defesa, e o engenheiro José da Silva Paes apresentou no anno seguinte um plano de fortaleza, que, posto em execução, foi alterado por Gomes Freire, em cuja administração muito progredio, ficando concluida em 1761.

Uma inscripção de data servio de pomo de discordia entre os dous generaes Gomes Freire e Silva Paes. Conta monsenhor Pisarro (*Mem* 9° cap. 4°), que, tendo o governador ido em serviço a Minas-Geraes, o brigadeiro Paes mandou collocar sobre o portão da fortaleza uma inscripção para perpetuar o seu nome como fundador della; a qual Gomes Freire mandou arrancar, logo que chegou, fazendo-a substituir por outra, que por seu turno foi tam-

bem arrancada por Paes logo que o governador novamente se ausentou, e é a que existe hoje, do modo seguinte: *Reynando El-Rei D. João 5º Nosso Senhor e sendo Governador o Capitão General desta Capitania e Minas Geraes Gomes Freire de Andrade, governando em sua auzencia o Brigadeiro José da Silva Paes, mandou fazer esta fortaleza de S. José no anno de* 1736. Não satisfeito o governador (accrescenta Pisarro), e para desviar o brigadeiro Paes, incumbio este de ir fortificar a ilha de Santa-Catharina e as praças do Rio-Grande e da Colonia.

Augmentada depois pelo Marquez de Lavradio, foi pelos avisos de 30 de Julho de 1828 e 29 de Abril de 1831 destinada á prizão civil; tendo ahi logar em 7 de Outubro desse ultimo anno uma sublevação no corpo de artilharia de marinha, suffocada immediatamente pelo corpo municipal sob as ordens do major Lima (depois Duque de Caxias) e pelo corpo de officiaes soldados, commandados pelo coronel João Paulo dos Santos Barreto.

Actualmente pertence ao ministerio da marinha e além do hospital da armada, tem ahi aquartelado o batalhão de fuzileiros navaes, a cujo cargo se acha o serviço das 34 bocas de fogo que armão a fortaleza.

Nas prizões desta fortaleza jazêrão em 1789, o Tiradentes, os poetas Gonzaga e Alvarenga, com outras victimas da inconfidencia, e em 1817 o capitão general Caetano Pinto de Miranda Montenegro, ex-governador da revoltada capitania de Pernambuco.

BOA-VIAGEM

Forte situado sobre um promontorio no principio da praia das Flexas, unido á terra apenas por um lingua de areia, é de construcção anterior a 1710, e suppõe-se ter sido erigido por ordem de Sebastião Caldas. Reparado no tempo do Marquez de Lavradio,foi desarmado em 1681, e assim continúa, tendo desmontados os seus 10 canhões. A sua elevação e posição tornão-a excellente auxiliar em uma emergencia, pelo cruzamento efficaz de seus fogos com o de outras baterias. Pertence, como as precedentes, ao ministerio da marinha.

GRAGOATÁ' (GRAVATÁ', CRAGOATÁ' OU CARAUATÁ')

Bateria collocada na ponta fronteira ao arsenal de guerra, no principio da praia de São-Domingos. E' contemporanea com a da Bôa-Viagem, e como ella mereceu cuidados do Marquez de Lavradio e foi desarmada em 1831; porém mais feliz do que ella foi reparada e augmentado o seu recinto depois da questão Christie.

Sua posição, comquanto menos elevada, está quasi nas condições da precedente.

ARSENAL DE GUERRA

Martim de Sá mandou em 1603 construir a bateria de *Santiago* na ponta desse nome na base do morro do Castello, para defender a praia de Santa-Luzia e cruzar tiros com as de Villegaignon; reconstruida em 1696, foi ahi depois estabelecido o calabouço, o quartel da guarda do vice-rei, o trem de guerra e finalmente o arsenal do exercito. A fortificação contém ainda hoje 7 canhões em bateria.

MORRO DA VIUVA

Bateria construida em 1863 com o fim de defender a bahia de Botafogo e a enseada do Flamengo até em frente do passeio publico, e auxiliando a defesa de algumas faces de São-João, Lage e Villegaignon.

O espaço acanhado, de que dispõe, a pouca elevação e a facilidade de ser offendida por fogos curvos, não permittem ligar a esta obra grande importancia.

PRAIA-VERMELHA

Refere Pisarro (*Mem.* 7° pag. 5) que antes de 1701, fôra fundado no morro em frente ao Pão d'Assucar (?), um forte de pouca consideração ; mas que o Conde da Cunha fez construir a actual fortaleza junto ao mar, na garganta entre a Babylonia e a Urca, onde era facil um desembarque; e que o Marquez de Lavradio a accrescentára, mandando fazer tambem o quartel.

c/

A posição é importante por poder della communicar-se da cidade para fóra da barra, sem os obstaculos das fortalezas desta: e por isso em 1710 as forças de Duclerc, vindas do interior, tentárão dirigir para ahi uma columna pela estrada do Desterro (hoje Santa-Theresa), que foi repellida.

Por muitos annos existio nessa fortaleza o deposito de recrutas; em 1857 foi para ella transferida a escola militar e desde então tem sido augmentada com grandes e valiosos edificios. Em suas baterias, que formão uma frente abaluartada, apoiada nas duas montanhas, estão montadas 24 canhões.

Houve dentro da bahia as seguintes:

Castello

Logo no principio da fundação da 1572, foi construida no morro do Castello uma fortaleza com o nome de *São-Sebastião*, defendendo o porto dos padres da Companhia (hoje largo do Paço) e dominando parte da cidade; começada por Christovão de Barros, foi concluida por Martim Corrêa de Sá no principio do seculo seguinte. Depois das invasões francezas foi elevada uma outra, mais para o sul, afim de bater a praia de Santa-Luzia, e deu-se-lhe o nome de *São-Januario*. Reformadas pelo Marquez de Lavradio, estão ambas desmantelladas, servindo a primeira para os signaes telegraphicos da barra a para cidade, e a outra de habitação particular.

Conceição

Situada na montanha desse nome, que domina parte da cidade e a enseada da Prainha e Saude, teve começo na bateria ahi collocada em 1711 por Duguay-Trouin, 4 annos depois foi construida a fortaleza pelo governador Antonio de Albuquerque; o Conde da Cunha fundou nella officinas para concerto do armamento das tropas; o Marquez de Lavradio e Conde de Rezende fizerão-lhe obras, e finalmente, desarmada em 1831, foi destinada para prisão de guardas nacionaes e municipaes. Continúa desarmada; e com as officinas da fabrica de armas, dependencia do arsenal de guerra.

Santa-Cruz

Pequeno forte em uma ponta, que limitava ao norte a primitiva cidade; com o correr dos annos ficou dentro da cidade, perdeu as condições de forte e é hoje a igreja da Cruz dos militares.

Fortins da cidade

Depois da invasão de Duguay-Trouin, os diversos governadores forão mandando elevar obras destacadas, de construcção provisional ou passageira, para impedir desembarques nas praias do Vallongo, Moura, Santa-Luzia, Ajuda, Gloria, etc., e até nas *Memorias* de Duarte Nunes se falla no forte de *Manoel-Velho*, que não se diz onde ficava. Todos elles desapparecêrão; mas em uma carta topographica existente no archivo militar, levantada em 1794 por ordem do Conde de Rezende, vê-se, que existia uma multidão de baterias e fortins em todo o contorno desde a Gamboa até á praia do Arpoador.

Na costa do Oceano, no litoral desta cidade e no interior houve ainda:

MACAHÉ

Segundo Balthazar Lisbôa (*Annaes*, 1°, cap. 8) Constantino de Meneláo mandou construir no anno de 1613 um forte em Macahé, o qual no seculo seguinte foi reforçado com mais 5 canhões por Francisco de Castro. Pizarro *Memoria*, 2° diz, que foi o Conde da Cunha quem fez construir o forte de *Santo-Antonio do Monte-Frio*, na enseada da Concha, ao S. do rio Macahé, em frente ás ilhas de Santa-Anna, armando-o com 7 bocas de fogo. Em 1841 o general Elisario informou, que elle se achava em ruinas; e 9 annos depois, em 23 de Junho, foi diante delle que o vapor inglez *Sharpshooter* aprisionou e incendiou um navio do commercio. Em execução ao avizo de 19 de Novembro de 1859 foi esse forte desarmado.

CABO-FRIO

Desde o seculo XVI os navios, que frequentavão o porto de Cabo-Frio e de intelligencia com os indigenas realisavão nelle preciosos carregamentos de páo-brazil e especiarias. Por vezes o governador Salvador Corrêa foi expellil-os dahi, com o auxilio do seu fiel Martim Affonso Ararigboia, e continuando annos depois essa pratica dos Francezes e tambem dos Hollandezes, e Inglezes, que até fundárão ahi uma casa para deposito de suas mercadorias, o governador Gaspar da Cunha mandou o capitão-mór Constantino de Menelão construir um forte para defender o porto, o que elle executou elevando a 2 leguas da ponta dos Buzios o forte de São-Matheus, armado com 7 canhões. Em 1841 dizia o general Eliziario, que o forte tinha 4 peças em suas 3 faces, e que era auxiliado por outras 4 peças assestadas na luneta do Sururú, na praia do Anjo. Actualmente só restão ruinas.

COPACABANA

Na praia deste nome, ao sul da barra, mandou o vice-rei Marquez de Lavradio levantar varias fortificações com o fim de impedir o desembarque de forças, que, desse ponto facilmente penetrarião na cidade; reforçadas com outras em 1822, ficárão guarnecidos os seguintes pontos: o desfiladeiro do *Leme*, o forte abaixo desse desfiladeiro a ponta da *Vigia*, a do *Annel*, e mais para dentro no logar da Piassaba, o forte de *São-Clemente*, para guardar a estrada da Lagôa para Botafogo; os quaes forão todos desarmados e desguarnecidos em 1831.

Em 1863 forão projectadas e tiverão principio de execução duas obras de defesa aos lados da ponta do Annel, a 1ª, com o nome de *Guanabara*, fronteira á ilha da Cotunduba, onde havia vestigios de trincheiras, destinada a cruzar os fogos com os de Santa-Cruz, fóra da barra; a 2ª, no logar da antiga *Vigia* ou *Espia*, para varrer com artilharia a extensa praia. Suspensas depois essas obras, hoje trata-se apenas de conservar a porção construida, cuja continuação e conclusão muito convem, á vista da importancia do sitio, em relação muito intima com a defesa da barra e porto, e na proximidade de um bairro muito consideravel da cidade.

JACAREPAGUÁ

Na barra desta lagôa existirão outr'ora 2 baterias; outras 2 com os nomes de *Itapuan* e *Pontal* na praia proxima da Sernambitiba; 3 nos desfiladeiros do Engenho Novo e Serra do Matheus; 2 na barra da Tijuca e alto da Bôa Vista, todas ellas com fim de cobrirem as entradas para a cidade, de forças que desembarcassem entre a ponta da Gavea e barra da Guaratiba. Não ha vestigios de nenhuma dellas.

CAMPINHO

Na estrada geral de Santa-Cruz, a 11 milhas da cidade, sobre uma collina proxima ao cruzamento das estradas do Campo-Grande e de Jacarepaguá, foi construido em 1822 o forte de *Nossa Senhora da Gloria*, armado com 9 bocas de fogo, e auxiliado por outras assestadas nas montanhas fronteiras, dominando essas entradas e a de Irajá, onde é hoje o largo do Madureira. Posição estrategica de valor por estar entre um contraforte da serra de Andarahy e as montanhas de Irajá, em uma especie de desfiladeiro, dominando as duas estradas e servindo de guarda avançada deste lado da cidade, fôrão, tanto o forte como as baterias auxiliares, desarmados em 1831, sendo no logar do forte estabelecido, desde 1852, o laboratorio pyrotechnico do exercito.

GUARATIBA

Foi na barra deste nome, que em 1710 desembarcou a expedição de Duclerc, seguindo depois para a cidade pela estrada de Santa-Cruz; e em 1822 tratando-se de pôr essa posição a coberto de outra empresa dessa natureza, foi elevada na barra uma bateria de 4 canhões; mais adiante, no Lameirão, o forte *Independencia* com 2 baterias, uma a cavalleiro da outra e communicando-se entre si por 2 baterias armadas com 10 caronadas; bem como fôrão começadas mais 3 baterias, de modo a ficar bem guardada toda a costa desde a Sernambitiba á barra da Guaratiba. Todas as obras fôrão suspensas em 1828 e cahirão em ruinas.

SEPETIBA

Para defender esta praia e as ilhas da Pescaria e do Tatú, foi em 1818 construido o forte de *São-Pedro* com 8 canhões; no morro da Sepetiba fez-se tambem o forte de *São-Leopoldo* composto de 2 baterias, uma de 5 canhões para bater a praia e as ditas ilhas, e outra de 4 para varrer todo o terreno até o grande alagadiço, que então havia; no extremo da praia, o forte de *São-Paulo,* em um morro pouco elevado, formando dous reentrantes, um com a praia, e outro com as de Arapiranga e Piahi, compunha-se de differentes obras com 19 bocas de fogo, que cruzavão os tiros com os de São-Leopoldo, e batião toda a praia de Sepetiba e ilhas fronteiras. Comquanto bem construidas de taipa, com fortes dimensões e revestidas de relva, estas obras perdêrão parte de sua importancia, pelas explorações e aterros que se fizerão, e hoje poucas ruinas existem.

ITAGUAHY

No logar chamado Corôa-Grande, no unico caminho que, pela costa do sul, desde Mangaratiba, seguia para a villa de Itaguahy, construio-se um forte composto de uma tenalha e duas baterias a cavalleiro della, montando tudo 6 canhões, que batião completamente a estrada, a praia e o mar vizinho. Na foz do rio construio-se, em 1818, uma trincheira com 4 canhões, e no interior da villa duas obras similhantes, o que tudo, por falta de conservação, é provavel que tenha desapparecido.

MANGARATIBA

O porto desta villa era defendido pela bateria de *Nossa Senhora da Guia* com 5 bocas de fogo, e outra que com ella faz systema, armada com 2 canhões.

No sitio do *Pouso-triste,* desfiladeiro no unico caminho que seguia para São-João do Principe, estrada para côrte, houve tambem uma fortificação irregular com 2 canhões, construida por José Custodio Henriques em 1822, mediante o posto de alferes de ordenanças; mas essa posição erdeu toda a importancia desde que foi mudada a estrada.

ANGRA DO REIS

Existirão outr'ora os fortes do *Carmo* e de *São-Bento*, destinados a defender a costa, o grande saco de Japuhiba, a frente da cidade e a estrada, que se dirige á serra para subir a São-João do Principe; além delles fôrão projectadas em 1822 outras baterias e um forte na ilha proxima, para haver um efficaz cruzamento de fogos; mas fôrão adiadas, e das existententes apenas haverão ruinas.

PARATY

O porto desta villa, assim como o de Angra dos Reis merecem grande attenção, pela facilidade com que delles se póde penetrar no interior da provincia do Rio de Janeiro pela estrada de São-João do Principe, e da de São-Paulo pela villa do Cunha, e por isso em 1822 tratou-se de fortifical-o para impedir um desembarque. O forte da *ilha das Bexigas*, que havia desde 1818, foi melhorado e reforçado, construio-se o forte *Defensor Perpetuo* com 6 canhões, sobre o morro da Villa-Velha, bem com a bateria do *Quartel*; projectou-se outro forte na subida na serra, na estrada da villa do Cunha, finalmente fôrão reparados e melhorados os fortes de *Iticopé* e da *Ponta-Grossa*, cada um com 2 canhões, para baterem o porto e as praias vizinhas. Todas estas fortificações fôrão desarmadas em 1828 e 1831, e é natural que, a acção do tempo as tenha destruido inteiramente.

Provincia de São Paulo

Possue esta rica provincia 9 portos de mar, dos quaes sómente 5 merecêrão cuidados de defesa a saber: São-Sebastião, Villa-Bella, Bertioga, Santos e Cananéa. A de Santos é a principal, não só por conter a cidade mais commercial da provincia, como por ser o caminho mais directo para a capital, e por esses motivos a sua posição maritima é de

primeira importancia, devendo procurar-se garantir a sua segurança com um systema de defesa capaz de inspirar confiança. Essa cidade e a villa de São-Vicente, a mais antiga da provincia, achão-se em uma ilha proxima de outra, com aqual fórma 3 barras a saber: a Barra-Grande ou de Santo Amaro, por onde podem entrar as maiores náos; a da Bertioga, que presta-se á passagem de grandes brigues, e a de São-Vicente, mais ao sul, que só serve para canôas; e por isso sómente as duas primeiras fôrão dotadas com as seguintes obras de defesa:[77]

SANTO-AMARO OU BARRA-GRANDE

Está situada na ponta sudoeste da ilha, defendendo a entrada do canal, que tem ahi 200 braças, e que descrevendo uma curva e tomando para noroeste vai ter á cidade de Santos.

Quando em fins do seculo XVI D. Diogo Valdez com a sua esquadra cruzava as costas do sul, assaltadas pouco antes por piratas inglezes, achou, que essa posição era excellente e lançou os fundamentos de uma fortaleza de fraca construcção; a carta regia de 11 de Setembro de 1709 mandou augmental-a, e que do Rio de Janeiro se lhe enviasse artilharia de grosso calibre; em 1715 o rei D. João V permittio pela carta regia de 26 de Janeiro, que Manoel de Castro Oliveira a reconstruisse e armasse á sua custa, mediante o fôro de fidalgo e habito de Christo com tença para si, e um emprego nas minas para seu filho; mas a conclusão da fortaleza só teve logar durante o governo de Rodrigo Cesar de Menezes (1723 a 1725), ficando armada com 32 canhões. Em 1770 o governador Luiz Antonio de Souza informou, que ella tinha 28 canhões dos calibres 24 a 6; mas o mappa official de 1847 apenas faz menção de 22.

Na praia do Góes, á esquerda desta fortaleza, diz Azevedo Marques no seu *Diccionario*, existem as ruinas de

[77] V. *Diccionario de São-Paulo*, por Azevedo Marques.—*A Prov. de São-Paulo*, pelo Senador Godoy.—*Rev. Trim.* de 1844.

um forte mandado construir em 1766 pelo mesmo governador Luiz Antonio, com proporções para montar 12 peças e servir de porto avançado da fortaleza de Santo-Amaro.

VERA-CRUZ DE ITAPEMA

Não ha certeza da data de sua fundação; sabe-se apenas, que existia em 1660. Em 1638 foi reconstruida á custa de Torquato Teixeira de Carvalho, que teve em recompensa o posto de capitão, o habito de Christo em 3 vidas e o commando da fortaleza até a sua morte, sendo orçada em 40 mil cruzados a quantia, que tinha de despender. Em 1770 informou o governador Luiz Antonio, que ella se achava armada com 8 peças de artilharia dos calibres 12 e 8.

Está em optima posição, sobre uma ponta da ilha de Santo-Amaro, 1 legua para dentro da barra, donde póde efficazmente bater o canal e o saco dos Outeirinhos.

FORTE-AUGUSTO OU DA ESTACADA

Situado na praia ao sul de Santos, dominando a entrada do canal,sobre o qual cruza os fogos com a fortaleza de Santo-Amaro, protegendo a praia de Embaré.

Foi começado em 1734 por João de Castro Oliveira; reparado em 1770, em cuja época estava armado com 9 bocas de fogo; e apesar da excellencia de sua situação, acha-se em ruinas, tendo sido transferido para o ministerio da marinha pela portaria de 11 de Agosto de 1873.

FORTE DE SANTOS

Collocado junto á cidade, construido em 1543 por Braz Cubas, companheiro de Martim Affonso; reconstruido em 1770 sob o governo de Luiz Antonio de Souza, que informando acerca das fortificações da capitania dava esse como armado de 11 canhões em baterias casamatadas.

SÃO-JOÃO DA BERTIOGA

Teve principio em uma trincheira levantada por Martim Affonso em 1532, com o nome de *Santiago* afim de defender a villa de São-Vicente contra os Tamoios. Estes a assaltárão com 70 canôas em 1547, e sendo repellidos voltarão em 1550 e aprisionárão o commandante, que era então Hans Stade. A provisão regia de 18 de Junho de 1551 mandou levantar ahi uma fortaleza, destinando se para ella a somma de 3 mil cruzados; foi reconstruida em 1710 e da informação do governador Luiz Antonio em 1770, vê-se, que neste anno possuia 11 canhões; mas no mappa de 1847 encontrão-se sómente 6.

Está collocada na margem do norte da bahia da Bertioga, sobre um morro fronteiro á ponta da armação da ilha de Santo-Amaro. Actualmente está completamente arruinada.

SÃO-LUIZ DA ARMAÇÃO

Situada sobre a ponta da armação das Baleias, foi fundada no seculo XVI para, com a precedente, defenderem a barra da Bertioga. Em 1765 foi reconstruida; e 33 annos depois, o governador Antonio Manoel de Mello Castro concedeu o posto de tenente-coronel a Antonio Francisco da Costa, por lhe haver montado 6 peças do calibre 12. Parece, que teve outr'ora o nome de *São-Philippe*, e posteriormente o de *São-Luiz* em honra ao governador, que a fez reconstruir. Apesar de sua bôa posição, só restão vestigios de suas muralhas.

ILHA DE SÃO-SEBASTIÃO

Esta ilha fórma com a villa Bella da Princesa uma bahia, pela qual facilmente se póde communicar para o interior pela grande estrada da Serra-Geral ou do Mar. E' portanto um porto importantissimo, que merece ser bem defendido, e teve para esse fim os seguintes fortes, construidos em 1820 pelo governador militar major Maximiliano Augusto Penido, todos os quaes em bôas posições, mas hoje arruinados.

Na barra do norte o forte da *Sepetuba*, situado na terra firme, com 3 canhões, em frente a elle, ao norte da ilha o forte do *Rabo-azêdo* com 4 canhões; o qual tendo uma fraca guarnição resistio em 18 de Novembro de 1826 a um ataque do almirante Brown com a corverta *Sarandy* e um brigue, obrigando-o a retirar-se.

No centro da bahia: o forte da *Cruz* na terra firme, com 2 canhões; e fronteiro a este, na ilha, o forte de *Villa-Bella* com 7 canhões, em completa ruina.

Na barra do sul: o forte do *Araçá*, na terra firme, com 6 peças; e na ilha, formando systema com elle, o forte da *Feiticeira*, armado com 3 canhões.

Além destes, houve ainda no norte da ilha e fóra da barra, o forte da ponta das *Canas*, começado em 1800, destinado a conter 18 bocas de fogo, mas não foi concluido por se ter reconhecido, que ficava izolado e sujeito a um golpe de mão. E' provavel, que delle nem existão vestigios.

CANANÉA.

Nesta barra ao sul da provincia existia antes de 1838 um forte; nesse anno, o marechal Daniel Pedro Muller, incumbido de inspeccionar as fortificações, reconhecendo a importancia da posição e o estado de ruina daquelle forte, projectou um outro, para ser construido na ponta chamada do Bicho, mas não teve execução.

Provincia do Paraná

Das duas bahias desta provincia, Paranaguá e Guaratuba, é aquella a mais importante, por servir ás cidades de Paranaguá e Antonina e ser o caminho directo para a capital. Está comprehendida entre as pontas de Superaguí e Ibopetuba, existindo nesse espaço as duas ilhas das Peças e do Mel, que fórmão trez barras, das quaes a do

centro é a mais profunda e desimpedida, e por isso a que é frequentada, pelas embarcações. Para a defesa dessa barra ha [78]:

FORTALEZA DE NOSSA SENHORA DOS PRAZERES.

Situada na ilha do Mel, na falda de um morro, que domina o canal grande, e é conhecido por *morro da Baleia*. Compõe-se suas obras de 4 cortinas de cantaria, formando um quadrilongo, na direcção N. S. e armadas com 12 bocas de fogo de calibres 30 a 18. Foi começada em 1767 pelo governador Luiz Antonio de Souza, que fez dirigir a obra por seu irmão o tenente coronel Affonso Botelho de Sampaio, á custa de uma subscripção forçada, aberta desde 1765 entre os moradores da villa, não obstante a indigencia delles; para dar execução á ordem do Marquez de Pombal, por saber que essa barra era frequentes vezes vizitada por piratas. Ficou concluida em 1769, salvando pela primeira vez no dia 25 de Março.

Em 1800 foi desarmada e conduzidas suas 6 peças para Santos, por ter sido julgada inutil, por dominal-a o morro adjacente; mas em 1826, por occasião dos ataques dos corsarios argentinos, foi novamente armada com 12 canhões. Cinco annos depois, foi incluida no desarmamento geral ordenado pela regencia; e por isso, quando em 1850 os crusadores inglezes detinhão os navios do commercio, mandando-os para Santa-Helena, ou incendiando-os, succedeu, que o vapor *Cormorant*, entrando a barra, aprizionou 5 embarcações, que ahi estavão ancoradas, prendeu-as umas ás outras, e tentando sahir com ellas a reboque, foi embaraçado pelo forte, cujo commandante, o capitão Joaquim Ferreira Barboza, ajudado pela tripolação dos navios apresados, visto não ter soldados, conseguio montar 10 canhões sobre pedras e páos, e com elles fez fogo ao vapor inglez, estragando-lhe a prôa e caixa das rodas. O vapor inglez, conduzindo então as presas para junto da Cotinga, lançou fogo a 4 e contentou-se em conduzir uma, disparando seus ca-

[78] V. *Apont. hist. de Paranaguá*, por Demetrio Ac. F. da Cruz. — *Dicc. de São-Paulo*, por Azevedo Marques.—*Rev. Trim.* 1855, 2ª.

nhões contra as ruinas da fortaleza até pôr-se fóra do alcance de sua desmantelada artilharia. E' provavel, que, com a bôa vontade de que deu prova o capitão Barboza, o vapor inglez pagasse caro o atrevimento, si houvesse *uma só peça* em bateria, pois que as 10 assestadas sobre pedras saltavão a cada tiro, sem que fôsse possivel com ellas dirigir a pontaria, que ia ao acaso.

ILHAS DAS PEÇAS

O nome desta ilha faz suppôr, que houvesse nella antigamente alguma bateria ou fortificação para cruzar o fogo com o da ilha fronteira; e foi junto a ella, que em 1718 naufragou o navio de um pirata francez, que entrou a barra perseguido por um galeão hespanhol, que voltava do Pacifico.

Em um officio do tenente coronel Affonso Botelho datado de 22 de Dezembro de 1771, impresso na *Rev. Trim.* 1855 2º, trata elle de um forte, que encontrára na entrada dos campos de Guarapuava, quando ia em viagem de exploração por ordem do governador, para escolher o sitio mais apropriado á construcção de uma fortaleza nessa região; desse forte, construido sob a invocação de Nossa Senhora do Carmo pelo tenente coronel Candido Xavier de Almeida Souza para defender o aldeiamento de indios, nucleo da hoje florescente cidade de Guarapuava, não existe actualmente vestigio algum.

Provincia de Santa-Catharina

A costa desta provincia e a ilha, onde se acha sua capital, estão situadas do modo o mais feliz em relação á navegação e commercio entre os dous Oceanos; entretanto só em meiados do seculo passado, receiando-se um ataque dos

Hespanhóes, é que se tratou de fortificar a ilha ; o que foi executado de fórma tão imperfeita que, com a maxima facilidade, cahio nas mãos de D. Pedro Ceballos em 1777. Recuperados no anno seguinte, em virtude de estipulação do tratado de Santo-Ildefonso, ficárão essas fortificações de tal maneira desacreditadas, que não se cuidou em melhoral-as para maior garantia da defeza futura; apenas depois de 1863 alguns reparos se fizerão em uma ou outra, bem como a nomeação de inspecções do estado dellas, tarefa esta facil pois não precisa grande exame para convencer-se de que a provincia está indefeza.

As obras, que constituião o seu systema de fortificações, erão : [79].

SÃO-JOSÉ DA PONTA GROSSA

Acha-se sobre uma elevação na costa occidental da ilha, na sua ponta do noroeste. Havia neste ponto uma trincheira construida em 1653, mas em 1740 o brigadeiro Silva Paes elevou a actual para defender a entrada da barra do norte, mas a posição é má, pois que, distando quasi uma legua da de Santa-Cruz, que lhe fica fronteira na ilha de oeste, é dominada completamente por uma montanha proxima e de facil accesso. Em 1765 quiz o governador Francisco de Souza Menezes attenuar esse defeito, mandando levantar na praia de léste o pequeno forte de *São-Caetano*, mas este por muito acanhado de pouco podia servir, tanto que em 1777, logo que começou a apparecer a esquadra de Ceballos, a sua guarnição abandonou-o, retirando-se para o fortaleza de São-José. Quanto a esta, no dia 24 de Fevereiro de de 1777 approximando-se-lhe uma náo hespanhola, a

---

[79] V. *Res. hist. da Prov. de Santa-Catharina*, pelo V. de São-Leopoldo, cap. 2º.— *Ann. do Rio de Janeiro*, 3º, cap. 2º. — *Mem. hist. do Rio de Janeiro*, 9º.— *Hist. Ger. do Brazil*, 2º, secção XLIV.

guarnição disparou-lhe dous tiros e immediatamente abandonou-a, sendo no mesmo dia occupada pelo coronel D. Ventura Caro.

Tem duas ordens de baterias, e n'ellas montava 29 canhões, e a inspecção de 1863 declarou, que a fortaleza nada mais era do que um montão de ruinas.

SANTA-CRUZ

Na pequena ilha de Anhatómirim, perto do continente, formando com este um canal de 80 braças de largura, e quasi á uma legua da fortaleza precedente. Começada em 1739, foi concluida 5 annos depois. Occupada em 1777 pelos Hespanhóes, diz o brigadeiro Antonio Carlos Furtado em sua defesa (*Ann. do R. J.* 3° cap. 1°) que esta fortaleza não tinha 50 peças, quando a metropole a suppunha com 90; e que tendo a esquadra de Mac Duall desamparado a barra, da qual constituia indispensavel defesa, foi a fortaleza abandonada, de modo que, quando na tarde de 24 de Fevereiro foi rodeada por cinco navios de guerra e intimada a que se rendesse, só estava guarnecida por dous soldados, sendo logo arvorada a bandeira hespanhola.

A sua posição é bôa para proteger a barra do norte, e melhor seria armada com artilharia de grande alcance, e si tambem estivesse fortificado o morro do continente, que a domina, podendo ser dahi hostilisada pelo inimigo, que viesse do lado da Armação. Em 1863 fez-se-lhe alguns reparos e melhoramentos, e actualmente tem uma bateria de canhoneiras, que olha para lesnordéste, com 31 canhões, dos quaes só 12 em estado de servir, outra á barbeta para o lado do Sul com 6 máos canhões, outra no flanco esquerdo com 6 canhões, inuteis, uma falsa-braga com 10 canhões, jogando a léste, norte, e noroéste, um ridente á barbeta com 3 canhões e 2 baterias semicirculares, jogando a sul e sudoéste, e defendendo o portão, com 8 canhões; total 64 bocas de fogo, das quaes só 12, que podem prestar serviço.

O aviso de 14 de Fevereiro de 1857 marcou-lhe a cathegeria de 2ª classe.

SANTO-ANTONIO

Situada na maior das duas ilhas do Ratones, em frente á boca do rio do mesmo nome, a 350 braças da ilha de Santa-Catharina, e a um terço da distancia entre a barra do norte e o estreito. Está em bôa posição, podendo prestar serviço, si fôr armada com artilharia de grande alcance; pois que della até o estreito, diminue o fundo do ancoradouro, tornando difficil o accesso de grandes navios, que demandão mais de 12 palmos de agua.

Tem uma só bateria a barbeta e espaço muito limitado para o serviço de seus 12 canhões, a maior parte dos quaes, assim como a fortaleza em máo estado.

SANT'ANNA

Forte assentado em bôa posição, sobre uma collina na margem léste do estreito, que nesse ponto tem apenas 180 braças de largura. Foi planejado pelo engenheiro José Custodio de Sá Faria e executado em 1763, ficando armado com 9 canhões; mas tem por padrasto o morro, a que se encosta. Diz Pizarro (*Ann.* 9° pg. 271) que o morro de *Rita-Maria*, que lhe fica proximo, é a melhor posição para uma bôa fortaleza, por dominar o estreito o forte de Sant'Anna, a praia de fóra e a cidade. Este forte serve para a policia do porto.

SÃO-JOÃO

Bateria formada de faxina na margem opposta do estreito, levantada em 1793 e armada com 6 canhões pelo sargento-mór Joaquim Corrêa da Serra, por ordem do governador João Alberto de Miranda; foi depois demolida, servindo de deposito de polvora. Posteriormente foi projectado um forte nesse ponto, attendendo á bondade que póde ter para cruzar os fogos com o forte de Sant'Anna, defendendo efficazmente e estreito.

FORTALEZA DA CONCEIÇÃO DA BARRA DO SUL

Assentada em uma ilhota de pedra ao sul da ilha de Santa-Catharina entre a ponta dos Naufragados, as ilhas dos Papagaios e a praia da Araçatuba. Foi construida pelo brigadeiro Silva Paes, em 1742, tem a fórma circular, com 4 braças de raio e armada de 9 canhões. Posteriormente foi reforçada com mais 6, contando actualmente 15, e o estado de suas muralhas é o de completa ruina, apezar de ser excellente a sua posição inaccessivel, dominando o canal do sul, visto que a passagem entre as ilhas dos Papagaios e a praia da Araçatuba é impraticavel. Ultimamente houve ordem para serem recolhidos á côrte 6 de seus canhões de bronze, aos quaes se attribue elevado valor archeologico.

Para defeza da ilha de Santa-Catharina houve ainda os seguintes, que estão desmantelados ou só lhes resta a tradicção:

São-Luiz

Bateria de 4 canhões levantada em 1770 pelo sargento-mór Francisco José da Rosa, na Praia de Fóra e a léste do forte de Sant'Anna, para com ella defender a cidade de um desembarque na costa do norte.

São-Francisco Xavier

Construida em 1763 pelo governador Francisco Cardoso de Menezes, e plano de José Custodio de Sá Faria; montava 2 canhões e tinha por fim proteger a cidade, estando situada entre o forte de Sant'Anna e a Praia de Fóra.

São-Caetano

Pequeno forte com 6 peças, a léste de São-José. Já delle se tratou ácima.

Santa-Barbara

Bateria levantada no tempo do governador João Alberto de Miranda Ribeiro, a fim de defender a praia ao

sul da cidade; servio depois de hospital militar é ultimamente houve projecto de estabelecer-se nesse ponto a alfandega.

Forte da Lagôa

Situado na praia desse nome, na costa de léste da ilha, perto da ponta da Galheta, abaixo da ilha das Aranhas; tinha por fim guardar o ancoradouro da Lagôa.

Forte do Ribeirão

Ao norte da ponta Caiacangussú, junto a freguezia do Ribeirão. Nada mais sobre este e o precedente, mas suas posições achão-se indicadas na carta levantada em 1842 por José Joaquim Machado de Oliveira.

Bateria de João-Mendes

Na ponta desse nome, ao sul da cidade e de fronte da ilha das vinhas; encontra-se ainda designada na moderna planta da cidade traçada pelo major Antonio Florencio Pereira do Lago.

Em outros pontos da costa da provincia, existirão as seguintes fortificações:

São-Francisco

Houve em 1826 uma bateria na margem esquerda do rio desse nome, legua e meia distante da cidade; era de pau a pique e montava 4 canhões. Nada mais existe della.

Imbituba

Na ponta que fica ao norte da barra da Laguna e della distante 5 leguas, houve tambem uma bateria sem importancia, da qual nem os vestigios existem.

Barra da Laguna

Bateria levantada pelos rebeldes do Rio-Grande do Sul em 1839: tomada em 15 de Novembro desse anno, foi demolida logo depois.

Provincia do Rio-Grande do Sul

Muito tem soffrido o territorio desta provincia, com as diversas invasões dos Hespanhóes, com a resistencia dos Tapes e Guaranis aos trabalhos das demarcações, com as incursões de Artigas em 1816 e 1819, com o periodo da revolução de 1835 a 1844 e ainda ultimamente com a invasão dos Paraguayos, que a devastárão desde São-Borja até a Uruguaiana. Esta invasão e a correria, no anno anterior, de alguns caudilhos orientaes contra a cidade de Jaguarão, fizerão sobresahir o estado de desamparo em que se achava uma extensa e riquissima fronteira de mais de 400 leguas, limitando com dous estados que não primão pela tranquilidade e amor da paz. Desde essa época é, que tratou-se de inspeccionar as fortificações e de erguer algumas obras de defesa; para cujo fim acha-se, ha alguns annos, na provincia uma commissão de officiaes e uma ala do batalhão de engenheiros, occupados em trabalhos dessa natureza.

Das fortificações existentes em varios pontos, mencionaremos as seguintes:[89]

RIO-GRANDE

As forticações dessa cidade tem soffrido continuadas alterações, devidas ás guerra e á natureza movediça de terreno. As primeiras obras de defesa datárão de 1737, quando as foi executar o brigadeiro José da Silva Paes, e sendo depois augmentadas foi em 1776 que contou o maior numero dellas, quando foi atacada pelo general Vertiz e defendida por João Henrique Böhm e Mac Duall: e esse respeito será consultada com interesse a descripção planta e que se acha na obra de Varnhagen (*Hist. Ger. Brazil*, 2º pag. 223), indicando as posições dos Portuguezes

---

[89] V. *Ann. do Rio-Grande do Sul*, pelo V. de São-Leopoldo.— *Hist. Ger. do Brazil*, 2º, secção XLIV.— *Dicc. do Rio-Grande do Sul*, por Araujo e Silva.— *Relatorios da guerra* de 1868, 1874 e 1876.— *Rev. Trim. do Instit.* de 1842.

em São-José do Norte, e a dos Hespanhóes na villa do Rio-Grande até ser esta evacuada depois da sorpreza e victoria de 1 de Abril desse mesmo anno.

Depois d ssa época ficou apenas existindo uma linha de fortificações no isthmo, para cobrir a cidade do lado da campanha, mas a dupla acção do tempo e das areias facilmente a distruirão. Entretanto, pela importancia da posição em relação ao unico porto e a cidade mais commercial da provincia, foi essa fortificação declarada de 1ª classe pelo aviso de 27 de Junho de 1857.

JAGUARÃO

Posição de importancia pelo seu commercio e em frente á villa oriental de Artigas, foi accommettida em 1834 por uma força sob o mando de Muñoz, e repellida pelos habitantes, valendo-se das antigas trincheiras que ali havião. Em 1865 foi projectada e começada uma extensa linha continua, circumscrevendo a cidade e apoiando as extremidades na margem esquerda do rio. O brigadeiro Ricardo Jardim, inspeccionando-a em 1867, reprovou tal projecto por dispendioso e sujeito aos inconvenientes muito conhecidos, que tem contra si linhas continuas ; e aconselhou, que fossem sustadas as obras e em seu logar construido o forte projectado e iniciado outr'ora pelo general Andréa, no logar chamado *Cerrito*, na proximidade da cidade. Similhantemente manifestou-se o coronel Sebastião Chagas em sua inspecção de 1877.

BAGÉ

Não sabemos, si anteriormente a 1865 havia nesse ponto alguma fortificação; em 1867 o brigadeiro Ricardo Jardim encontrou em principio de execução uma linha de 14 obras destacadas, cobrindo a cidade e seus arredores, a qual mereceu a sua approvação, propondo que fôssem

continuadas por achar que tinhão sido judiciosa e economicamente delineadas. Com ellas tambem concordou o coronel Sebastião Chagas, quando informou acerca das fortificações da provincia em Junho de 1877.

SANT'ANNA DO LIVRAMENTO

Esta cidade, pela sua singular posição sobre a linha divisoria, não póde dispensar algumas obras de defesa, e com effeito achão-se em construcção quatro redutos do systema passageiro, de terra revestida e situados de modo a auxiliarem-se reciprocamente na protecção á cidade e circumvizinhanças.

CAÇAPAVA

Para defender esta posição foi projectada em 1865 e iniciada pouco depois uma serie de obras de construcção passageira, com tão grande desenvolvimento que, durante a inspecção Jardim, verificou, que já se havia despendido grossa quantia, e muito ainda necessitava para sua conclusão. Desapprovando-as, o referido inspector propôz, que fôsse continuado e concluido um forte hexagonal permanente, que devia servir de reduto, feitas algumas correcções na parte construida.

SÃO-GABRIEL

Comquanto não esteja muito junto á divisa, é este ponto importantissimo sob o ponto de vista militar pela excellencia de sua collocação e facilidade de communicações delle para os pontos mais notaveis das fronteiras. Tomando conta do commando do exercito legal em 1842, o general Caxias considerou essa posição como optima para um deposito de guerra e o guarneceu e fortificou. Dessa fortificação creio, que não existem vestigios, assim como nenhuma outra foi construida nessa cidade.

URUGUAIANA.

Os Paraguayos, occupando esta florescente cidade em Agosto de 1865, fortificárão-a muito imperfeitamente do lado de terra e ahi se sustentárão até a capitulação de 18 de Setembro. Attendendo-se posteriormente á consideração que ella merece, encarada militar e commercialmente, tratou-se de defendêl-a com mais regularidade; e para isso construio-se o forte *Caxias* sobre a barranca do Uruguay, de alvenaria de tijolo, com capacidade para montar 4 canhões; e bem assim algumas obras destacadas, formando systema, destinadas á defesa da parte oriental da cidade, do lado da campanha.

Mais ao sul dessa cidade, em frente ao passo de Sant'Anna, houve ordem ultimamente para elevar-se uma fortificação.

Fóra essas, houve antigamente as seguintes, das quaes todas ou da maior parte só resta a memoria ou a noticia nos livros:

Porto-alegre

Por occasião da revolução da provincia e sitio da capital, fôrão elevadas nesta varias obras de defesa, sendo a principal uma linha continua, entre a cidade e a varzea, apoiando-se no Riaxo e no Guahiba; demolida successivamente com o progresso da cidade, nenhum vestigio resta.

São-José do Norte

Foi fortificada em 1773 por ordem do governador José Marcellino de Figueiredo, para defendêl-a da invasão de D. João de Vertiz, compondo-se então do forte de *São-José* com um baluarte a cavalleiro, e um reduto no pontal da barra, montando tudo 9 bocas de fogo. Erão as ruinas destas fortificações, que, guarnecidas pela força legal, resistirão em 16 de Julho de 1840, ao ataque do exercito republicano

commandado por Bento Gonçalves e David Canabarro, sendo tomada e retomada com grande mortandade para ambos os lados.

Itapuan

Na ponta interior desse morro existia o principio de uma fortaleza projectada pelos antigos jesuitas ; os rebeldes aproveitando-se das ruinas, levantárão em 1835 uma bateria para dominar as approximações de Porto-Alegre e foz do Jacuhy, mas foi tomada e destruida por Greenfell.

Alegrete

Em 1842 o coronel Arruda occupava essa posição com 700 homens; acommettido por Canabarro com força dupla, Arruda fortifica-se em um potreiro e ahi resiste durante 5 dias a todos os ataques de seu valente adversario, até que, soccorrido, retirão-se precipitadamente os rebeldes.

Santo-Amaro

Forte construido por José da Silva Paes, em 1737, na margem esquerda do rio Jacuhy, afim de cobrir a linha do Taquary e a do Rio-Pardo, que era então a nossa divisa.

Jesus, Maria e José do Rio-Pardo

Forte construido durante a demarcação de 1752 na margem esquerda desse rio, que, pelo tratado de 1750, era a nossa fronteira. Em Março e Abril de 1754 foi atacado pelos Tapes, que são rechassados ; e depois da campanha de Missões, morte do chefe Tiarayú e submissão do padre Lourenço Balda, Gomes Freire volta a esse forte, encontra a mercê do Conde de Bobadella e dahi volta para o Rio de Janeiro. Em 1773 D. João José de Vertiz ia com tenção de atacar esse forte, mas não realiza o intento por haver o sargento-mór Rafael Pinto Bandeira batido a sua vanguarda, fazendo fugir o corpo de D. Bruno Zabala, que ia reunir-se a ella, para juntos tentarem a empreza.

Santa-Tecla

Forte fundado por D. José Vertiz, nas pontas do Rio-Negro perto da confluencia do Pirahizinho, quando resolveu atravessar a provincia par ir atacar o forte do Rio-Pardo. Sitiado pelo mesmo Rafael Bandeira, rendeu-se a 23 de Março de 1776, sendo incendiado e arrazado no dia seguinte. Segundo uma informação do vice-rei Luiz de Vasconcelllos, a sua fórma era um pentagono irregular, e compunha-se de 3 baluartes e dous meios baluartes construidos de torrão, sem maior resguardo; e que além de não impedir os contrabandos, era um motivo de discordia entre os vassallos dos dous dominios.

São-Martinho

Trincheira construida na povoação de Santa Maria da Boca do Monte, em cima da serra, assaltada e tomada pelo sargento-mór Rafael Bandeira em 31 de Outubro de 1776, foi logo arrazada. Era posição forte por sua natureza,e importante por ser a chave das Missões guaranis.

São-Gonçalo

Forte erigido em 1755 na margem do rio Piratinin, perto do sangradouro da Lagôa-Mirim, com o fim de guardar os depositos de viveres da commissão demarcadora, ameaçados pelos indios.

São-Caetano

Reduto ao norte do Rio-Grande, levantado pelo governador José Custodio, em frente ás guardas castelhanas.

Santa-Barbara

Fortificação levantada na margem do arroio desse nome; era guarnecida por 500 soldados e muitos indios e 5 canhões, sob as ordens de D. Antonio Catani, quando foi assaltada e tomada pelos Paulistas, que guarnecião o

forte do Rio-Pardo: e trouxerão para este a artilharia e munições, que era o que armava o mesmo forte, quando foi ameaçado pela vanguarda de D. José de Vertiz.

Jesus Maria e José

Santa-Anna

São-Miguel

Fortificações erigidas por Silva Paes em 1737, ao sul da barra do Rio-Grande; o 1.º na costa do Oceano perto do arroio Chuy; o 2.º meia legua mais para interior; e o 3.º na serra do mesmo nome, servindo de posto avançado para impedir uma sorpreza dos Hespanhóes. Este, assim como o de *Santa-Thereza*, tambem theatro de muitos combates, existião na antiga linha de limites de Castilhos-Grandes, que perdemos pela actual, do arroio Chuy.

Provincia de Minas-Geraes e de Goiaz

Graças á posição central destas duas grandes provincias, seus territorios não tem sido talados por invasores; e por isso nenhuma necessidade têm de fortalezas ou quaesquer obras de defesa.

Provincia de Mato-Grosso

Esta immensa provincia confina com dous estados estrangeiros por meio de rios caudalosos, como o Iguatemy, o Apa, o Paraguay, o Verde e o Guaporé, para proteger a navegação dos quaes e para oppôr-se a injustas pretenções dos visinhos fôrão elevadas as seguintes fortificações:[81]

[81] V. *Mem. hist. do Rio de Janeiro*, 9º, *Hist. dos indios Cavalleiros*, por F. R. Prado.— *Hist. Ger. do Brazil*, 2º.— *Corogr. Brasilica*, de Casal, 1º.— *Rev. Trim. do Instit.* 1849, 1857, 1862, 1865, 1874, que contém as *Memorias* de Ricardo Franco, Leverger, Dr. Lacerda Almeida, Rodrigues Prado, etc.— *Viagem ao redor do Brazil*, pelo Dr. João Severiano.— *Apontamentos para o Dicc. Corogr.* pelo Barão de Melgaço.

FORTE DE COIMBRA

Querendo o governador Luiz de Albuquerque Mello Caceres guardar as bocas do Mondego e do Taquary, mandou em 1775 e capitão Mathias Pereira da Costa com uma expedição de canôas armadas explorar o rio Paraguay, e fundou um presidio no logar chamado *Fêcho dos Morros*; mas Mathias enganando-se na posição, construio uma estacada irregular sobre a margem direita do rio, em um ponto, onde 2 morros fórmão uma especie de desfiladeiro, e deu-lhe o nome de *Nova-Coimbra*; foi porém esta tão malfadada, que soffreu pouco depois um incendio, que a destruio em parte, e 2 annos depois foi atacada pelos Guaicurús, que praticárão varias atrocidades.

O governador João de Albuquerque, achando mais politico procurar attrahir os selvagens do que irrital-os, incumbio dessa empreza em 1789 o sargento-mór Joaquim José Ferreira, commandante do forte; e este de tal fórma cumprio sua delicada tarefa, que 2 annos depois os principaes chefes João Queima e Paulo Ferreira assignarão na capital, perante o governador e com toda a solemnidade, um convenio de paz, que foi sempre guardado com fidelidade. Apezar de vencida esta grande difficuldade, a posição desse forte era tão defeituosa que, necessitando de reparos em 1797, o governador Caetano Pinto Miranda Montenegro, tendo em vista assegurar melhor a posição contra os Hespanhóes, que acabavão de levantar os fortes *Bourbon* e *São-Carlos*, resolveu mandar erigir mais solida fortificação, não no mesmo sitio, mas *na ponto do morro, onde fazem um grande angulo obtuzo dous compridos estirões do Paraguay, que ficárão flanqueados pelo novo forte, o que não faria a antiga estacada* (Ricardo Franco de A. Serra, *Diario* em 1796). Foi incumbido da construcção o mesmo coronel Ricardo Franco, que, tendo chegado á provincia em 1782, prestou a ella 27 annos de relevantes serviços com a penna, e com a espada, dos quaes 12 como commandante do novo forte, onde falleceu em 1809.

O illustre almirante Augusto Leverger, barão de

Melgaço, descrevendo este forte diz, que: é uma fortificação irregular em baterias, que com 10 canhoneiras offerecem fogos cruzados sobre o rio, e 2 pequenos baluartes, cujas muralha sssão mui baixas e asseteiradas, bem como as cortinas que unem os ditos baluartes entre si e com as baterias. Estas tão sómente são em terreno horizontal; tudo o mais estende-se pelo morro acima, em ladeira ingreme, e o interior do forte fica completamente descoberto. Nas cheias (accrescenta elle) alaga-se a vizinha campanha e póde-se em canôa rodear os morros, tanto de um como de outro lado do rio; este facto é o principal argumento que apresentão contra a utilidade do forte; advertirei porém, 1.° que é bastante limitado o tempo durante o qual se póde fazer essa navegação ; 2.° que para ser praticavel a embarcações de algum porte é de mister, que a cheia seja extraordinaria.

Em 1851 foi o seu armamento augmentado com 4 peças de 24 e algumas de 6 e 9, que existião ha perto de 30 annos nas margens do Guaporé, distinadas ao forte do Principe da Beira; mas dellas algumas só poderião servir para espantalho, na phrase do mesmo almirante.

O forte Nova-Coimbra tem na sua existencia 2 datas muito notaveis. A 1.ª de 16 a 25 de Setembro de 1801, em que sob o commando de Ricardo Franco resistio valorosamente a todo o poder de D. Lazaro Ribera, governador do Paraguay, fazendo-o retirar com perda e com vergonha. A 2.ª de 27 e 28 de Dezembro de 1864, em que, sob as ordens do tenente-coronel Porto carreiro, resistio tambem com gloria a uma força de 6.000 Paraguayos com 12 bocas de fogo, 5 vapores e muitas embarcações dirigidas pelos coroneis Barrios e Resquin, fazendo uma retirada, sem perda alguma e depois de esgotadas as munições e recursos.

Os Paraguayos conservárão-se de posse deste forte até Abril de 1868, época em que, sendo necessarios para oppor-se á marcha da victoria do Marquez de Caxias, o abandonárão, conduzindo a artilharia e tudo que nelle existia.

Depois de concluida a guerra em 1870, achando-se quasi completamente desmantelado e reduzido aos alicerces, foi elle reconstruido e melhorado pelo major Joaquim da Gama Lobo d'Eça.

CORUMBÁ

Presidio fundado em 1778 por ordem do governador Luiz de Albuquerque, na margem direita e acima de Nova-Coimbra e em honra ao governador teve o nome de *Albuquerque Velho*. Occupada pelos Paraguayos em 3 de Janeiro de 1865, foi por elles fortificada com trincheiras regulares armadas com 6 canhões, e ahi se mantiverão até Junho de 1867. No dia 13 desse mez foi tomada de assalto pelo 1° batalhão provisorio commandado pelo major Antonio Maria Coelho, tendo sido tão energica a defesa, que ficárão mortos todos os officiaes paraguayos e quasi todos os soldados, exceptuando apenas os 27 prisioneiros, e esses mesmos feridos. Esta victoria trouxe o grande resultado da evacuação dos pontos de São-Joaquim, Pirapitangas, Urucú e Albuquerque, que com outros anteriormente abandonados constituião o districto militar do Alto Paraguay. Evadida a posição pelas forças brazileiras por causa do flagello da bexiga, foi novamente occupada por Paraguayos em 8 de Julho até Abril de 1868, em que de uma vez a abandonárão.

Terminada a guerra fôrão planejadas novas fortificações pelo major Joaquim da Gama; e segundo communicações officiaes, compõe-se ellas de uma linha continua com baluartes cobrindo a villa, com proporções para admittir 60 canhões, e o forte do *Limoeiro*, á margem do rio, uma milha abaixo da villa, crusando fogos na direcção do canal com os fortins *São-Francisco*, *Junqueira*, *Conde d'Eu*, *Duque de Caxias* e *Major Gama*, construidos durante as administrações do coronel Cardoso e brigadeiro Hermes.

A posição é excellente, o porto capaz de receber nāos, e as fortificações bem delineadas; é pena porém (diz o Dr. João Severiano, *Viagem ao redor do Brazil*), que só se limpe o mato, que nellas cresce, quando se espera a visita do presidente e autoridades da provincia.

LADARIO

Posição fortificada, na margem direita do rio Paraguay, 2 leguas abaixo do porto de Corumbá, onde em 1873

foi fundado o arsenal de marinha da provincia. Seus meios de defesa consistem em 3 baterias á barbeta dominando o lado do rio, e dos lados de léste e sul uma linha quebrada e continua, circumscrevendo todas as officinas e dependencias. Segundo diz o Barão de Melgaço (almirante Augusto Leverger) foi neste local, que a principio se fundou a povoação de Albuquerque, hoje Corumbá.

MELGAÇO

Durante a invasão paraguaya, o almirante Augusto Leverger fez fortificar este ponto, na margem esquerda do Cuiabá, pouco abaixo da capital, e offereceu-se para fazer este serviço. Com elle animarão-se os habitantes, e o inimigo não proseguio sua marcha rio acima; pelo que o governo imperial galardoou o benemerito militar com o titulo de Barão de Melgaço.

PRINCIPE DA BEIRA

Sobre a margem direita do rio Guaporé, a oéste da foz do Itonamas, 20,5 leguas acima da confluencia do Mamoré, no logar da antiga missão hespanhola de Santa-Rosa, foi fundado em meiado do seculo passado pelo governador D. Antonio Rolim um forte com o nome de *Conceição*, mudado para *Bragança* em 1768. Achando-se arruinado em 1776, o governador Luiz de Albuquerque escolheo localidade mais propria para a defesa, pouco distante do velho forte, e em 20 de Julho lançou os fundamentos da fortaleza do *Principe da Beira*, tendo a fórma de um quadrado abaluartado segundo o traçado de Vauban, e dedicados os baluartes a Nossa Senhora de Conceição, Santa-Barbara, Santo-Antonio, e Santo-André.

Esta fortaleza destinada a receber 56 canhões só ficou concluida em 1783, custando quantia muito avultada e sendo necessario vencer difficultades enormes.

Monsenhor Pizarro descrevendo-a diz, que « era de cantaria, com um portão magestozo na face de norte,

tendo na frente um revelim com ponte levadiça, um famoso fosso, cisterna, paiol subterraneo, hospital, armazens, quarteis, prisões, capella, casa do governador, etc., sem que de fóra se veja algum desses edificios, não havendo outra similhante a excepção da de São-José de Macapá. »

A sua posição é excellente, pois della se póde interceptar toda a communicação fluvial para a provincia de Môxos no Estado vizinho; entretanto parece, que foi censurada a escolha desse ponto, porque o autor do *Diario do Madeira* (Rev. Trim. 1857) depois de celebrar a escellencia da localidade, accrescenta: « Faço esta reflexão por saber os infundados prejuizos, que têm espalhado contra ella algumas pessoas, que desapprovão o que não entendem, e passárão por este logar de olhos fechados. » E o illustre Ricardo Franco, cuja opinião é a mais autorizada na sua *descripção* escripta em 1797, pronuncia-se vivamente a favor dessa fortaleza e mais estabelecimentos, que garantão a navegação dos grandes rios dessa região.

Em 1864 ainda havia ahi uma guarnição de 10 soldados, dos quaes existião trez effectivamente e os outros erão destacados nas Pedras e no Itonamas ; a população estava reduzida a poucos individuos, indios ou mestiços, que todos têm abandonado agora essas regiões totalmente desertas.

Houve mais no extenso territorio da provincia os seguintes :

Nossa Senhora dos Prazeres

Para cumprir uma ordem do Marquez de Pombal o governador de São-Paulo Luiz Antonio de Souza mandou construir uma fortaleza, que obstasse a invasão dos Hespanhóes pela fronteira do Iguatemy. Escolhido o local na margem esquerda deste rio, perto da foz do rio das Bogas, em sitio fertillissimo, abundante de campos e matas e muito proprio para a defesa, foi o capitão João Martins de Barros com 326 Paulistas levantar a fortaleza, a qual ficou tendo do lado de terra 5 baluartes e 2 meios baluartes, formando 6 frentes abaluartadas, a cavalleiro da esplanada vizinha. Começada em 1765, achava-se

prompta em 1770 e armada com 14 bocas de fogo, segundo informou em Junho deste anno o governador Luiz Pinto.

Em 1774 foi atacada pelos Guaicurús, que matárão varias pessoas e destruirão propriedades circumvizinhas; e trez annos depois, antes que chegasse ao Paraguay a noticia da suspensão d'armas (ou si chegou a tempo, foi ahi dissimulada, diz Varnhagen), o governador D. Agostinho Penedo com uma grande força de Hespanhóes e indios, assaltou-a e demolio parte. Ainda devem existir vestigios della, pois que ainda em 1854 havião ruinas, nas quaes esteve o sertanista Joaquim Francisco Lopes, quando, por ordem do governo, foi explorar os rios Escopil e Iguatemy.

Miranda

O governador Caetano Pinto de Miranda Montenegro, querendo embaraçar as incursões dos Hespanhóes, mandou fundar um presidio em 1797 na margem direita do rio Mboteteu, 30 leguas distante do forte de Nova-Coimbra e 36 do forte hespanhol de São Carlos sobre o Apa; e para sua segurança foi construido um reduto rectangular com um redente no meio de cada face. O major Luiz d'Alincourt, na exploração que fez em 1826, encontrou as fortificações inteiramente abertas e arruinadas. Em 1860 foi ahi fundada uma colonia militar para auxiliar a navegação e commercio entre as provincias do Paraná e Mato-Grosso, e destruida pelos Paraguayos em principios de 1865.

Nesse mesmo anno a commissão de engenheiros incumbida de reconhecer a zona do rio Taquary a Miranda informou, que este ponto não tem significação alguma sob o ponto de vista militar, não preenchendo nenhuma condição que mereça a qualificação de chave do Baixo Paraguay, preconisada por alguns, ao passo que é um fóco de febres intermittentes perigosas.

Presidios

De *Albuquerque* e de *Villa-Maria* na margem do rio Paraguay; de *Palmella*, das *Pedras*, de *Lamego* e de *Viseu*

na margem do rio Guaporé, fundados quasi todos pelo governador Luiz de Albuquerque, para impedir as invasões dos Hespanhóes e dos selvagens, bem como para defender a navegação e commercio entre as provincias de Mato-Grosso e Pará. Para garantir a guarnição desses pontos e augmenrar a força moral, erão dotados de ligeiras fortificações e trincheiras; das quaes é natural, que não se encontrem hoje vestigios, assim como de quaesquer outros presidios e colonias militares, desta e de outras provincias, de que aqui não fazemos menção por não termos a respeito informação alguma.